



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Juliana de Almeida Ribeiro da Costa

**“E viveram felizes... até o próximo casamento”: o recasamento e a
emergência de novas subjetividades**

Rio de Janeiro

2010

Juliana de Almeida Ribeiro da Costa

“E viveram felizes... até o próximo casamento”: o recasamento e a emergência de novas subjetividades

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Área de concentração: Psicologia Social.



Orientadora: Prof. Dr.^a Anna Paula Uziel

Rio de Janeiro

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ /REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

C837 Costa, Juliana de Almeida Ribeiro da.
“E viveram felizes... até o próximo casamento” : o
recasamento e a emergência de novas subjetividades / Juliana
de Almeida Ribeiro da Costa. - 2010.
120 f.

Orientadora: Anna Paula Uziel.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio
de Janeiro, Instituto de Psicologia.

1. Segundas núpcias - Teses. 2. Psicologia clínica – Teses.
3. Casamento – Aspectos sociais – Teses. 4. Separação
(Psicologia) – Teses. I. Uziel, Anna Paula. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

dc CDU 159.9:173.1

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação.

Assinatura

Data

Juliana de Almeida Ribeiro da Costa

“E viveram felizes... até o próximo casamento”: o recasamento e a emergência de novas subjetividades

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Área de concentração: Psicologia Social.

Aprovada em 30 de junho de 2010.

Banca Examinadora: _____

Prof.^a Dr.^a Anna Paula Uziel (Orientadora)

Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a Jane Araújo Russo

Instituto de Medicina Social – UERJ

Prof.^a Dr.^a Junia de Vilhena

Departamento de Psicologia – PUC-RJ

Rio de Janeiro

2010

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me susteve durante todo esse percurso, especialmente nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, que possibilitaram o início dessa caminhada e, até hoje, estão ao meu lado. O amor de vocês é fundamental.

Ao Raphael, meu marido e, sobretudo, grande companheiro, pela compreensão, por me permitir compartilhar nossas vidas, nosso amor, e tudo que eles produzem.

À minha avó Cantilda, pela lembrança tão intensa e presente nesses momentos.

Aos meus familiares, e em especial à minha Tia Claudete, pela compreensão e apoio.

A Anna, pela orientação carinhosa e tão singular, pelas palavras de incentivo e a serenidade transmitidas nos momentos mais cruciais. Obrigada pelas orientações virtuais e por aquelas na “vida real”, que fazem com que trabalhar com você seja sempre muito especial.

Às mulheres que participaram desta pesquisa, disponibilizando seus tempos e suas emoções, e me permitindo compartilhar em nossos encontros a reconstrução de suas próprias histórias de vida.

Ao Cesar, pelo carinho, incentivo, ajudas e leitura cuidadosa da pesquisa.

A Regina, pelas conversas na hora do almoço ou por e-mail, por toda a sua organização e por compartilhar esse caminho comigo, desde o início, de maneira tão carinhosa.

A Tati, pelo incentivo, pelas dicas e pela torcida desde a seleção.

A Flavy e a Márcia, pelas alegrias, ansiedades e angústias compartilhadas nessa jornada.

Aos meus amigos mais do que especiais, Bárbara, Felipe, Lailah, Ligia e Marcelo, por compreenderem minhas ausências nesse período e por sempre torcerem pelo meu sucesso.

À minha equipe de trabalho e gestores, pela compreensão e apoio que me permitiram investir nesse projeto.

A todos à minha volta que, de alguma maneira, contribuíram para a conquista desse grande sonho.

É isso o que me parece interessante nas vidas: os buracos que comportam, as lacunas – às vezes dramáticas, às vezes nem tanto. Catalepsias ou uma espécie de sonambulismo por vários anos: muitas vidas comportam esse tipo de coisa. É talvez nesses buracos que se faz o movimento. Pois a questão é bem a de como fazer o movimento, como furar o muro, de modo a não dar mais cabeçada.

Gilles Deleuze

RESUMO

COSTA, Juliana de Almeida Ribeiro da. *“E viveram felizes... até o próximo casamento”*: o recasamento e a emergência de novas subjetividades. 2010. 120 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

Inúmeras mudanças têm sido observadas no âmbito da conjugalidade, desde a variedade de arranjos conjugais, até as diferentes concepções sobre o casamento e a família e os sentidos do estabelecimento desses vínculos, configurando a relação conjugal cada vez mais como passível de rompimento. Nesse contexto, dados estatísticos (IBGE, 2008) tem apontado para um número crescente de separações, além de uma progressão na quantidade de pessoas que, após esse processo, optam por se envolver em uma segunda relação conjugal. Diante da escassez de pesquisas voltadas para o estudo do recasamento, e especialmente às questões específicas dessa nova relação conjugal, o presente trabalho pretende colocar em discussão esse processo e as possíveis mudanças decorrentes do mesmo. Inicialmente, são abordados a separação e o recasamento como disparadores de mudanças sócio-culturais (ao mesmo tempo em que são engendrados por elas), além do movimento durante o qual o amor passa a estar atrelado ao casamento, até o momento em que se configura como razão para o estabelecimento desse vínculo. A partir do referencial teórico da Esquizoanálise e assumindo como norteador o método cartográfico, foram realizadas oito entrevistas com mulheres atualmente casadas, ao menos, pela segunda vez. Após esses encontros, foi possível a identificação de experiências extremamente singulares. São apresentadas as vivências dessas mulheres no período após a separação, no que se refere ao desejo por se casar pela segunda vez, aos relacionamentos estabelecidos entre os dois casamentos, às expectativas para o segundo casamento, entre outros aspectos. São também apontadas as especificidades dessa nova relação conjugal, estabelecida após uma separação, abordando as dimensões da administração da vida cotidiana, da vida financeira, bem como a vida sexual e reprodutiva. Após esta pesquisa, foi possível identificar o recasamento como um tema relevante para o desenvolvimento de diversos outros estudos, tendo em vista a diversidade de fatores envolvidos nesse processo, em face às constantes mudanças nas concepções sobre conjugalidade e separação e a escassez de trabalhos sobre o assunto.

Palavras-chave: Recasamento. Conjugalidade. Separação.

ABSTRACT

COSTA, Juliana de Almeida Ribeiro da. *“And they lived happily... until the next marriage”*: the remarriage and the emergency of news subjectivities. 2010. 120 f. Dissertation (Master Degree in Social Psychology) – Psychology Institute, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

A lot of changes have been noticed in the marital scope, from the variety of conjugal arrangements, until the different conceptions about marriage, family and the meanings of these links establishment, configuring the conjugal relation as more possible to be broken up each time. In this context, statistical data (IBGE, 2008) pointed to an increasing number of separations, beyond a progression in the number of people that, after this process, choose to get into another conjugal relation. Considering the researches scarcity about remarriage, and specially, about specific issues of this new conjugal relation, the present work intends to discuss this process and the possible changes that it can lead. Initially, the separation and the remarriage are approached as a trigger for social and cultural changes (at the same time that they are produced by them), beyond the movement during which love becomes connected to marriage, until the moment that it is configured as a reason to this bond establishment. Based on the Schizoanalysis theoretical reference, and adopting the cartographic method as a guiding, eight interviews have been carried out with women that are presently married, at least, for the second time. After these meetings, it was possible to identify extremely special experiences. Their experiences after the separation period are presented here. They refer to the desire of getting married for the second time, the relationships that they had between both marriages, the expectations for the second marriage, among other issues. The specificities of this new conjugal relation are also indicated, established after the separation, dealing with the dimensions of managing the daily routine, the financial situation and the sexual and reproductive lives. After this research, it was possible to identify the remarriage as an important subject to the development of many other studies, considering the diversity of the factors involved in this process, in face of the constant changes in the conjugality and separation conceptions and the scarcity of works about this subject.

Key words: Remarriage. Conjugality. Separation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. CONJUGALIDADES E SEUS MOVIMENTOS	12
1.1 Separação/divórcio, recasamento e mudanças sociais	12
1.2 Revisão bibliográfica: o recasamento e o “estado da arte”	21
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	34
1.2 Sobre as entrevistas	37
3. AMORES, CASAMENTOS, OS GÊNEROS E SUAS VICISSITUDES	45
3.1 Amores e casamentos: considerações sócio-históricas	45
3.2 Os gêneros e a relação conjugal: Vênus e Marte?	52
4. O RECASAMENTO E SUAS SINGULARIDADES	57
4.1 “A voz da experiência”: o recasamento e a maturidade	57
4.2 Duas faces da moeda: o recasamento e as diferenças de gênero	63
5. “AGORA ACABOU...”: O PERÍODO PÓS-SEPARAÇÃO	68
5.1 As redes de apoio	68
5.2 Depois do primeiro, mas antes do segundo: a fase de transição	74
5.2.1 <u>A expectativa por se casar de novo</u>	74
5.2.2 <u>Relações mantidas entre os dois casamentos</u>	79
5.2.3 <u>A um passo do segundo...</u>	82
6. UM NOVO CASAMENTO, UMA NOVA MULHER? – AS MUDANÇAS A PARTIR DO RECASAMENTO	88
6.1 Administração do cotidiano da casa	93
6.2 Administração da vida financeira	96

6.3	Vida sexual e reprodutiva	98
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
8.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110
9.	ANEXO I – PERFIL DAS ENTREVISTADAS	118
10.	ANEXO II – ROTEIRO DA ENTREVISTA	119

INTRODUÇÃO

Em 2007, ao final da graduação em Psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, visando à elaboração da monografia para conclusão do curso, com o tema Observações iniciais sobre feminilidade (Ribeiro, 2007), algumas discussões a respeito da conjugalidade perpassaram o estudo.

Em 2008, com a participação na pesquisa, “Conjugalidade, parentalidade e trabalho na juventude: desafio de uma conjugação”, o tema da conjugalidade foi revisitado e, dessa vez, sob outra perspectiva, interdisciplinar, em diálogo com outros campos de saber como a psicologia social, a antropologia e a sociologia.

Durante este último trabalho, foram propostos novos olhares sobre a temática da conjugalidade, levando a reflexões sobre as novas configurações conjugais, os papéis de gênero e suas vinculações com o funcionamento das relações conjugais, entre outras.

Esta dissertação se constrói a partir do encontro com esses olhares, e do interesse sobre relações conjugais, levando à minha opção por investigar o divórcio e falar sobre o recasamento, mais especificamente no que se refere às mudanças, nas mais diversas dimensões, experimentadas nessa segunda relação conjugal.

Dados estatísticos apresentam indicadores interessantes sobre as separações e os recasamentos. Segundo levantamentos do IBGE (2008), para cada quatro casamentos foi registrada uma dissolução. Após 30 anos de sua instituição legal, o divórcio atingiu sua maior taxa desde 1984. Nesse período, a taxa de divórcios teve crescimento superior a 200%, passando de 0,46‰, em 1984, para 1,49‰, em 2007.¹

Nessa mesma pesquisa, foi divulgado que o número de casamentos entre solteiros tem declinado (de 90,1%, em 1997, para 83, 9% em 2007), enquanto a proporção de casamentos entre pessoas divorciadas com pessoas solteiras tem aumentado.

Os percentuais mais elevados são observados entre homens divorciados que casaram com mulheres solteiras, quando se compara com mulheres divorciadas que se uniram formalmente a homens solteiros. De 1997 a 2007, esses percentuais passaram de 4,4% para 7,1%, no primeiro caso, e

¹ Estatísticas do Registro Civil 2007. Fonte: IBGE, 2008.

de 1,9% para 3,7% no segundo. Observou-se ainda o aumento de casamentos entre cônjuges divorciados, que cresceu de 1,1%, em 1997, para 2,5% em 2007 (IBGE, 2008).

Ainda que o número de homens divorciados que se casam com mulheres solteiras seja superior ao número de mulheres divorciadas que se unem a homens solteiros, a proporção de uniões neste segundo caso - alvo de nossas análises - também apresentou acréscimo. Em entrevista ao CLAM (Centro latino-americano em sexualidade e direitos humanos), a demógrafa Maria Coleta Oliveira ratifica que “... nunca antes houve tantos casamentos em que ao menos um cônjuge estivesse já na segunda tentativa” (Oliveira, 2007).

Já segundo Marcondes (2008), a união de pessoas viúvas e divorciadas no Brasil correspondiam a 5% do total de registros em 1984, passando a 14,7% em 2006, levando à estimativa de que, em decorrência do aumento do número de divórcios e separações, um número crescente de pessoas estará, em algum momento da vida, vinculado a uma família reconstituída.

De acordo com dados do IBGE recentemente publicados na Revista Época (2010), enquanto o número de divórcios e separações cresceu 33%, de 1998 a 2008, o número de casamentos aumentou em 34% nesse mesmo período, o que parece demonstrar que o desejo de se casar ainda está um pouco mais em alta do que a escolha pela separação. Na mesma matéria, é também divulgado o aumento do número de casamentos envolvendo pessoas que estão se casando novamente. Em 1998, a proporção de pessoas solteiras que se casava era de 89,7%, contra 10,3% de pessoas que já haviam sido casadas anteriormente. Já em 2008, essa proporção foi alterada para 82,9% e 17,1%, respectivamente.²

Assim, do ponto de vista demográfico, com a expressiva progressão do número de casamentos de pessoas viúvas e divorciadas, acompanhada pelas mudanças observadas nos mais variados arranjos conjugais, bem como nas concepções sobre casamento, família, divisão sexual do trabalho, entre outras, o casamento vem sendo reconstruído cada vez mais como um contrato passível de rompimento (Marcondes, 2004).

É interessante ressaltar que alguns autores, como Heilborn (1995), por exemplo, apontam que essas mudanças podem ser observadas especialmente em meio à classe média,

² Esses dados não estão disponíveis gratuitamente no IBGE, por este motivo o uso da Revista Época como fonte.

grupo no qual estão inseridas as participantes que constituem o foco de nossas análises, no que se refere à dimensão sócio-econômica:

A sociedade brasileira presencia nas três últimas décadas uma acelerada modernização na área dos costumes, cujo principal impacto se manifesta entre as camadas médias e altas dos grandes centros metropolitanos. Tal fenômeno articula-se com mudanças na dinâmica econômica do país, caracterizada por forte concentração de renda, surgimento de um mercado de consumo sofisticado, redução da família em tamanho, ampliação da educação superior, crescente importância da comunicação de massa, eclosão do movimento de liberação de mulheres e homossexual. Em suma, variados fatores que tiveram nos seguimentos médios seus elementos mais expostos e maiores beneficiários (HEILBORN, 1995, p. 91).

Considerando o interesse pelo tema da conjugalidade e o destaque que a questão do recasamento tem assumido, o estudo desse processo se configura como alvo de nosso interesse e coerente com o atual momento histórico e social relacionado à dinâmica das relações conjugais.

Assim, o percurso desta pesquisa será iniciado por uma análise da separação e do recasamento como disparadores de mudanças sócio-culturais. Serão abordadas algumas questões relacionadas ao percurso histórico desses dois processos, estabelecendo um paralelo entre os mesmos. Ao mesmo tempo em que estão inseridos em uma complexidade de fatores que contribuíram para suas respectivas configurações ao longo do tempo, ambos deflagraram importantes processos de mudanças de ordem social, econômica, familiar, entre outras. Ainda nesse primeiro capítulo, compondo a revisão bibliográfica, serão apresentadas referências a diversos estudos já realizados sobre o tema do recasamento, ressaltando-se os aspectos distintos e semelhantes à abordagem que pretendemos colocar em discussão em nossa pesquisa.

No segundo capítulo, serão apresentados os referenciais teóricos e metodológicos que informaram nossa pesquisa. A introdução de conceitos relacionados à Esquizaanálise, bem como os principais aspectos referentes ao método da cartografia são assuntos desenvolvidos nessa sessão, que também compreende a apresentação das oito mulheres de camadas médias entrevistadas para realização da pesquisa.

No terceiro capítulo, será discutido o movimento durante o qual o amor passa a estar atrelado ao casamento, até o momento em que se configura como razão para o estabelecimento desse vínculo, além de outros aspectos que, no decorrer da história passam a

estar relacionados ao matrimônio. Nessa sessão, também serão consideradas as diferenças de gênero relacionadas ao casamento.

No quarto capítulo, serão tratadas as especificidades relacionadas ao recasamento que foram apresentadas pelas entrevistadas, tais como a maturidade e as diferenças de gênero percebidas por elas nesse contexto.

No quinto capítulo, sobre o período após a separação, serão apresentadas as redes de apoio identificadas pelas participantes durante esse processo, a expectativa ou não por um novo casamento, as relações estabelecidas por elas durante o período entre os dois casamentos bem como as expectativas que essas mulheres tinham no início da segunda relação conjugal.

No sexto e último capítulo, serão tratadas as mudanças relacionadas ao recasamento que foram apontadas pelas entrevistadas. Nessa parte serão detalhadas algumas mudanças relacionadas a dimensões específicas: a administração do cotidiano, administração da vida financeira e vida sexual e reprodutiva.

1. CONJUGALIDADES E SEUS MOVIMENTOS

1.1 Separação/divórcio, recasamento e mudanças sociais

As reconstruções dos sentidos atribuídos à família e aos vínculos que ela compreende vêm sendo há muito tempo descritos por várias áreas de conhecimento, direcionando e produzindo múltiplos olhares e perspectivas, assim como já havia apontado a psicanalista Elizabeth Roudinesco (2003):

Em lugar de uma definição de uma essência espiritual, biológica ou antropológica da família, fundada no gênero e no sexo ou nas leis de parentesco, e em lugar daquela existencial, induzida pelo mito edipiano, foi instituída outra, horizontal e múltipla, inventada pelo individualismo moderno, e logo dissecada pelo discurso dos especialistas (ROUDINESCO, 2003, p. 155).

Assim, os vínculos conjugais também passam a ser construídos de outra forma, apontando para uniões de durações diversas, nas quais a manutenção está diretamente vinculada à satisfação, às expectativas para o relacionamento e à proporção em que as mesmas são atendidas.

De acordo com Moncorvo (2008), a possibilidade de experimentação seria maior, na medida em que a relação passaria a ser, segundo a autora, construída sob uma pressão social mais branda. Para ela, não seria mais necessário manter a vinculação ao cônjuge apenas pelas prescrições ou expectativas sociais. Seria a felicidade sexual e afetiva recíproca que passaria a ter importância central no relacionamento, o qual por sua vez tem seus limites e funções negociados e estipulados pelo próprio casal.

Por outro lado, ainda que essas mudanças sejam observadas, é possível colocar em discussão a perspectiva de uma pressão social mais branda. Se considerarmos que passamos a estar sob a égide da felicidade e do prazer a qualquer custo, pode-se cogitar que outras pressões e paradigmas passam a ter lugar.

Assim, ao se estar insatisfeito em uma relação, por exemplo, pode ser socialmente esperado que o vínculo em questão seja rompido, em prol dessa busca por prazer e felicidade, seja para estar sozinho ou para inserção em outro vínculo.

Ao buscarmos análises que remetem a outros momentos históricos e culturais, uma vez que as fazemos *a posteriori*, estamos em uma dimensão dos movimentos micro processuais, informados pelas perspectivas e sentidos atuais. Assim, é importante ressaltar que não se pretende fazer referência a um processo de evolução, que consideraria o momento atual de qualidade ou importância superior a outro já passado.

O contexto atual em que se desenvolvem essas mudanças é caracterizado por uma diversidade de fatores, dos quais alguns foram sintetizados por Rizzini (2006). Dentre esses, há os que têm repercussão direta sobre a configuração das relações conjugais, tais como a tendência das famílias a serem menores e com maior mobilidade, o aumento da participação feminina na força de trabalho, uma menor estabilidade social da família, que também se torna mais individualizada e nuclear, além do fato da diversidade passar a ser uma característica que se destaca nas sociedades contemporâneas.

Outros aspectos, vinculados mais diretamente à dimensão sócio-econômica, também podem ser apontados como fatores que configuram esta trajetória de mudanças nas perspectivas sobre o casamento e a relação conjugal. Assim, como apontou Jablonski (2001), os movimentos de modernização e de urbanização da sociedade, o crescimento do individualismo, o aumento da longevidade e o modo como a cultura vem valorizando o amor e a sexualidade nos dias de hoje podem ser exemplos desses fatores que repercutem diretamente nessas transformações.

Velho (1985) também fez referência a esses fatores que se vinculam ao casamento, configurando-o como algo para além de um contrato que envolve duas pessoas:

Ou seja, por mais que o casamento, a união entre dois parceiros, esteja envolvida por um forte halo de escolha, de opção, de liberdade, fica claro que está fortemente vinculado e ancorado a um conjunto mais abrangente que é legitimado por valores e representações em que o indivíduo está longe de ser a força-motor ou o ponto nodal (VELHO, 1985, p. 170).

Diante de todo esse contexto de constante movimento, o direito não poderia ter se mantido totalmente engessado em suas premissas. Dessa forma, historicamente, também fica evidente, sob a perspectiva jurídica, a repercussão dessas mudanças, que levaram a uma série de redirecionamentos na legislação referente ao casamento e ao divórcio, sendo este último cada vez mais frequente em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil, conforme dados divulgados a cada ano pelo IBGE.

Digiovanni (2003) sintetiza a relação que se estabelece entre o discurso jurídico (manifestado, no caso do casamento e da separação, pelo Estado) e as constantes mudanças observadas nas configurações conjugais:

Se, por um lado, o Direito e o discurso jurídico, como pretende Foucault (1979), são canais permanentes de estabelecimento de verdades que criam relações de dominação e técnicas de sujeição, por outro, as reinvenções constantes das relações conjugais, afetivas e sexuais, obrigam frequentes negociações e reelaborações dessas verdades. Se o discurso jurídico pode ser percebido como prática de dominação e sujeição, também não pode deixar de ser considerado como uma estratégia de negociação, tanto do Estado quanto daqueles que estão sujeitos às leis (DIGIOVANNI, 2003, p. 73).

Bucher (1999) também comenta sobre a vinculação do casamento à regulamentação do Estado:

A constituição legal do casamento o vinculou ao Estado legitimando-o socialmente através da figura da autoridade pública (o juiz de paz). Outros mecanismos legais foram surgindo tais como a regularização dos direitos dos filhos naturais, do divórcio, da herança através das famílias e outras leis normatizadas de questões voltadas para as famílias foram consolidadas. Varas de família, juizado de menores, defensorias públicas, surgiram enquanto instâncias de proteção de direitos de indivíduos, de casais e de famílias. (apud Hundt, L., 1987) A partir daí a família assumiu uma dimensão social de grande importância na articulação com o poder do Estado (BUCHER, 1999, p. 83).

Se considerarmos o contexto brasileiro, especificamente, o recasamento como processo de formação familiar juridicamente reconhecido passa a ser possível somente após a aprovação da Lei do Divórcio pelo Congresso Nacional, em 1977.³

Conforme aponta a demógrafa Maria Coleta Oliveira (2007), até então, as separações e os recasamentos já vinham acontecendo, inclusive com frequência progressiva. No entanto, por algumas restrições jurídicas,⁴ os recasamentos não eram possíveis, o que passa a ser permitido, de maneira igualitária para homens e mulheres, a partir da aprovação da lei de 1977. Assim, a autora aponta que a Lei do Divórcio representou, à época, uma resposta a um movimento que já estava sendo gerado pela sociedade.

Antes de 1977, a aceitação do estabelecimento de outras relações conjugais pela sociedade brasileira era desigual comparativamente a homens e mulheres, de forma que os

³ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L6515.htm>. Acesso em 04/01/2010.

⁴ Até este momento só existia o desquite, regulamentado pela Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916, Art. 315. Revogado pela Lei n.º 6.515, de 26.12.1977.

homens podiam, sem grande reprovação, estabelecer outras relações; o que não era extensivo às mulheres. No caso delas, o envolvimento em uma nova relação conjugal era percebido com certo estranhamento.

Digiovanni (2003) reproduz partes de um discurso do senador Nelson Carneiro, o principal autor da emenda constitucional que em 1977 instituiu o divórcio no Brasil, quando ele comenta, de maneira curiosa, as condições da mulher desquitada, antes da aprovação da Lei do Divórcio, e suas possíveis alternativas após o término do casamento:

“A primeira é a renúncia à vida sexual, mais difícil para quem dela participou durante algum tempo.” A outra alternativa refere-se às dificuldades dos relacionamentos afetivo e amoroso vividos pela mulher desquitada. “Sozinha no mundo, afeiçoa-se a outro homem. A lei não permite a união legal. Encontra-se furtivamente com aquele que acredita será o derradeiro. Mas nada a prende, nem a lei, nem o hábito, nem a vida em comum. E o segundo se vai e surge o terceiro. E o quarto. E o quinto. E assim de mão em mão, estrangida muitas vezes, muitas vezes vencendo necessidades financeiras o desquite a empurra para o desfiladeiro” (DIGIOVANNI, 2003, p. 44).

Em 1977, após diversas tentativas frustradas, foi aprovada a emenda que permitia o divórcio após três anos de desquite ou cinco de separação no Brasil. Em 1982, segundo dados do IBGE, cinco anos após a aprovação da emenda constitucional, cerca de 28.000 divórcios foram concedidos pela Justiça. Essa progressão teve continuidade e em 1999, por exemplo, o País já contava com 14 milhões de casais que haviam rompido legalmente suas relações.

As mudanças na legislação ainda tiveram continuidade e em 1989 uma nova Lei do Divórcio entrou em vigor, permitindo o divórcio apenas um ano depois da separação judicial; em 2003 foi implementada pelo Código Civil a lei que estabeleceu que, para casais separados, em que a guarda era preferencialmente da mãe, fica com a guarda dos filhos quem tiver melhores condições – diferente do que vinha sendo praticado até então. Em 2007, passou a vigorar a lei que permite a oficialização de divórcios em cartórios, sem a intervenção da Justiça, para casais sem filhos menores ou incapazes.

Atualmente, novas mudanças têm acontecido no cenário da separação e do divórcio. Conforme coloca a psicóloga Selma Câmara (2009), aumentou a incidência de divórcios de casais com filhos menores e de uniões de mais de 20 anos. Essas alterações podem apontar para uma mudança na crença de que seria melhor esperar os filhos crescerem para pôr fim a uma relação desgastada.

Já no que se refere às uniões com duração superior a 20 anos, podemos relacioná-las à maior duração da vida afetiva e sexual, tanto de homens, quanto de mulheres. Conforme ratificado por alguns autores, tais como Hurd (2005) e Dupuis (2009), o recasamento de pessoas idosas tem sido cada vez mais frequente.

Nota-se, então, um movimento em dois sentidos: por um lado, as leis e diretrizes jurídicas respondem às mudanças relacionadas à conjugalidade, ao divórcio e à família. Por outro lado, a implementação dessas novas possibilidades gera movimentos no estabelecimento e construção desses vínculos que passam a ser configurados e instituídos juridicamente, mediante outro cenário, que acena com uma grande diversidade de arranjos relacionais, conjugais e de vínculos familiares.

Se por um lado, a maneira como o divórcio passa a ser entendido pela população, no âmbito jurídico, político e social está vinculada a uma série de transformações nas mais variadas dimensões, tais como política, econômica e social, conforme já delineado; por outro, há também um movimento em sentido inverso. As formas como a separação e o divórcio passam a se configurar trazem também, por sua vez, repercussões em diversos aspectos, tais como no relacionamento dos cônjuges com os filhos e com as famílias de origem, na administração do cotidiano e do funcionamento da casa, na distribuição dos tempos de trabalho e lazer, entre outros.

Além de todos esses aspectos, conforme coloca Petrini (2005), nesse movimento, a concepção sobre a família é modificada: “Prevalece a legitimação da família como grupo social expressivo de afetos, emoções e sentimentos, diminuindo o seu significado público. Reduz-se, assim, a importância da família como instituição, assentada na dimensão jurídica dos vínculos familiares” (PETRINI, 2005, p.29).

A família e, de maneira semelhante, a relação conjugal, estão mais desvinculadas da necessidade de instituições jurídicas e sociais, por exemplo, que atestem sua legitimidade. Assim, corroborado pelos movimentos de flexibilização das leis, passam a estar mais em destaque na relação conjugal os vínculos afetivos, sexuais, e a satisfação decorrente dos mesmos, do que referências externas que sustentem sua manutenção ou validade.

De Singly (2000) caracteriza uma aparente tensão entre uma dimensão frágil e forte da família:

Essa família compõe-se com a individuação. Sua permanência se dá a esse preço, sua instabilidade também. Por isso, paradoxalmente, a família pode parecer frágil e forte: frágil, pois poucos casais conhecem antecipadamente a duração de sua existência, e forte porque a vida privada com uma ou várias pessoas próximas é desejada pela grande maioria das pessoas (sob certas condições, ou seja, se a família não é percebida como sufocante). A família deve ser designada, para nós, pelo termo de 'relacional e individualista'. E é nessa tensão entre os dois pólos que se constroem e se desfazem as famílias contemporâneas (DE SINGLY, 2000, p. 15).

Conforme coloca Giddens (1993), os novos casamentos estão escorados na qualidade da relação afetiva e sexual do casal. Esse novo contrato que entra em vigor é escrito, cláusula por cláusula, pelo próprio casal, cada vez com menos interferências de dogmas ou sacramentos religiosos e chancela formal das leis cíveis.

E como é a partir da avaliação da qualidade desses vínculos que a continuidade da relação conjugal passa a ser efetivada, quando os cônjuges não se sentem mais atendidos em suas expectativas, a possibilidade de buscar um novo parceiro é cada vez mais viável e sem complicações.

Quando o “fim da linha” é a separação, um dos caminhos é a vida fora de uma relação conjugal, na qual a pessoa pode estabelecer outras relações, sem necessariamente se engajar em outro vínculo conjugal especificamente. Uma alternativa, cada vez mais escolhida, é a busca por um novo cônjuge, visando à construção de um novo casamento.

E nesse sentido, é adicionado um grande grau de complexidade ao cenário das relações conjugais, no qual são gerados movimentos de diversas ordens, a partir da necessidade de reorganizações por conta das consequências do rompimento da relação anterior, especialmente no caso dos casais com filhos, concomitantemente às demandas da construção de um novo vínculo (Medeiros, 2002).

Conforme ressalta Rizzini (2006), é importante que os pesquisadores e profissionais do campo social tenham o cuidado para não adotarem posturas normativas, que qualifiquem as famílias recompostas como desviantes, tendo em vista que a formação das mesmas se dá de maneira muito singular.

Considerando que desde o estabelecimento das regras e valores da nova família, até a construção do vínculo do novo casal, todos esses processos acontecem de maneira bem específica na família recomposta, não é adequada a tentativa de enquadramento em padrões

pré-estabelecidos de formação conjugal, que podem levar a julgamentos que não são coerentes com esse contexto.

Ainda que consideradas todas essas peculiaridades, curiosamente, conforme colocam Jaquet e Costa (2004), em algumas análises estatísticas as famílias recompostas não são destacadas como categoria. De acordo com as categorias do IBGE, por exemplo, as famílias estabelecidas em um segundo casamento não são contabilizadas separadamente, sendo os recasamentos identificados apenas nas estatísticas do Registro Civil. Ainda assim, somente quando formalizados legalmente e antecidos por outro casamento também legal, o que em muitos casos não acontece.

As autoras destacam que, apesar de terem crescido numericamente a cada ano, no contexto atual brasileiro, as famílias recompostas não se configuram, de maneira recorrente, como objeto de estudo das ciências sociais, havendo apenas informações esparsas, em pesquisas cujo propósito não é exatamente centrado nas famílias recompostas.

Se por um lado, muitos são os impasses decorrentes do estabelecimento de uma nova relação conjugal, por outro, há movimentos que parecem apontar para perspectivas favoráveis decorrentes da construção de um novo vínculo.

Em sua coluna na Revista O Globo, de 05/07/2009, Martha Medeiros apresentou a crônica “A caricatura do primeiro casamento”, na qual reproduz uma declaração, sem autor definido: “Quero casar logo, para separar logo e, aí sim, ter uma relação bacana de verdade.”

A jornalista ainda acrescenta:

Se a fase inicial da paixão tem um fim, se a fase do “durante” (quando os filhos nascem e as complicações aparecem) também tem um fim, então a ruptura do relacionamento, com quebra-quebra e dor intensa, também pode ter um fim, gerando a partir daí uma relação menos paranóica e mais madura, mais afetuosa e mais duradoura. Só que poucos tentam essa quarta fase com a mesma pessoa com quem viveram as três anteriores. O que é compreensível, mas nada alentador (Martha Medeiros – Revista O Globo, de 05/07/2009).

Conforme coloca Rizzini (2006), o relacionamento dos filhos com os pais, quando esses estão envolvidos em uma nova relação, pode, por exemplo, melhorar em qualidade, considerando que no contexto de uma relação conjugal desgastada e ruim, o relacionamento com os filhos pode também ficar prejudicado.

Muitas outras são as repercussões do fato de o recasamento ser cada vez mais possível e sem entraves sociais e inclusive jurídicos. Conforme será detalhado mais adiante, pode haver a própria crença de que a segunda relação seria a mais satisfatória, considerando experiências já vivenciadas na primeira que irão contribuir com uma maior satisfação conjugal.

É possível notar que as mudanças no contexto das relações conjugais e, mais especificamente, no processo do recasamento, estão inseridas em um movimento não apenas dialético, mas de uma infinidade de atravessamentos. Assim, se o fato do recasamento ser mais aceito e recorrente pode ser resultante da valorização das satisfações afetivas e sexuais, essa viabilidade de uma segunda busca por um vínculo pode influenciar o nível de expectativa da satisfação conjugal. Dessa forma, se há algumas décadas as mulheres das camadas médias e altas, mesmo quando insatisfeitas, se sentiam socialmente pressionadas a se manterem em um casamento que correspondia a um contrato assinado sem previsão de término, atualmente é possível ter outras expectativas de uma relação, já que está à disposição a chance de se construir uma segunda, uma terceira... até que a satisfação seja plena ou, ao menos, suficiente.

Esta perspectiva é ainda corroborada por De Singly (2007), que afirma: “(...) aqueles que coabitam não acham que o casamento ‘protege o laço afetivo’ ou que é ‘a prova ao outro de que é amado de verdade’. A duração da união só tem valor se o cônjuge encontra nela a satisfação de suas expectativas” (DE SINGLY, 2007, p. 160).

E Petrini (2005) também já havia comentado sobre esse aspecto: “A afirmação de um estilo de vida independente, autônomo, caracterizado por escolhas livres, deu origem a um indivíduo instável, de convicções voláteis e compromissos fluidos” (PETRINI, 2005, p. 24). Há que se considerar a proeminência do que chamamos de processos de individualização, comuns nas camadas médias, e que dão sustentação para a valorização da autonomia das decisões.

Seja no contexto da separação/divórcio ou do recasamento, pode-se considerar que estamos diante de processos em constante transformação, que acontecem de maneira totalmente singular com cada casal, ainda que haja a busca por linhas lógicas ou padrões de funcionamento.

Conforme apontou Petrini (2005), se por um lado, são abandonados os modelos tradicionalmente reconhecidos para configuração das relações conjugais, por outro, não são configurados outros que os substituam.

É possível colocarmos um questionamento quanto ao abandono dos modelos tradicionalmente conhecidos. A emergência de novas perspectivas para se observar as relações conjugais, as separações e recasamentos não significam, necessariamente, a eliminação dos antigos modelos, considerando que, ao menos em parte, eles permanecem influenciando a maneira como as relações conjugais são analisadas e configuradas, tanto na dimensão do cotidiano, quanto no discurso acadêmico. Conforme apontou Machado (2001), uma peculiaridade do contexto brasileiro é a coexistência de modelos de família, diferente de outros países nos quais esses modelos se sucedem temporal e historicamente, configurando os estudos dos assuntos relacionados à família e à conjugalidade como especialmente complexos:

(...) no Brasil utilizam-se tais ferramentas [formações discursivas] para marcar não só as distinções temporais, mas também as espaciais, construindo-se, assim, uma pluralidade de modelos que operam num mesmo tempo histórico. A contemporaneidade brasileira dos arranjos familiares e do valor da família é, assim, também pensada e suposta como plural. Enquanto isso, prioritariamente, nos países centrais, os intelectuais dessas mesmas correntes, seus fundadores, enfatizam as marcas distintivas temporais (MACHADO, 2001, p. 17).

Atualmente, em que pese todo o histórico relativo à forma como o recasamento vem sendo concebido no decorrer dos anos, esse processo passa a não mais se configurar como uma possível evidência de esgotamento da instituição do casamento, mas sim como um sinalizador da importância que a relação conjugal tem assumido. Assim, entende-se que a dimensão da conjugalidade é tão relevante que se torna inaceitável estar insatisfeito. Quando algo não vai bem na relação conjugal, o caminho é buscar outro companheiro para alcançar novamente a satisfação.

Conforme coloca Heilborn (2004), desde a década de 1960 já se apontava que “(...) só aparentemente a expansão do divórcio contraria o valor alocado ao casamento; ele é tão importante que busca-se refazê-lo” (HEILBORN, 2004, p. 122).

Com relação à mudança na maneira como o recasamento é concebido, vale ressaltar as considerações da psicóloga clínica Selma Câmara (2008):

O divórcio não é visto como o fim de um processo, mas o que vai abrir possibilidades para novos investimentos afetivos, geralmente mais conscientes, onde os parceiros vislumbrem relações em que caminhem juntos, construindo e reconstruindo (...) (CÂMARA, 2008, p.3).

Dessa forma, tanto a separação ou o divórcio quanto o recasamento passam a não ser mais significados como momentos estanques, de paralisia ou exclusivamente de ruptura, podendo ser considerados também como etapas de um processo no qual se configuram e reconfiguram as relações familiares (Rizzini, 2006).

Assim, é importante destacar que esses movimentos de reconfiguração das relações conjugais e familiares não representam uma evolução direcionada a esquemas mais funcionais e adequados. Eles são entendidos como processos de mudanças situados sócio-histórico e culturalmente. (Petrini, 2005)

Acreditamos que, conforme apontam Coimbra e Nascimento, comentando o Efeito Foucault e sua inovação, “(...) os objetos, saberes e sujeitos que estão no mundo não tem uma existência ‘em si’, não são naturais, mas forjados historicamente por práticas datadas que as objetivam, como um trabalho jamais completado” (COIMBRA; NASCIMENTO, 2001, p. 246).

A partir da análise das produções teóricas a respeito do recasamento, pode-se evidenciar a complexidade desses processos que, escapando a padrões previamente estabelecidos, tem como uma das suas principais características a singularidade, como acontecem para cada casal que vivencia essa experiência.

1.2 Revisão bibliográfica: o Recasamento e o “estado da arte”

Até mesmo a multiplicidade de nomeações desses novos arranjos familiares denota a complexidade dessas novas relações conjugais. Conforme compilado por Soares (2009), são inúmeras as denominações utilizadas para referência a famílias constituídas após a experiência anterior de separação de um dos cônjuges:

Mc Goldrick e Carter (1995) optaram por empregar, em seu trabalho, a denominação “família recasada” (...). Citam, também, expressões como “famílias misturadas” e “famílias reestruturadas”, que acharam durante sua pesquisa. Dias (2004) nomeia o recasamento de “sociedade de afeto”, pois compreende que o afeto é o que une esta família. Albuquerque (2004), como também Maldonado (1986) fazem referência à “família recomposta”. Church

(2005) utiliza tanto “família recorrente de segundas núpcias”, quanto “famílias de segundo casamento”. Wagner faz referência a dois termos: inicialmente (Wagner e Sarriera, 1999) utiliza “família reconstituída”, e posteriormente (Wagner 2002) “família recasada”. Wallerstein, Lewis e Blakeslee (2002) usam, indistintamente, três termos em sua obra: “família recasada”, “famílias de segundo casamento” e “família do novo casamento” (SOARES, 2009, p. 47).

“Como todo fenômeno novo, as famílias recompostas carecem de nomes adequados para identificar seus personagens e evidenciar seus vínculos” (Uziel, 2000, p.2). Conforme ainda citado pela autora, “(...) as famílias recompostas impõem um desafio: não se trata de lugares a ocupar, mas a inventar” (p.4).

Os filhos de uma mulher que casa novamente, por exemplo, irão se relacionar com a mãe do novo marido de sua mãe, que não é, de fato, avó deles. No entanto, trata-se de alguém que vai passar a compor o círculo familiar dessas pessoas, mas que, por outro lado, não tem um grau de parentesco pré-estabelecido, assim como há o pai, a mãe, os avós maternos e paternos, as tias, tios etc.

Dentre tantas nomeações para esses novos casamentos, observa-se que várias delas carregam uma marca, do “mesmo”, remetendo a essa noção de reedição, repetição, ainda que a relação esteja sendo estabelecida em outro momento, num outro contexto e, principalmente, com outro cônjuge. Assim, ainda que se trate do envolvimento em uma relação conjugal, de uma mesma pessoa, ao menos, pela segunda vez, pretendemos sinalizar, em que pese o nome utilizado para nos referirmos a esse processo – recasamento –, que essa reedição não pode ser naturalizada, demandando, portanto, um estranhamento a essa suposta repetição.

Observa-se que alguns autores (Travis, 2003; Oliveira e Wagner, 1996) apontam sentidos hegemônicos de negatização do processo. É recorrente que, assim como os sentidos do senso comum, as produções acadêmicas sobre esse tema estejam impregnadas de idéias associadas a uma tentativa que fracassou e que, portanto, demanda uma reorganização da vida pessoal, da dinâmica familiar etc. O recasamento é caracterizado, com muita frequência, como um processo que exige grande esforço para superação de inúmeros obstáculos, considerados quase como inerentes a essa relação. Assim, é associada ao recasamento uma série de particularidades dessas novas relações que as configuram como especialmente complicadas para os cônjuges envolvidos.

Têm sido focadas, frequentemente, as consequências “negativas”, que remetem a dificuldades e desafios, com a análise em geral restrita às implicações para os filhos envolvidos nessas novas relações (sejam as que foram dissolvidas ou aquelas consolidadas após o recasamento) ou às repercussões para as famílias e pessoas de relacionamento do antigo, ou mesmo do novo casal, como veremos no decorrer desta pesquisa (Travis, 2003; Oliveira e Wagner, 1996; Marcondes, 2004).

A seguir, serão relatadas algumas pesquisas, agrupadas em três categorias: a primeira, que se refere a estudos realizados sob a perspectiva da terapia sistêmica americana; a segunda, sobre estudos a respeito da questão da parentalidade no processo de recasamento e a terceira, voltada aos estudos sobre o processo de recasamento especificamente no caso de pessoas idosas.

No primeiro grupo de estudos que destacamos, alguns autores, influenciados pela perspectiva da terapia sistêmica americana, apontam possíveis “disfuncionalidades” dessas relações, com análises do “funcionamento adequado do casal como marido e mulher”, baseadas em padrões e parâmetros previamente estabelecidos quanto à dinâmica mais adequada de uma relação conjugal.

Em 1985, nos EUA, Margaret Crosbie-Burnett e Constance R. Ahrons elaboram uma pesquisa baseada nas publicações a respeito do recasamento e nas próprias observações dos autores, sobre as questões relacionadas ao período de namoro, às expectativas comuns dos membros da família e às ambiguidades e transições de papéis. Nessa pesquisa, são abordados possíveis problemas em famílias binucleares, considerando especialmente aquelas associadas ao processo de recasamento e apresentando orientações para intervenções terapêuticas.

Em 1988, também nos EUA, Emily B. Visher e John S. Visher abordam as principais questões enfrentadas pelas famílias recasadas, apontando estratégias de intervenções terapêuticas no caso do tratamento dessas famílias, em um livro sobre a identidade familiar e o desenvolvimento da família recomposta a partir de uma sequência provável de sete estágios, entre outros temas.

No mesmo ano, na Inglaterra, Jamie K. Keshet (1988) também relacionam questões enfrentadas pelos casais recasados, como os limites na autonomia do casal, diferenças de gênero, além de apontar a habilidade do casal de reformular suas concepções sobre casamento

e família de modo a ajustá-las às características do casal recasado como um possível fator que ajuda o casal a sobreviver.

Mary Whiteside (1989) que, nos EUA, apresentam uma organização do material sobre terapia clínica familiar, além de pesquisas sobre o assunto e ilustrações a partir de sua própria prática clínica, abordando aspectos como o período inicial do recasamento, as principais questões dessa experiência, a criança e o adolescente nesse processo, os períodos mais avançados do recasamento e as questões relativas a esse período, os filhos adultos, entre outros.

Walsh (1992), também nos EUA, lista as 20 principais questões das famílias recasadas, dividindo-as em quatro categorias: questões familiares iniciais, questões do desenvolvimento familiar, sentimentos sobre si próprio e sobre os outros e questões referentes aos adultos. O autor aponta que a percepção dessas questões pode levar ao terapeuta a intervenções mais acuradas, o qual tem a possibilidade de ensinar a família a identificar suas próprias questões logo no início da terapia e a buscar suas soluções ou adaptações idiossincráticas para os problemas específicos que estão experimentando.

Ganong e Coleman (1994), também nos EUA, a partir de uma perspectiva normativa-adaptativa e focando especialmente as relações mais próximas no recasamento, exploram possíveis motivos pelos quais algumas famílias recasadas apresentam um bom funcionamento, enquanto outras se mostram disfuncionais, fazendo ainda uma revisão de várias perspectivas clínicas que auxiliariam na discussão sobre essas famílias (tanto as funcionais, como as disfuncionais). O trabalho inclui uma discussão sobre todas as combinações de relacionamento identificadas nas famílias reconstituídas (*stepfamilies*), abuso de crianças nessas famílias e relacionamento nas famílias extensas.

Kaslow (1996), também nos EUA, apresenta diversos termos que designam famílias recasadas, os vários componentes importantes dessas famílias, as questões e problemas mais frequentes, além de apresentar um exemplo típico de atendimento clínico, com a discussão de suas estratégias de trabalho.

Nesta mesma direção, Dupuis (2007), por exemplo, examina algumas das principais questões enfrentadas pelos casais recasados nos EUA, sugerindo possíveis tratamentos para as mesmas; assim como McCarthy e Ginsberg (2007), que apresentam um programa de

tratamento para ajudar casais recasados a estabelecerem relações de respeito, sinceridade e intimidade.

Bray (2008) descreve os recasamentos saudáveis e os disfuncionais, a estrutura do processo de terapia, com suas técnicas e modalidades para o atendimento de casais recasados. O autor americano também aborda o papel do terapeuta, fatores para cura e mecanismos de mudança, além de apresentar um caso que ilustra vários dos problemas e questões mais comuns à fase inicial do recasamento.

No segundo grupo de estudos que identificamos, estão os autores que focam principalmente a questão da parentalidade no contexto do recasamento e, mais especificamente, as consequências desse processo para os filhos dos cônjuges envolvidos, sejam eles do primeiro ou do segundo casamento de seus pais. A seguir, estão citados exemplos desses trabalhos, sendo possível identificar que alguns deles apresentam influência da perspectiva da terapia sistêmica.

Ellis (1984) faz uma revisão sobre a teoria a respeito do segundo casamento na Austrália, os problemas vivenciados nessas experiências e os efeitos do recasamento para os filhos. A autora descreve um programa de intervenção preventiva para casais recasados com filhos dos casamentos anteriores, abordando assuntos como “tornando-se um casal”, questões sobre poder, rejeição e amor e sobre a culpa pelo amor direcionados aos filhos do cônjuge.

Já em 1987, Dahl; Cowgill e Asmundsson relatam em sua pesquisa, elaborada a partir de entrevistas com 30 famílias recasadas, ajustes e questões - até mesmo de cunho prático - que envolvem o momento inicial de construção de uma família após experiências conjugais anteriores de pelo menos um dos cônjuges. A escolha da casa que passa a considerar as necessidades dos filhos, a facilidade para visitação dos mesmos, para acesso à escola e o envolvimento dos filhos no planejamento do novo casamento são alguns dos aspectos enumerados pelos autores.

Sager (1989), nos EUA, aborda em seu artigo uma possibilidade de tratamento de uma família recasada com filhos de um casamento anterior, orientando como lidar com diferentes níveis de subsistemas significantes no mau funcionamento de famílias recasadas (psíquico, social e biológico). O autor também indica como transpor esses constructos para a prática, além de tratar sobre o processo incompleto de separação sob a perspectiva emocional.

Bawin-Legros (1992) analisa em seu artigo a reorganização das funções parentais e as maneiras pelas quais elas são assumidas após o divórcio, considerando o contexto específico da Bélgica. A autora aponta que na redefinição das normas da família a concepção do interesse do filho é um ponto central, o que significa considerar a estabilidade psico-afetiva dos filhos após o divórcio e a sobrevivência econômica da criança e do cônjuge que ficar responsável por ela. Ela ainda ilustra o caráter processual dos relacionamentos familiares, dividindo-os em diferentes estágios: momento da separação, período da família monoparental e momento da família recomposta (step family).

Wagner; Halpern e Bornholdt (1999) estudam em seu artigo a estrutura e a configuração de família original e da família recasada, a partir da perspectiva de 196 meninos e meninas com idade escolar e adolescentes (com idades entre 12 e 17 anos) de famílias originais (pais biológicos); e de 195 meninos e meninas com idade escolar e adolescentes (com idades entre 12 e 17 anos) de famílias recasadas. O artigo trata de questões tais como as variáveis sócio-demográficas, organização e relações de poder, privacidade, etc., a partir da resposta de questionários pelos participantes. Os resultados indicam que os pais são responsáveis pelo suporte financeiro em ambos os tipos de família; que o poder é igualmente dividido entre pai e mãe nas famílias originais, mas é considerado um papel predominantemente feminino nas famílias recasadas. As conclusões da pesquisa também sugerem que as famílias originais tendem a manter a estrutura tradicional da família a partir dos estereótipos de gênero.

Osbuch; Thornton; Cancio (2000), nos EUA, analisam os efeitos do divórcio na relação entre pais e filhos adultos, focando atenção sobre a possível variação desses efeitos em função das diferenças de idade/gênero. Segundo a pesquisa, entre as “famílias intactas”, a qualidade da relação parental e conjugal tem efeitos a longo prazo sobre a relação entre o pai e os filhos, enquanto os efeitos a curto prazo são característicos da relação entre a mãe e os filhos. O estudo ainda aponta que, embora o divórcio sem o posterior recasamento prejudique a relação dos filhos com ambos (mãe e pai), a relação entre o pai e a filha é ainda mais prejudicada. Além disso, ainda é identificado que os vínculos entre mãe e filha parecem ser melhorados com o divórcio.

Carbone (2001) também nos EUA, considerando que um a cada dois casamentos vão acabar com um divórcio e 60% das crianças americanas irão viver uma parte de suas infâncias em uma família monoparental, discute as consequências do divórcio para os filhos, a

responsabilidade dos pais após o divórcio, o divórcio e a sociedade, propondo questões tais como o motivo para o aumento do número de divórcios, as possíveis razões para o impacto negativo para as crianças, a maneira pela qual os vínculos parentais podem ser reconstruídos após a separação e as implicações desse processo para a sociedade como um todo. Seu livro esquematizou essas diversas mudanças observadas nas famílias recasadas.

Lamden, King e Goldman (2002), também nos EUA, abordam técnicas preventivas da saúde mental, incluindo aquelas de intervenção em momentos de crise, considerando os aspectos singulares da crise conjugal em casais recasados e a maneira como os mesmos afetam os filhos e o sistema escolar. O ponto principal do programa busca descrever diferentes formas de tratar crianças e famílias em diferentes estágios de solução de suas crises conjugais.

Visher; Visher e Pasley (2003), ainda nos EUA, discutem características das famílias formadas após uma separação (*stepfamilies*) que foram validadas em suas observações na clínica e em pesquisas empíricas. De acordo com o estudo, as famílias estruturadas após uma separação são formadas sem esperança. Segundo a pesquisa, pais recasados são diferentes daqueles do primeiro casamento e crescer no contexto de uma *stepfamily* pode ser mais complicado do que na família com pai e mãe biológicos. Os autores apontam que essas novas famílias são bem sucedidas quando aceitam e entendem suas especificidades, permitindo a elas mesmas o tempo necessário para uma integração com sucesso. Eles sinalizam que as dificuldades desse período de transição são previsíveis e não causadas por inadequações pessoais, tendo acrescentando ainda que a tarefa de construir uma nova família é desafiadora, mas não impossível e que uma segunda chance pode ser interessante para todos.

Nota-se que muitos estudos relacionados aos filhos de casais envolvidos em processos de separação e, mais especificamente, em recasamentos, também apresentam referências que os caracterizam como geradores de problemas ou complicações. Alguns desses autores, a partir inclusive de uma perspectiva clínica, indicam necessidades de reajustes e, até mesmo, de tratamentos visando uma construção adequada dessa nova família e o estabelecimento satisfatório das novas relações envolvidas.

Diante de inúmeros aspectos apontados como complicadores para constituição, manutenção e construção contínuas dessas novas relações, Travis (2003) acrescenta que quando essas famílias não são estigmatizadas, tornam-se socialmente invisíveis, uma vez que as estruturas sociais, tais como escolas, por exemplo, não reconhecem plenamente sua

“legitimidade”, tendo em vista que suas políticas e práticas estão fundadas em modelos de família de primeiro casamento.

Compreendendo o terceiro grupo de estudos que identificamos, estão aqueles que abordaram o recasamento no caso específico de pessoas idosas, o que também foi alvo de discussão de um número razoável de artigos.

Stryckman (1980) apresenta os resultados de seu estudo sobre o comportamento sexual de 402 homens e mulheres com mais de 55 anos, dentre os quais, a metade se casou pela segunda vez. Em sua pesquisa é levantada a importância de diversos fatores associados à continuidade do interesse sexual e a atividade sexual na velhice é medida para ambos os sexos em grupos de diferentes idades.

Em sua pesquisa, Hurd (2005) apresenta uma comparação estabelecida por mulheres idosas recasadas entre as duas experiências conjugais vivenciadas por elas, com enfoque em questões que na primeira relação eram motivo de incompatibilidade. Alcoolismo, abuso e infidelidade, que ocorriam no primeiro casamento, não foram, segundo elas, tão frequentes quanto no segundo, quando elas passam a negociar poderes na relação, recursos e a divisão de trabalhos domésticos.

Dupuis (2009) ressalta a escassez de estudos sobre o processo de recasamento quando este se dá na idade adulta. Sob a perspectiva da teoria da ecologia humana, identifica em sua pesquisa que os casais que se envolvem no processo de recasamento com mais de 60 anos de idade irão provavelmente enfrentar desafios que são únicos a essa etapa da vida. Além disso, a autora analisou outras variáveis relacionadas ao recasamento na terceira idade.

Berger (2000) já havia apontado para um possível movimento de mudança de foco dos estudos sobre as famílias recasadas, na medida em que deixam de abordar problemas e populações do contexto de atendimento clínico e passam a buscar o entendimento das características normativas e das questões de famílias recasadas consideradas como funcionais.

O autor ainda afirma que, apesar de representarem uma diversidade, as famílias recasadas guardam alguns traços semelhantes como a ambiguidade de papéis, a falta de normas, a diferença entre o status real e o status legal e o fato de viverem sob a sombra de estigmas e mitos.

Além desses trabalhos, serão apresentadas, na sequência, outras pesquisas que abordaram a questão do recasamento com enfoques mais próximos das discussões que estão sendo propostas em nosso estudo.

Em que pesem as mudanças no foco dos estudos sobre o recasamento, a avaliação das relações construídas após uma separação como funcionais ainda estão presentes. Embora o enfoque não seja mais predominantemente clínico, identificar aspectos que favoreçam a configuração de vínculos e relações funcionais ainda está presente.

Travis (2003) ratifica que muitas das questões com as quais os membros das famílias recasadas precisam lidar se deve a essa persistência de que a família nuclear⁵ continue a ser adotada como parâmetro de família a ser seguido ou alcançado. Vale ressaltar que, conforme identificado em alguns estudos citados anteriormente, no final da década de 1980 já se apontava para reconfigurações das concepções sobre casamento e família, com os devidos ajustes relacionados às características do casal recasado. Assim, entende-se que a fixidez nas concepções sobre casamento e família pode prejudicar a inserção em uma nova relação conjugal, após a experiência de uma separação.

Dentre os estudos que se aproximam mais das reflexões a serem apontadas em nossa pesquisa, há aqueles que apresentam questões configuradas como desafios a serem enfrentados pelas pessoas envolvidas em uma nova relação conjugal, após o término de uma anterior. Por outro lado, há também autores, cujos estudos serão apresentados no decorrer da pesquisa, que abordam peculiaridades dessas novas relações, sem necessariamente caracterizá-las como obstáculos à formação dessas novas famílias.

Vale também ressaltar que, tanto nos estudos acadêmicos, quanto no senso comum, há referências “politicamente corretas” à família recasada ser tal como outra qualquer. No entanto, ressaltar diferenças e colocá-las em discussão não significa, necessariamente, avaliar a família recasada como menos adequada ou mais disfuncional. Não avaliar as famílias compostas após um segundo casamento como desviantes, resultados de reparos ou tentativas de resgate de uma situação anterior, não corresponde, por outro lado, a assumi-las como iguais a qualquer outra (Travis, 2003). Assim, está sendo proposto, conforme mencionado

⁵ Embora na sociedade contemporânea haja outros formatos de família que não se estruturam a partir da nuclearização, esta diferenciação não foi objeto deste trabalho. Para a discussão sobre outros formatos de família, ver trabalhos de Cintia Sarti.

anteriormente, analisarmos as características específicas dessas famílias sem, no entanto, caracterizar tais particularidades como problemas ou dificuldades a serem enfrentadas.

Uma particularidade geralmente apontada é a ausência de um ritual para configuração da família recasada, diferente do primeiro casamento, o que acarretaria uma maior influência da família extensa dos cônjuges nessa nova relação. Na medida em que é frequente a instituição de uma nova família sem que haja um momento que a caracterize mais pontualmente, é comum que a interferência da família dos cônjuges seja mais intensa (Travis, 2003).

Em contraponto, segundo Féres-Carneiro (2008), é justamente pelo fato de espaços e tempos serem menos demarcados no segundo casamento, que as famílias de origem tendem a participar menos dessa preparação que antecede a união do casal. A autora também considera que os rituais de passagem e inserção dos parceiros nas redes sociais e familiares de ambos ocorrem de modo mais fluido.

Há ainda autores que apontam aspectos que levam a considerar o recasamento como uma relação conjugal com maior probabilidade de proporcionar satisfação aos cônjuges. Féres-Carneiro (2008) ressalta, por exemplo, o investimento dos cônjuges nessa nova relação na tentativa de reparar os erros causadores de rompimentos anteriores.

A autora ainda acrescenta que, no recasamento, a “bagagem” emocional, econômica e sócio-cultural das famílias de origem de cada cônjuge é enriquecida pelas experiências vividas na relação ou relações anteriores.

As experiências de coabitar, o enfrentamento das diferenças individuais no casamento, a experiência do diálogo conjugal e o aprendizado sobre si no contexto das relações conjugais, ampliam os recursos emocionais no recasamento (FÉRES-CARNEIRO, 2008, p. 15).

Em artigo sobre divórcio, assunto inevitavelmente abordado ao nos voltarmos para o estudo do recasamento, Brito (2007) aponta que se nos referimos a “famílias”, no plural, devemos adotar perspectiva semelhante no que se refere às separações conjugais

(...) se hoje nos referimos à idéia de família no plural, visão semelhante deve acompanhar a estrutura familiar após o rompimento conjugal, na medida em que se percebe a constituição de distintas configurações, reafirmando que não há um padrão de relacionamento após a separação conjugal” (BRITO, 2007, p.35).

É possível expandirmos essa noção também para o estabelecimento da nova relação conjugal. Se inúmeras são as formas pelas quais relações se estabelecem e posteriormente são rompidas, cada casal busca sua maneira singular para organizar essa nova relação em seus mais diversos aspectos, desde a manutenção ou não do contato com os cônjuges anteriores, até o estabelecimento das regras, dinâmicas de funcionamento e tradições dessa nova relação.

Féres-Carneiro (2008) sintetiza algumas das especificidades do recasamento, ratificando a importância de que essa nova relação não seja, justamente por conta dessas peculiaridades, considerada como inadequada ou disfuncional:

Na família recasada, os limites dos subsistemas familiares são mais permeáveis, a autoridade paterna e materna é dividida com outros membros da família, assim como os encargos financeiros. Há uma complexidade maior na constituição do casal e da família, que demanda flexibilidade e originalidade na interação que se estabelece entre seus membros. É importante não interpretar, como disfuncionalidade, a complexidade dessas relações (FÉRES-CARNEIRO, 2008, p. 15).

Diante de um processo marcado por grande complexidade, alguns autores já apontaram a importância de outros estudos sobre o tema.

Apesar de crescerem numericamente, as famílias recompostas não constituem um objeto de estudo privilegiado pelas ciências sociais brasileiras. Sobre o tema, dispomos apenas de informações esparsas, disseminadas em pesquisas que tratam do fato familiar e cujo propósito não é exatamente centrado nas famílias recompostas (JACQUET; COSTA, 2004, p. 186).

Rizzini (2006) também já havia tratado a respeito da impotência de pesquisadores que estudam sobre o tema diante da escassez de produções sobre o assunto, bem como da carência de dados sobre o tema.

Nesse mesmo sentido, Cano, Gabarra, More e Crepaldi (2009) acrescentam a necessidade de pesquisas interdisciplinares que, a partir da discussão entre diversas áreas de conhecimento, possam contemplar as peculiaridades dos processos de divórcios e recasamentos vivenciados pelas famílias.

Diante de um assunto que não se esgota em uma única abordagem, conforme aponta Rizzini (2006), as reflexões sobre a família atravessam as fronteiras das disciplinas constituídas, o que também parece acontecer no caso das relações conjugais. Em um cenário extremamente plural e, sobretudo, dinâmico, apenas um campo de conhecimento não seria

suficiente, considerando processos como esses, com uma variedade inesgotável de contextos, engendrados em função de diferentes circunstâncias históricas, culturais e sociais.

Dessa forma, esta pesquisa pretende promover o diálogo entre alguns campos de saber, tais como a psicologia social, a antropologia e a sociologia, caracterizando-se, prioritariamente, como uma análise dos movimentos gerados nesse contexto do recasamento, com enfoque nos aspectos moleculares, do cotidiano e do processo de construção dessas relações.

Nessa perspectiva de estudar os movimentos moleculares, pretendemos acompanhar as entrevistadas na reconstrução que fizerem de suas experiências de recasamento no contato conosco.

Uma vez que a proposta é a pesquisa sobre o recasamento, o enfoque será voltado às questões relacionadas à conjugalidade, sem a priorização dos assuntos relacionados à família entendida como aquela que compreende também os vínculos com os filhos, para além do casal. A introdução da parentalidade partiu das entrevistadas, o que seria esperado, inclusive porque elegemos entrevistar mulheres que tivessem sido mães pelo menos no primeiro casamento.

Alguns autores como, por exemplo, Rebreyend (2006) marcam essa diferença entre a família e o casal conjugal. Théry (1999) também já havia ressaltado esse aspecto: “... o casamento não é uma relação de família, não supõe um acordo entre os pais, não concerne aos filhos ou filhas, mas aos indivíduos desafiados, autônomos” (THÉRY, 2009, p. 132, tradução nossa)⁶.

A autora marca a diferença entre a concepção de conjugalidade e de família acrescentando, inclusive, que a existências dos filhos não constitui uma autenticação do casamento. Assim, em que pese a grande influência dos filhos na construção e, especialmente, no cotidiano da conjugalidade, fica ratificada a existência autônoma do vínculo do casal.

E, considerando o histórico apontado anteriormente da existência de estudos sobre recasamento que levam em conta o contexto da família, priorizando as análises das questões que envolvem os filhos dos cônjuges inseridos no recasamento (sejam esses das primeiras ou

⁶ “... le mariage n’est pas une affaire de famille, Il ne suppose pas l’accord des parents, il concerne non pas des <fils ou filles> mais des individus désaffiliés, autonomes” (THÉRY, 2009, p. 132)

da segunda relação); optamos por voltar nossos esforços ao estudo dos processos principalmente relacionados à esfera do casal, e aos assuntos vinculados a essa dimensão.

2. REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

No início da elaboração desta pesquisa e para a identificação das produções não acadêmicas já elaboradas a respeito do assunto, foram pesquisados livros diversos, reportagens de jornais e revistas. Foram considerados artigos de periódicos sobre o tema a partir de 1980 até o momento atual, com base em pesquisas realizadas em indexadores, tais como MEDLINE, Psycnet e Scielo, a partir de palavras-chave (em português, inglês e espanhol) como, por exemplo, recasamento, conjugalidade, casamento, separação e divórcio.

Considerando a singularidade que a experiência do recasamento assume para cada mulher, e o quanto a relação conjugal se configura como processo e não como realidade fixa e imutável, a inspiração esquizoanalítica está presente na leitura desse tema e na análise dessa pesquisa.

Tomemos então o conceito de micropolítica que, conforme aponta Rolnik (2006), está justamente relacionada ao plano da cartografia, compreendendo apenas intensidades (não há unidades) e afetos não subjetivados, determinados pelos agenciamentos que o corpo faz. Relacionado a essa dimensão micropolítica está o conceito de “molecular”, proposto por Guattari e descrito no livro *Micropolítica: Cartografias do Desejo* (2005), que se refere aos aspectos micro processuais. No caso de considerações relativas à relação conjugal, separação e recasamento, remetemo-nos ao cotidiano do casamento, às negociações que se dão no dia-a-dia da relação, à maneira como a separação se processa e seus desdobramentos na vida de cada um dos ex-cônjuges, os afetos envolvidos... e não ao que o casamento representa socialmente, em um âmbito macrossocial, por exemplo, embora esta dimensão atravesse a micropolítica cotidiana.

Em diálogo com o material bibliográfico produzido até o momento sobre o tema, pretende-se, com este texto, cartografar movimentos de emergência de novas subjetividades das mulheres, a partir da experiência do recasamento. Conforme apontam Passos; Kastrup & Escóssia (2009), ao cartografar busca-se investigar um processo de produção e não representar um objeto.

Alvarez e Passos (2009) contextualizam o surgimento da cartografia como método:

O caráter inventivo coloca a ciência em constante movimento de transformação, não apenas refazendo seus enunciados, mas criando novos problemas e exigindo práticas originais de investigação. É nesse contexto

que surge a proposta do método da cartografia, que tem como desafio desenvolver práticas de acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividades (BARROS E KASTRUP, 2009, p. 55).

Rolnik resume assim a tarefa do cartógrafo:

... dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago (ROLNIK, 2006, p. 23).

Conforme apontam Barros e Passos (2009), a cartografia não é um método que se faz de modo prescritivo, com regras previamente estabelecidas, embora não se trate de uma ação sem direção. A habitação do território da pesquisa também deve acontecer com uma atitude “à espreita”, sem questões pré-definidas, para que não haja o risco de impedir o encontro com a alteridade do campo, encontrar somente o que já se sabia ou ainda não enxergar nada além dos conceitos ou idéias fixas (Alvarez e Passos, 2009). Assim, na cartografia busca-se conhecer sem se colocar na posição do “saber sobre” ou de exercer um controle. A proposta então é “conhecer com”, acompanhando a singularidade de cada evento e não o processo de maneira mais geral (Id., 2009). Nessa perspectiva poderíamos afirmar que a situação de entrevista não revela a verdade sobre a vida do sujeito, mas possibilita o registro de histórias singulares produzidas também naquele encontro.

Aliás, “entender”, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima – céus de transcendência -, nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem (ROLNIK, 2006, p. 66).

São as especificidades do campo que devem orientar o uso da teoria e dos conceitos, possibilitando, para além da interpretação, uma forma de experimentação (Barros e Kastrup, 2009).

Busca-se aceder aos processos, ao que se passa entre os estados ou formas instituídas, compondo não mais um campo, mas um plano onde a intervenção se dá (Barros e Passos, 2009). Nesse sentido, Lourau (1973) discute a posição do pesquisador:

A implicação deseja pôr fim às ilusões e imposturas da “neutralidade” analítica (...) para o “novo espírito científico”, o observador já está implicado no campo da observação, sua intervenção modifica o objeto de estudo, transforma-o. Mesmo quando o esquece, o analista é sempre, pelo simples fato de sua presença, um elemento do campo. (LOURAU, 1973, p. 83)

Sobre a especificidade do método cartográfico e sua diferenciação da ciência moderna, Barros e Kastrup (2009) apontam:

(...) A cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças. Não se trata de mera falta de controle de variáveis. A ausência do controle purificador da ciência experimental não significa uma atitude de relaxamento, de “deixar rolar” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 57).

Assim como no caso da presente pesquisa, as autoras ainda ressaltam o desafio do cartógrafo de acompanhar um processo já em curso:

Quando tem início uma pesquisa cujo objetivo é a investigação de processos de produção de subjetividade, já há, na maioria das vezes, um processo em curso. Nessa medida, o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 58).

Em nosso trabalho especificamente, os processos de produção de subjetividade foram acompanhados por meio das entrevistas, durante as quais se propunha, entre outros aspectos, novas contações da história de vida dessas mulheres - considerando especialmente os casamentos e relações anteriores -, bem como do cotidiano vivenciado por elas na atual experiência de recasamento.

Entendemos que, por meio do discurso do entrevistado, são construídas versões possíveis da realidade, não havendo uma verdade única a ser desvelada. De maneira semelhante, ao considerarmos o entrevistador, este, inevitavelmente, é também participante ativo na produção de novos sentidos, além de “fazer falar” (assim como propõe a cartografia) discursos que serão por ele reconstruídos, inclusive por ocasião da análise das informações obtidas (Daher, et al., 2004; Costa, M., et al., 2002).

Buscamos também a produção de uma polifonia, promovendo não apenas a interação entre as falas das entrevistadas com a literatura, como também o diálogo entre os discursos das próprias participantes da pesquisa. Referindo-se a Deleuze e Guattari (1977), Barros e Kastrup (2009) resumem este objetivo: “A multiplicidade de vozes, onde participantes e autores de textos teóricos entram em agenciamento coletivo de enunciação” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 71).

2.1 Sobre as entrevistas

Embora a separação seja um processo cada vez mais recorrente e, conforme já colocado anteriormente, o recasamento também, a identificação de possíveis entrevistadas não foi tarefa simples. As participantes foram buscadas por meio de indicações de nossa rede de relacionamento.

Nesta pesquisa decidimos entrevistar apenas mulheres e uma possibilidade de futura ampliação da pesquisa é o trabalho com os homens recasados, no qual podem ser explorados os diferentes atravessamentos decorrentes da diversidade de gênero no contexto da pesquisa.

Com relação à faixa etária, inicialmente, delimitamos o intervalo de 35 a 45 anos. Avaliamos que com essa idade, já haveria tempo suficiente para a inserção em um segundo casamento e, por outro lado, as mulheres ainda estariam em uma fase da vida em que se costuma, com mais frequência, estabelecer projetos e planejamentos em diversas dimensões de sua vida, desde o aspecto conjugal até decisões no âmbito profissional, por exemplo, que poderiam influenciar na maneira como elas se envolvem em suas relações.

No entanto, das nove entrevistadas, quatro delas tem idade superior aos 45 anos propostos inicialmente como limite para participação na pesquisa. Diante das dificuldades para encontrar possíveis participantes, optamos por desconsiderar apenas a segunda entrevista realizada, com uma mulher de 56 anos. Considerando que as outras três entrevistadas tinham, na ocasião da entrevista, 47 anos de idade - apenas dois anos além da faixa etária inicial estipulada-, optamos por manter essas entrevistas como parte da pesquisa, alargando a faixa determinada anteriormente.

Com relação ao aspecto sócio-econômico, foram entrevistadas mulheres de classe média. Nesse sentido, consideramos que, embora algumas mulheres tenham a renda familiar inferior, em comparação com as outras, todas as entrevistadas convivem com pessoas desses contextos sócio-econômicos, o que permite a elas, no decorrer dessas relações, se apropriarem dos discursos desses grupos. Nessa identificação, foi considerada tanto a renda familiar, uma vez que não buscamos famílias com rendas médias muito elevadas ou muito inferiores (Ayres, 2006), quanto o fato das participantes, direta ou indiretamente, compartilharem discussões sobre relação conjugal, separação e recasamento que tem acontecido nesse contexto sócio-econômico.

Outro aspecto que consideramos como relevante foi o fato das mulheres terem filhos do primeiro casamento. Entendemos que o acordo sobre com quem ficaria a guarda, a administração do cotidiano do filho no novo contexto após a separação, bem como a maior necessidade de contato com o ex-marido, que é comum quando o casal que se separa tem filhos menores, seriam questões importantes de serem tratadas quando se pretende pesquisar o processo de recasamento. Beltzer e Bozon (2006), por exemplo, abordam especificamente o impasse do envolvimento em novas relações em paralelo com o exercício da maternidade, diferente dos homens, que com menor frequência permanecem com a guarda dos filhos após a separação.

Assim, entrevistamos apenas mulheres que tiveram filhos do primeiro casamento, sem definir como critério a existência ou não de filhos do casamento atual. Dentre as oito participantes, quatro têm filhos apenas do primeiro casamento e quatro têm filhos de ambos os casamentos (o primeiro e o atual).

Quanto ao número de casamentos, apenas uma das entrevistadas está casada pela terceira vez, enquanto as outras sete participantes estão em seu segundo casamento. Após a análise das entrevistas, entendemos que essa diferença não justificaria a exclusão da participante da pesquisa, uma vez que nosso foco principal de análise está no processo de emergência de novas subjetividades a partir da experiência do recasamento, o que parece ser passível de estudo também quando se trata da terceira relação conjugal.

Sobre a duração dos casamentos, as primeiras relações conjugais tiveram duração de até cinco anos, à exceção de uma das entrevistadas que esteve casada durante 12 anos. Quanto ao segundo casamento, o tempo de duração varia de 3 a 16 anos. No caso da entrevistada que está casada pela terceira vez, seu segundo casamento teve duração de oito anos e ela está casada há dois anos.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com base em um roteiro previamente delineado, o que não impedia que outros assuntos fossem abordados e explorados, de acordo com as histórias e o discurso de cada entrevistada. O dia, horário e local para realização da entrevista eram escolhidos pela participante, sendo orientado apenas que tivéssemos privacidade, especialmente quando o lugar escolhido por elas era a própria casa. As entrevistas foram áudio-gravadas após autorização das participantes e transcritas para leitura sucessiva e flutuante durante o processo de análise.

Inicialmente, foram realizadas duas entrevistas de exploração do campo, com base em um mesmo roteiro, elaborado a partir de um eixo cronológico, no qual era proposto o discurso da participante sobre assuntos relacionados ao primeiro casamento, à separação e ao casamento atual, considerando a ordem em que aconteceram cronologicamente.

Após a realização dessas duas primeiras entrevistas, percebemos que utilizar um eixo cronológico como norteador não seria a forma mais adequada, pois ao final da entrevista, quando alcançávamos as questões mais relevantes e específicas ao processo do recasamento, por conta do tempo já decorrido, a exploração desses assuntos ficava prejudicada.

Assim, fizemos uma reestruturação do roteiro, que passou a ser organizado por categorias temáticas, começando pelo sentido atribuído por elas ao recasamento de maneira geral; passando pelo período da separação e as questões relacionadas a esse processo (incluindo o momento após a separação) e, por fim, o recasamento. Nesta última parte, foram explorados diferentes temas da relação conjugal que, tanto por iniciativa das próprias participantes, quanto pelas perguntas da entrevista, remetiam também ao primeiro casamento. Dessa maneira, foi possível obtermos melhor aproveitamento do tempo da entrevista, bem como do discurso das entrevistadas.

Desistências, remarcações e atrasos foram recorrentes durante o processo de realização das entrevistas. Conforme dito anteriormente, considerando a atitude do pesquisador-cartógrafo de estar atento ao que diz o campo sem, no entanto, buscar interpretações para esses eventos – o que também não corresponde à nossa proposta-, podemos ressaltar esses episódios como parte do percurso, que envolvia a mobilização de nossos afetos diante de uma expectativa frustrada no caso, por exemplo, das desistências e remarcações. Nesse sentido, foi interessante observar também relatos de algumas das participantes que compartilharam conosco o quão complicado era revisitar determinadas histórias que, também no caso delas, engendravam a emergência de certos afetos.

Dentre as desistências, tivemos apenas duas mulheres que foram contatadas e não foram entrevistadas. A primeira, com quem nos comunicamos duas vezes por e-mail, embora tenha inicialmente manifestado interesse na participação da pesquisa, alegou estar sobrecarregada em seu trabalho, sem tempo disponível para participar. A segunda, com quem também falamos por duas vezes, pelo telefone, havia aceitado participar da pesquisa, com a condição de que a entrevista não fosse gravada. No entanto, mesmo após algumas insistências no contato para agendarmos nosso encontro, não tivemos retorno.

É importante ressaltar o tempo da entrevista, feita na vigência de uma relação em curso, colocada em análise, junto com outra que já terminou. Os olhares das entrevistadas certamente serão marcados pelo distanciamento em relação a certas vivências, bem como pela proximidade de outras.

Conforme apontado por Fonseca (1995), ao serem consideradas as mudanças nas concepções sobre a família, deve ser evitada uma visão evolucionista, que pressuponha uma substituição de modelos anteriores por outros mais modernos, o que também pode ser estendido para as diferentes configurações conjugais que se sucedem ou mesmo co-existem no decorrer do tempo.

A seguir, apresentamos cada uma das entrevistadas.

Rita tem 47 anos e atualmente é dona-de-casa. Embora tenha iniciado a faculdade de Ciências Contábeis, interrompeu o curso quando engravidou pela primeira vez, aos 22 anos. Durante esse tempo (até sua segunda gravidez, quando parou de trabalhar), atuou como secretária de algumas estilistas em uma loja de roupa feminina e em uma concessionária de veículos. Começou a namorar com o primeiro marido por volta dos 18 anos (ambos com a mesma idade). Aos 22, Rita ficou grávida de sua primeira filha, Joana (atualmente com 23 anos). Nesse mesmo ano, eles se casaram, quando ele ainda estava concluindo o curso de graduação em Educação Física e já trabalhava como professor em uma escola. Cerca de um ano e meio depois do casamento e do nascimento de Joana eles se separaram o que, segundo Rita, aconteceu de repente, e não como um processo que tenha culminado com a separação. Rita voltou a morar com seus pais, junto com Joana e, aos 28 anos, após seis meses de namoro, ela se casou com André, seu atual marido, que nunca havia sido casado. Na ocasião, Joana estava com 7 anos e, aos poucos, foi se adaptando à convivência com André. Poucos meses depois, Rita engravidou novamente. Flávia (atualmente com 16 anos), sua segunda filha, é a primeira e única filha de André, atualmente com 46 anos, pós-graduado e gerente geral de uma rede de hotéis. A família (Rita, André, Joana e Flávia) vive hoje em Botafogo e a renda familiar mensal está acima de R\$ 10.190 (dez mil cento e noventa reais).

Andrea tem 36 anos, atua como secretária executiva em uma empresa de grande porte. cursou o Técnico em Secretariado, o Normal e atualmente está finalizando a graduação em Administração de Empresas. Sempre trabalhou como secretária, primeiro em um curso de idiomas, onde conheceu ambos os maridos, depois em uma administradora de imóveis e condomínios, e posteriormente na empresa onde está atualmente. Andrea começou a namorar

com seu primeiro marido aos 15 anos, com quem se casou aos 22. Na ocasião, Rodrigo tinha 25 anos. Quando eles já haviam cogitado a separação pela primeira vez, após uma reconciliação, decidiram que Andrea iria engravidar, foi quando tiveram Bianca, a primeira filha. Após cinco anos de casamento, aproximadamente, quando Bianca tinha dois anos, Andrea decidiu se separar, o que não foi bem aceito por Rodrigo que, durante certo período, tentou convencer Andrea de retomarem o casamento. Andrea voltou à casa de sua mãe, junto com Bianca e sete meses após a separação começou a se relacionar com Edson (na ocasião com 32 anos), que também havia se separado aproximadamente seis meses antes, mas não tinha filhos. Cerca de um ano depois eles passaram a morar juntos, ainda na casa da mãe de Andrea. Após estarem juntos, já fora da casa da mãe de Andrea, em um apartamento, ela engravidou pela segunda vez e Gisele nasceu, embora não estivessem planejando ter um filho naquele momento. Atualmente, Edson tem 39 anos, é formado em Engenharia Química e trabalha como tradutor de textos (espanhol – português), pois é peruano. Gisele tem 2 anos e meio e, na ocasião da entrevista, a família (Andrea, Edson, Bianca, Gisele e a mãe de Andrea) vivia na Tijuca, com renda familiar mensal entre R\$ 6.210 (seis mil duzentos e dez reais) e R\$ 10.190 (dez mil cento e noventa reais).

Marina tem 47 anos. Embora tenha formação em psicologia, nunca atuou como tal. Trabalhou durante muitos anos em algumas empresas, em geral, na parte administrativa. Há alguns meses entrou em uma sociedade de uma empresa voltada para a comercialização de produtos e serviços hospitalares. Aos 23 anos, ela foi morar junto com seu primeiro companheiro que, na ocasião, estava com 33 anos, não havia se casado ainda e nem tinha filhos. Ao decidirem morar juntos, Marina já estava grávida do primeiro filho do casal. Cerca de um ano e meio depois engravidou de novo, quando nasceram os gêmeos. Ela acredita que o fato de ter iniciado o casamento já com um filho tenha favorecido a separação (que aconteceu cerca de 5 anos depois do casamento), considerando que a relação não começou a dois, mas sim a três. Após a separação, Marina voltou a morar com sua mãe, que sempre a ajudou no cuidado de seus filhos. Aproximadamente 7 meses após a separação, por volta de seus 28 anos, ela conheceu o segundo companheiro, na ocasião, com 31 anos, que já havia sido casado e tinha uma filha que vivia com a mãe, sua ex-mulher. Alguns meses depois eles foram morar juntos. Após três anos, nasceu o primeiro filho do casal (o segundo filho do atual companheiro e o quarto filho de Marina). Atualmente, vivem ela, o atual companheiro e os quatro filhos (o mais velho, de 24 anos, os gêmeos, com 22 anos e o mais novo, o único do segundo casamento, com 16 anos). A família mora no Cachambi, com renda familiar mensal

entre R\$ 3.800 (três mil e oitocentos reais) e R\$ 6.200 (seis mil e duzentos reais), considerando apenas a renda de Marina e de seu atual marido.

Alba tem 38 anos. É psicóloga e atua em uma clínica, onde atende individualmente, além de coordenar grupos com gestantes. Casou a primeira vez aos 18 anos, enquanto seu primeiro marido tinha 23 anos e por volta dos 19/20 anos, Alba teve a primeira filha. Cerca de três anos depois tiveram a segunda filha e após 12 anos de casamento, por conta de uma crise que, segundo ela, não conseguiram superar por falta de experiência e imaturidade, decidiram se separar. Durante esse período em que esteve sozinha, cerca de um ano, contou com o apoio de sua mãe e também dos pais de seu ex-marido, especialmente na administração do cotidiano das filhas, que também mantiveram o contato com o pai, principalmente por insistência de Alba. No intervalo entre os dois casamentos, teve alguns relacionamentos eventuais, mas o namoro mais estável foi com seu segundo marido que, na ocasião, era seu colega de trabalho e também já havia sido casado sem, no entanto, ter tido filhos. Seu primeiro marido tem nível superior completo e é funcionário público, e seu marido atual também tem nível superior completo e atua como autônomo. Eles já estão casados há nove anos. Atualmente, a família (Alba, seu atual marido, de 40 anos, e suas duas filhas do primeiro casamento) vivem no Flamengo, com renda familiar mensal entre R\$ 3.800 (três mil e oitocentos reais) e R\$ 6.200 (seis mil e duzentos reais).

Leda tem 47 anos, é professora, com pós-graduação em psicopedagogia e psicomotricidade, e dá aulas em uma escola da rede pública e em outra da rede privada. Casou-se aos 19 anos com seu primeiro marido, aproximadamente 15 anos mais velho que ela, jornalista. Cerca de seis anos depois ela teve o primeiro filho, Paulo e, no ano seguinte, teve sua filha, Luana. Segundo ela, a diferença de idade e das experiências vivenciadas por cada um pode ter contribuído para a separação, além da característica de seu primeiro marido, de ser muito recluso em comparação à ela. Cerca de 6 a 7 meses após a separação, ela começou a se relacionar com outro homem. Mas quando Luana tinha entre três e quatro anos e Paulo estava entre cinco e seis anos, ela começou a namorar seu atual marido, técnico em contabilidade, com quem está casada há 14/15 anos. Atualmente, a família (Leda, seu atual marido e seus dois filhos, Paulo, de 21 anos e Luana, de 20 anos) vive na Tijuca, com renda familiar mensal entre R\$ 2.150 (dois mil cento e cinquenta reais) e R\$ 3.821 (três mil reais e vinte e um centavos).

Mara tem 37 anos, presta serviço como secretária executiva em uma empresa pública de grande porte. Concluiu em 2007 a graduação nessa área, e é a única das entrevistadas que está casada pela terceira vez. Casou a primeira vez por volta dos 20 anos com seu primeiro marido que tinha a mesma idade que ela e, após dois anos e meio, se separou, por ter começado a gostar de outro homem. Já com seu primeiro filho, voltou a morar com sua mãe. Cerca de um ano depois, conheceu seu segundo marido, quatro anos mais velho que ela, com quem viveu ainda na casa de sua mãe e foi casada durante 8 anos. Nesse caso, segundo ela, a separação não foi provocada por seu interesse por outro homem, mas sim pela relação que passou a “cair na rotina”. Após ter terminado a faculdade, cerca de dois anos depois de sua segunda separação, conheceu seu atual marido, com quem está casada há aproximadamente dois anos. Atualmente, a família (Mara, seu filho, com 16 anos e seu atual marido) tem renda familiar mensal entre R\$ 1.036 (mil e trinta e seis reais) e R\$ 2.149 (dois mil cento e quarenta e nove reais).

Camila tem 47 anos. Possui nível superior em Letras (Português-Inglês), mas nunca atuou nessa área. Sua trajetória profissional é mais voltada para a área comercial, onde atua há 20 anos, sendo atualmente coordenadora da área comercial de uma empresa prestadora de serviço de médio porte. Após dois anos e meio de namoro, casou-se a primeira vez com aproximadamente 29 anos, a mesma idade que tinha seu primeiro marido. Camila teve a sensação de que o cotidiano da relação foi, aos poucos, sendo deixado de lado e a gravidez de sua primeira filha foi o que, segundo ela, representou “a gota d’água” para a separação. Assim, aos seis meses de gestação, quando completavam aproximadamente três anos de casados, ela decidiu se separar do pai de sua filha. Cerca de nove anos depois, conheceu seu atual marido, cinco anos mais novo que ela, com quem vive junto há aproximadamente três anos. Ele possui nível superior incompleto e hoje em dia trabalha com transportes. Atualmente, vivem ela, o marido, sua filha (15 anos) e os dois filhos do primeiro casamento do atual marido (um menino de 15 anos e uma menina de 10 anos). A família mora em Jacarepaguá, com renda familiar mensal entre R\$ 6.210 (seis mil duzentos e dez reais) e R\$ 10.190 (dez mil cento e noventa reais).

Gisele tem 38 anos. É engenheira ambiental e sempre trabalhou em sua área de formação. Atua em uma empresa pública, na área de planejamento energético. Ela é de Brasília e mora no Rio de Janeiro há 10 anos, desde quando foi aprovada em um concurso aqui na cidade. Casou-se a primeira vez com 28 anos, após seis meses de namoro. Seu primeiro marido tinha 23 anos na ocasião e trabalhava como tradutor e com algumas

atividades de design na internet. Segundo Gisele, o primeiro casamento não começou bem, pois, após dois anos de namoro, apesar de haver uma boa relação de amizade entre eles, a principal motivação para o casamento foi uma gravidez, e mais especificamente seu medo de ter um filho sozinha. Quando seu filho estava com um ano e 10 meses, Camila decidiu se separar. Cerca de um ano e meio depois, ela conheceu Ronaldo, seu atual marido, biólogo e advogado de um órgão público, 14 anos mais velho que ela, que tem dois filhos do primeiro casamento, sendo um com 21 e o outro com 24 anos. Eles vivem juntos há seis anos, moram ela, seu filho do primeiro casamento (com aproximadamente nove anos), seu filho mais novo, do casamento atual, e o filho mais novo do primeiro casamento de seu marido. A renda familiar mensal é superior a R\$ 10.190 (dez mil cento e noventa reais).

3. AMORES, CASAMENTOS, OS GÊNEROS E SUAS VICISSITUDES

3.1 Amores e casamentos: considerações sócio-históricas

*Se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar
Que tudo era pra sempre, sem saber, que o pra sempre
Sempre acaba...
(Por enquanto – Renato Russo)*

Jablonski (2001) aponta diversos fatores que podem favorecer a concepção de que o casamento, socialmente, não mais corresponde à noção anterior de uma aliança eterna.

(...) as variáveis associadas ao contexto socioeconômico (o movimento de modernização e de urbanização da sociedade, o processo de secularização, o crescimento do individualismo, o encurtamento das famílias, o aumento da longevidade e o modo como a cultura vem valorizando o amor e a sexualidade nos dias de hoje) e sobretudo a percepção e as crenças que as pessoas têm de seus possíveis efeitos, exercem, a nosso ver, uma profunda influência no processo em questão (JABLONSKI, 2001, p.2).

Sob uma perspectiva histórica, Lasch (1999) ressalta o movimento no qual o amor passa a ser o sentimento que deve sustentar uma relação conjugal:

A interpretação dominante da história da família na Europa e na América é a de que a visão dinástica do casamento – segundo a qual o amor romântico e o casamento eram considerados incompatíveis – foi substituída, por volta do século XIX, pela glorificação da escolha do companheiro, com base no amor romântico (LASCH, 1999, p.14).

Bozon (2004) também trata desse assunto apontando que, há alguns séculos, esse sentimento [o amor] parecia frágil demais para assumir essa função. Até o século XVIII, o casamento indissolúvel instaurado pela Igreja Católica não poderia ser sustentado por um sentimento, àquela altura, tão perigoso e imoral quanto o amor - associado ao prazer, e mesmo à sexualidade, até então, correspondentes ao âmbito das relações extraconjugais (Bozon, 2004).

É no decorrer desse século que se inicia o “(...) processo que acabou transformando o amor não apenas em um sentimento esperado entre os cônjuges, mas na própria razão de uma escolha realizada pelos interessados” (BOZON, 2004, p.33).

Mas foi apenas após um longo processo que, no século XX, a Igreja Católica proclama o amor entre os cônjuges como o fundamento do casamento. “O modelo do casamento por amor, considerado absurdo durante vários séculos, havia se tornado a norma” (BOZON, 2004, P.34). Rebreyend (2006) resume algumas formas pelas quais o amor se manifesta no decorrer do século XX:

O amor pragmático do período entre-guerras se combina com o amor fusional dos anos 1940-1950. Nos anos 68, um modelo de amor mais individual aparece sem que as pessoas renunciem totalmente o sonho fusional, nem o pragmático. Até 1975 o casamento é a instituição onde se exprimem sexualidade e amor, mas sempre com suas nuances: no período entre-guerras e até os anos 1950, amar significa casar. Em seguida, é possível viver várias histórias de amor durante a juventude, e inclusive a coabitação antes do casamento (REBREYEND, 2006, p.6, tradução nossa).⁷

A autora, ao falar especificamente do período entre-guerras, comenta sobre a valorização do amor conjugal, quando esse sentimento estava no centro do discurso. Segundo Rebreyend (2006), o amor experimentado no casamento era o fruto da solidariedade entre os cônjuges e da vontade em comum de fundar uma família.

Embora De Singly (2000) faça referência a um processo de mudança na concepção de família, o que seria mais amplo do que a relação conjugal estritamente, podemos aproximar suas considerações sobre os sentimentos que sustentam esses vínculos e as expectativas dos cônjuges quando da sua inserção na família ao que foi colocado por alguns autores, como por exemplo, Lasch (1999) e Bozon (2004) citados anteriormente.

De Singly (2000) caracteriza dois “tipos” de família, a moderna 1 e a moderna 2. À primeira, corresponde aquela realidade na qual o homem deve se dedicar ao máximo ao seu trabalho, enquanto a mulher deve ocupar-se no sentido de tornar o interior do lar aprazível. Essa família é regulada pelo amor, sendo a instituição do casamento valorizada, uma vez que é a melhor via para se alcançar a tão almejada felicidade. “A ‘família feliz’ permite a cada um dos membros ser feliz” (De Singly, 2000, p. 15).

⁷ L’amour pragmatique de l’entre-deux-guerres se combine avec l’amour fusionnel dès années 1940-1950. Dans les années 68, un modèle d’amour plus individuel apparaît sans que les gens ne renoncent totalement au revê fusionnel, ni au pragmatisme. Jusqu’en 1975, le mariage demeure l’institution où s’expriment sexualité et amour, mais toujours avec des nuances: dans l’entre-deux-guerres et jusqu’aux années 1950, aimer signifie se marier. Ensuite, Il est possible de vivre plusieurs histoires d’amour Durant la jeunesse, voire de cohabiter avant Le mariage (REBREYEND, 2006, p.6).

Já a família moderna 2, segundo o autor, representa uma imposição ainda maior do amor, considerando que os cônjuges, conforme já apontado por outros autores, só ficam juntos sob a condição de se amarem, além dos pais serem convocados a darem mais atenção aos seus filhos. Nessa “modalidade”, a família se apresenta como um espaço privado a serviço dos indivíduos, compondo-se pela individualização, uma vez que o elemento central não é mais o grupo reunido, mas sim os membros que o compõem.

Badinter (1986) já apontava para algumas dessas mudanças na maneira na concepção de casamento: “As novas atitudes para com o casamento mostram que este não é mais um caso essencialmente religioso, social ou econômico, mas antes de tudo um negócio privado, que engaja dois indivíduos e não mais duas famílias” (BADINTER, 1986, p. 205).

Se no século XIX, o casamento estava associado, no caso das mulheres, à possibilidade de alcançar certa autonomia, ou o acesso à vida sexual socialmente legitimada; por outro lado, nos tempos atuais, o casamento não mais se configura como condição para tanto (Giddens, 1993).

Considerando o contexto especificamente brasileiro, Muskat (1992) também resume alguns dos aspectos historicamente vinculados ao casamento, em diálogo com a forma pela qual a relação conjugal é entendida atualmente:

Sabemos, por exemplo, que nem sempre ao casamento se associaram amor-paixão e felicidade, que é como o entendemos hoje. Amor-dever, amor-abnegação, amor-submissão foram os cenários mais frequentes do casamento. O casamento foi sobretudo vínculo político, vínculo econômico, vínculo de reprodução. No Brasil, dos meados do século XIX em diante, passa a ser um vínculo de amor e felicidade (MUSKAT, 1992, p. 106).

Roudinesco (2003) comenta essa mudança do sentido atribuído ao casamento, considerando que o amor passa a ser o sentimento que o sustenta:

(...) o casamento mudou de natureza. Longe de ser um pacto da família indissolúvel e garantido pela presença divina, ele se torna um contrato livremente consentido entre um homem e uma mulher. Repousando no amor, dura apenas enquanto durar o amor (ROUDINESCO, 2003, p. 39).

Em entrevista à Revista Época, a antropóloga Miriam Goldenberg faz uma ressalva sobre essa noção do amor romântico sustentar a relação conjugal: “A fantasia romântica destrói qualquer possibilidade de casamento. É preciso ter uma visão crítica daquilo que se vê nos filmes e se lê nos romances. A vida real não sustenta essas fantasias” (GOLDENBERG - Revista Veja, 2010). Em nossa pesquisa, especificamente, quando questionadas sobre suas

percepções a respeito do processo de recasamento, as entrevistadas citaram alguns aspectos como as motivações para manutenção do casamento, a busca da felicidade conjugal e o amadurecimento.

A entrevistada Marina, de 47 anos, coloca novas motivações que levam as mulheres a decidirem pelo casamento e, especialmente, a manterem a relação conjugal. O desejo de querer permanecer na relação é um dos fatores que, segundo ela, sustenta o vínculo conjugal.

Outra mudança observada na maneira como se entende o casamento refere-se à autonomia que, até mesmo pelo acesso crescente da mulher ao mercado de trabalho, também pode ser alcançada independente do casamento (Giddens, 1993).

Além disso, o exercício da sexualidade já está desvinculado do espaço conjugal, podendo ser experimentado nas mais diversas configurações de relação, desde as mais eventuais até as estáveis, sem a caracterização de uma vida conjugal propriamente dita.

Assim, se mesmo por volta dos anos 40 e 50, o casamento estava ainda, com frequência, vinculado à obtenção de um status diferenciado, ou à busca de um suporte econômico-financeiro - considerando a pequena proporção de mulheres no mercado de trabalho - (Rizzini, 2006) atualmente, outros são os motivos para a opção pelo casamento, conforme podemos observar nos relatos das entrevistadas.

Para Marina, por exemplo, o motivo de estar em um casamento é simplesmente “querer estar”. Em um momento em que as mulheres estão intensamente presentes no mercado de trabalho, sendo muitas vezes responsáveis pela maior parte da renda familiar, não é mais necessário vincular ao casamento a chance de alcançar um nível sócio-econômico mais satisfatório ou um status diferenciado.

A entrevistada aponta:

(...) dificilmente hoje se mantém um casamento por força de algum motivo que não seja você querer estar. (...) Então as pessoas estão buscando um companheiro, mas aquele que seja realmente um companheiro, porque o restante, a mulher consegue suprir, tranquilamente, né? Então, eu acho que é por isso que as pessoas continuam buscando (Marina, 47 anos, autônoma).

Dessa forma, como sintetiza Bauman (2004), “Viver juntos é *por causa de* e não *a fim de*” [grifos do autor] (BAUMAN, 2004, p. 46). Assim, a relação conjugal não é mais em si mesma uma razão para que o casamento seja mantido. É a satisfação com a experiência do casamento e os sentimentos que estão em jogo que passam a sustentar o vínculo.

Petrini (2005), ainda sobre a sustentação do vínculo, aponta para a avaliação dos benefícios obtidos para cada uma das partes como parâmetro para a continuidade da relação:

Uma relação amorosa, na sociedade moderna, parece abandonar rapidamente o sonho romântico, que persiste às vezes, em alguns momentos da adolescência, passando a medir as vantagens que cada uma das partes pode extrair do relacionamento. Sua estabilidade será justificada até quando cada parte considerar suficientes os benefícios obtidos (PETRINI, 2005, p. 32).

De Singly (2007) também aborda essa noção de que a relação conjugal não se sustenta em si mesma, sendo mantida na medida em que é percebida pelos cônjuges como fonte de satisfação pessoal. Assim, o simples fato de se estar vinculado ao cônjuge não justifica o engajamento na relação e a manutenção dela, independente da percepção de sua qualidade e das vantagens - sejam elas afetivas, financeiras, operacionais... – que se obtêm dela:

(...) a crença na autonomia não elimina a necessidade de estabelecer laços conjugais – o casal ainda é a referência -, mas ela torna ainda mais inaceitável uma união que não permite mais a construção de sua identidade pessoal e a unificação de suas próprias contradições internas (DE SINGLY, 2007, p. 159).

Nesse contexto, outras dimensões da vida passam a assumir maior relevância em paralelo à relação conjugal, o que parece coerente com o que Théry (1999) comenta ao tratar sobre alguns fatores de evolução do casamento, citando o individualismo que passa a estar mais eminente na relação conjugal, até mesmo por um movimento geral da sociedade de passagem ao individualismo.

(...) a novidade do casamento contemporâneo é participar de um movimento geral da sociedade de passagem do holismo ao individualismo. A diminuição do casamento em relação à união livre e o aumento do divórcio a partir dos anos 60 são produto deste individualismo, que coloca em análise a noção de casal (THÉRY, 1999, p. 136, tradução nossa).⁸

Théry (1999) também aborda a centralidade do casal conjugal como autônomo, desvinculado das famílias de origem, o que parece ser ressaltado na experiência de Gisele, quando comenta sobre sua decisão de separar na medida em que percebe certa estranheza, considerando que se distanciar da família de seu primeiro marido em decorrência de sua separação estava sendo mais difícil para ela do que o rompimento da própria relação conjugal:

⁸ (...) la nouveauté du mariage contemporain est de participer d'un mouvement général de la société, le passage du holisme à l'individualisme. La baisse du mariage au profit de l'union libre et la montée du divorce depuis années soixante sont le produit de cet individualisme, qui met en cause la notion même de couple (THÉRY, 1999, p. 136)

É, então... isso segurou por um tempo o casamento, mas... depois de um tempo eu vi que isso não seguraria. Porque o que tinha que ser mais... o que deveria estar em primeiro plano era a minha relação com ele, era a minha relação direta com ele. E o resto era secundário no final das contas.... E por isso eu me separei... (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental)

Théry (1999) destaca a importância do amor para a manutenção do casamento. E a sensação de não estar mais gostando do marido foi justamente um dos fatores apontados por duas entrevistadas dentre aqueles que favoreceram a decisão de se separar. No caso de Mara, esse processo aconteceu em sua segunda separação.

Da segunda vez... foi... não foi nem por ter gostado de outra pessoa, foi por eu ter desgostado dele, da segunda pessoa, né, do meu marido oficialmente. Foi... o relacionamento virou rotina, e a cobrança era mais de uma parte do que da outra, e eu fui deixando aquilo virar uma bola de neve, então... fazia tudo o que queria... agradava... chegou uma época que eu não saia mais pra nada. Eu... porque ficava de cara feia, era ciúme pra tudo quanto era lado... (...) eu vi que aquilo não... valeria à pena, eu não tava vivendo a minha vida, eu tava vivendo em função dele. E foi aí que eu resolvi separar, e aí ei falei, não quero mais, não quero mais... acabou... (Mara, 37 anos, secretária executiva)

Mara ainda ressalta o fato de não estar vivendo a própria vida, mas sim de passar a viver em função do marido, o que parece remeter ao que Théry (1999) caracteriza como casamento fusão, no qual há uma única “cabeça”, que garante a união do casal.

Rita diz estar com a sensação de que não gostava mais de seu marido durante algum tempo em seu primeiro casamento, sendo a sugestão dele de “dar um tempo” o que suscita sua iniciativa de propor a separação.

Eu acho que eu fui desgostando.. ou até não gostava assim.. tão... pra casar... aí um dia ele falou... “Eu acho que a gente tem que dar um tempo... (...) você vai pra casa da sua mãe, eu vou pra casa da minha mãe, mas a gente não termina...” Aí, como essa opção pra mim não era boa, e eu também, assim, não... é... eu acho que eu já tava ... é... enjoada de tudo, então pra mim...eu falei “- Não, não, eu acho que a gente tem que...” aí, eu é que decidi, “- Não, eu acho que já que a gente tá nessa situação, eu acho que você não gosta mais de mim, nem eu gosto de você. Aí ele “ - Ah não, também não é assim...”... aí eu falei “-Não é? Porque quando a pessoa gosta a pessoa não quer dar tempo nenhum, né?” Então eu falei pra ele, “ -Então é melhor a gente... cada um ir pro seu lado...” aí eu peguei e saí, fui embora, aí eu fui pra casa dos meus pais... (Rita, 45 anos, dona-de-casa)

Camila relata, em relação ao primeiro marido, que também não percebia mais o amor, o que era esperado como central na relação: “Quando eu me separei no meu primeiro

casamento, eu me separei porque eu não me sentia amada, não houve traição, não houve nada disso” (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

Assim, casar-se e permanecer no casamento pode estar associado à satisfação experimentada na relação conjugal e ao atendimento das expectativas individuais. Conforme aponta Bauman (2004), as atenções estão focadas exatamente nas satisfações que se espera obter dessas relações.

Nesse sentido da satisfação, temos os relatos de Alba e Leda, que apontam especificamente a busca da felicidade como sendo uma das motivações para o recasamento.

O importante é ser feliz, né? O primeiro casamento não deu certo, por que que você vai ficar sozinha pro resto da vida? Encontrar alguém interessante... Por isso que eu acho que o principal objetivo do recasamento é uma nova busca de... ser feliz no relacionamento novamente (Alba, 38 anos, psicóloga).

Para Alba, o recasamento se configura como uma tentativa de busca da felicidade. O fato do primeiro casamento ter terminado pode gerar um novo movimento, de “... encontrar alguém interessante...” e, a partir daí, sentir-se satisfeita no âmbito conjugal. Vale ressaltar que esta é uma percepção *a posteriori*. Após o envolvimento nessa nova relação é que a mesma está sendo significada pela entrevistada como essa nova aposta na busca pela felicidade.

O relato de Leda também se aproxima dessa discussão:

Eu acho que é a busca pela felicidade mesmo, né? Tem pessoas até que perdem um pouco a esperança, mas eu acho que é no momento em que elas ainda não encontram o amor, elas ficam assim muito negativas... mas eu acho que é a busca da felicidade, é acreditar ainda...às vezes a mulher tem mais de 40, mas ainda acredita no príncipe encantado, que vai ser aquela pessoa, pelo menos na parte afetiva, no companheirismo... eu acho que a gente fica assim na busca do companheirismo, da felicidade mesmo... (Leda, 45 anos, professora).

Dessa forma, podemos perceber nesses discursos uma vinculação da felicidade da mulher com o casamento que, historicamente, sempre foi associado a diversos outros aspectos da vida, conforme apontado anteriormente. No entanto, atualmente, essa associação entre o casamento e a felicidade parece acontecer de outra forma, com outras possibilidades que sugerem uma participação mais ativa da mulher no que se refere à escolha do cônjuge e às condições nas quais a relação é desenvolvida.

3.2 Os gêneros e a relação conjugal: Vênus e Marte?

Assim correram muitos meses e muitas, muitas brigas, e os dois não chegavam a um acordo. Mas a vida tem dessas coisas. Quando se dá conta, a felicidade já é irremediavelmente retrato na parede, cartinha na gaveta, passando

(Brigas... E depois?- Santa Cruz, nº 3- mai/1963- Chico Buarque).⁹

Conforme aponta Neves (2008), essa associação entre amor (e de certa forma o casamento) e felicidade tem sido uma preocupação inclusive entre as feministas, que sinalizam a possibilidade de que essa associação (felicidade – casamento) pode favorecer a “entrega total e incondicional” das mulheres a seus parceiros:

A questão do amor romântico tem encabeçado a agenda feminista, sendo a sua ideologia apontada como responsável por levar as mulheres a acreditar que a felicidade humana dependeria da sua entrega total e incondicional aos seus parceiros, originando, em muitas situações, histórias de violência, de discriminação e de desigualdade. Os discursos feministas geralmente apresentam o amor como estando ligado ao romance e ao casamento, sendo esses factores chave para a sujeição das mulheres aos seus parceiros (NEVES, 2008, p.617).

É interessante ressaltar o processo de mudança do feminismo, o que favoreceu que ele se tornasse uma força importante no contexto da relação conjugal:

Pode-se argumentar que o feminismo só se tornou uma força importante quando passou a dominar a linguagem da vida doméstica, aprendendo a raciocinar a partir dessas premissas em vez de partir da premissa abstrata dos direitos da mulher (LASCH, 1999, p. 100).

Lasch ainda acrescenta que foi a partir da atuação das mulheres nessa maneira de se conceber a família que foram constituídas as bases do feminismo, ressaltando:

As exigências de maior reconhecimento dos direitos da mulher casada, de leis de divórcio que favorecessem à esposa, de um maior controle sexual por parte dos homens, do reconhecimento do interesse da mulher na regulação da frequência das relações sexuais e das gestações e até mesmo em prol de maiores reformas no campo de justiça social e da “pureza social” (LASCH, 1999, p. 179).

Diferente da antiga referência de casamento heterossexual que menciona Giddens, “... no qual a esposa organizava os meios para manter sua existência ...” (GIDDENS, 1993, p. 171), pode ser percebido uma mudança na medida em que não recai mais exclusivamente

⁹ Disponível em http://www.chicobuarque.com.br/texto/artigos/mestre.asp?pg=artigo_brigas.htm.

sobre a mulher a responsabilidade de manutenção da relação, tarefa que começa a ser compartilhada por ambos os cônjuges.

Esse movimento é comentado por Heilborn (2004), que aponta para o processo caracterizado por ela como “feminização da relação conjugal”:

(...) em um plano, a predisposição ética para a não demarcação entre os gêneros significa que aos homens é demandada uma aproximação daquilo que consensualmente é definido como feminino no modelo tradicional: trabalho doméstico e investimento emocional na relação (HEILBORN, 2004, p. 117).

Considerando que é mediante o investimento emocional que a relação conjugal é mantida, na medida em que ambos os cônjuges passam a participar desse processo, a manutenção do casamento também começa a contar com essa distribuição mais equilibrada dos papéis. Camila, em dois momentos de seu discurso, também se refere a essa mudança, na qual o homem passa a compartilhar com a mulher a tarefa de sustentar a relação conjugal:

E o homem, pra mulher, vai sendo evoluído, como tá acontecendo. Ontem ele sustentava a casa, hoje ele é o parceiro. Quando ele dá um furo com ela, ele deixa de ser parceiro, ela se fere muito mais. Então, eu penso que os pesos estão diferentes (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

(...) porque o casamento é uma coisa que é movida à dedicação bilateral, né, eu acho que o casamento é uma instituição seriíssima e que exige dedicação (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

É interessante ressaltar que, embora a entrevistada aponte para essa divisão mais equânime da tarefa de sustentar a relação, que passa a ser compartilhada entre homem e mulher, ela ainda parece se referir a uma expectativa maior da mulher de que esse papel seja exercido pelo homem, na medida em que pontua: “Quando ele dá um furo com ela, ele deixa de ser parceiro, ela se fere muito mais. Então, eu penso que os pesos estão diferentes”. Théry (1999) amplia essa perspectiva, apontando que essa distribuição mais igualitária dos papéis do homem e da mulher na relação conjugal suscita um movimento de reformulação do ideal de casamento: “... a questão da igualdade entre os sexos e da elaboração de uma nova identidade feminina como motor da reformulação de um ideal de casamento” (THÉRY, 1999, p.136, tradução nossa)¹⁰.

¹⁰ “... la question de l’égalité des sexes, et de l’élaboration d’une nouvelle identité féminine comme moteur de la reformulation d’un idéal du mariage.” (THÉRY, 1999, p.136)

Essa distribuição mais igualitária de papéis parece estar relacionada às mudanças observadas. Uma vez que ambos estão inseridos no mercado de trabalho, compartilhando as responsabilidades de manutenção econômica e operacional da casa, por exemplo, não mais se justificaria ficar a cargo exclusivamente da mulher a sustentação do vínculo conjugal.

Dessa forma, é possível notar que as transformações macro sociais das representações sobre o casamento, dos papéis do homem e da mulher na relação conjugal, entre outras, interferem diretamente no funcionamento cotidiano da relação conjugal, ou seja, nos aspectos moleculares da conjugalidade, gerando mudanças nas próprias expectativas que as mulheres passam a ter do casamento, conforme percebemos no discurso da entrevistada.

Heilborn (2004) acrescenta que é justamente no cotidiano da relação que essa distribuição dos papéis acontece:

A conjugalidade moderna pode ser resumida em termos ideais (nativos) como um núcleo de trocas afetivo-sexuais e um determinado arranjo de vida cotidiana, caracterizando-se essencialmente por uma não-demarcação dos papéis conjugais. Se a indistinção entre os parceiros é o patamar de construção do casal, modelado pelo ideal de equidade, é sob a forma do arranjo cotidiano que se localiza a relação de precedência e de delegação mútua de autoridade que a conjugalidade expressa (HEILBORN, 2004, p. 135).

Por outro lado, conforme aponta Bozon (2003), as mudanças nos papéis do homem e da mulher no que se refere à sustentação do vínculo conjugal podem não configurar uma revolução efetiva:

Se um laço novo se estabeleceu entre sexualidade e vida conjugal, podemos perguntar-nos se ele corresponde a uma transformação radical das relações entre homens e mulheres como a muito utilizada expressão ‘revolução sexual’ [grifo do autor] daria a entender. Em um domínio vizinho, o da divisão do trabalho doméstico, a adesão maciça e nova dos homens e das mulheres a uma norma de igualdade não obteve uma verdadeira tradução nas práticas (BOZON, 2003, p.134).

A dimensão cotidiana também é ressaltada por Camila, que relata detalhadamente uma parte de sua rotina com seu marido, exemplificando situações em que justamente essa atenção ao cotidiano começa a ficar em segundo plano:

E aí ficava na oficina até tarde, e eu esperando, e na oficina até tarde, e eu esperando, a eu esquentava o jantar da primeira, esquentava o jantar da segunda, esquentava o jantar da terceira, esquentava o jantar na quarta vez, e esperando, esperando... como obviamente, a pessoa trabalhava mais de 12 horas por dia, ele chegava morrendo de fome, ia beliscar alguma coisa, sentava pra tomar uma água, no início do nosso casamento a gente tomava

um wiskinho...sabe... era um negócio legal, depois que a coisa foi esculhambando, né? E... aquilo começou a me irritar porque eu via no sofá uma mancha escura de onde ele sempre sentava quando chegava... então eram hábitos e falta de cuidado que pra mim, tava estragando tudo, né... Mas é óbvio, eu tava apaixonada, né, eu tinha irritações esporádicas com essa situação mas, de vez em quando ele acertava também, né, não era de todo negativo, claro que não. (...) Até hoje eu espero isso, até hoje. O quê? A consideração com aquele lado que a gente dedicou ao parceiro, no caso (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

A mancha no sofá citada por Camila parece se configurar quase como uma metáfora das atitudes cotidianas do marido, percebidas por ela como indiferença que, após se repetirem sucessivas vezes, compunham um quadro que representava a insatisfação dela com esse aspecto do casamento.

Embora outros aspectos tenham sido apontados pela entrevistada como fatores que favoreceram sua decisão por se separar, a maneira pela qual seu primeiro marido se relacionava com ela no período em que estava grávida, também foi determinante para o rompimento da relação.

Aí, fiquei grávida. Quando eu fiquei grávida foi um estopim. Porque ele encostou nos 6 meses que eu tava grávida, junto com ele ainda, ele encostou o dedo na minha barriga, sequer fez um carinho, sequer uma deferência especial, sequer uma preocupação... Então, aquilo começou a me aborrecer por demais, aquilo foi a gota d'água no relacionamento, foi a gota d'água... (Camila, 47 anos, coordenadora comercial)

A questão não apenas da gravidez, mas também da convivência com o primeiro filho no início da relação conjugal foi apontada por duas das entrevistadas como um fator que possivelmente favoreceu à separação, considerando que eles se casaram após a gravidez do primeiro filho. Assim, o início da relação conjugal não correspondia apenas à díade, mas a um casal que, desde o princípio, já lidava com a presença do filho e com as diversas particularidades dessa nova condição.

(...) eu parti pra relação, logo depois eu engravidei, nós fomos morar juntos e... é muito difícil uma relação que começa com a maternidade dar certo. Eu não sei estatisticamente, mas acredito que seja um percentual muito pequeno de sucesso, de casais que mantiveram a relação juntos depois da mulher ficar grávida. Porque aí a relação já começa muito diferente, o convívio passa a ser a três em vez de ser a dois. E aí com o tempo você começa a buscar outras coisas. E foi mais ou menos por aí. Com o tempo eu comecei a perceber que era como se eu vivesse um momento e ele vivesse outro (Marina, profissional autônoma, 47 anos).

É... foi perceber... primeiro foi um relacionamento que não começou muito bem. Eu engravidei, né, é... e na época eu não concebia ter um filho sem o pai presente. Embora hoje eu saiba, que se eu tivesse decidido ter um filho,

é, ter o Eduardo naquela época, sem me casar, o pai do Eduardo jamais seria ausente (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Nesse sentido, Heilborn (2006), embora se refira especificamente à juventude, aponta a expectativa socialmente estabelecida (o que também pode ser estendido aos adultos) de que eventos como o namoro, o casamento e o nascimento do primeiro filho aconteçam dentro dessa ordem cronológica, o que favoreceria a construção de trajetórias mais bem-sucedidas.

Propomos a hipótese de que, quando a sequência de tais eventos não corresponde às atuais expectativas sociais acerca da juventude, essas trajetórias são entendidas como problemáticas. Quando algum evento, tal como a união ou o nascimento de um filho, se apresenta antes da finalização dos estudos e da entrada no mercado de trabalho, tais trajetórias são entendidas como resultantes de uma desordem ou da irresponsabilidade juvenil (HEILBORN, 2006, p. 267).

Camila comenta o possível desinvestimento por parte de algumas pessoas envolvidas em casamentos, sugerindo que esse processo pode levar a separações que posteriormente podem ser sucedidas por outros casamentos.

(...) trabalho de grupo, de faculdade, em escola, exige dedicação, paciência, porque você tem várias pessoas pensando de formas diferentes sobre aquele mesmo assunto. Casamento é a mesma coisa, você tem... duas pessoas, que pensam a maior parte das vezes de formas diferentes sobre aquela mesma coisa. Então, tem que ter convenção, tem que ter dedicação, tem que ter seriedade, e... tudo isso, misto, para que não caia no lugar-comum, pra que as pessoas não se sintam tentadas a olhar do outro lado do muro... é como se fosse uma empresa também, né, se você tem uma empresa, você tem que investir na sua empresa, então casamento também é uma empresa, você tem que investir nessa empresa... (...) Então, falta um pouco de seriedade, porque hoje é muito fácil você chegar e... tem um problema de convivência e você.. beija outra pessoa. Muito simples, fácil... eu acho isso... uma coisa absurda. Porque falta seriedade, porque falta o respeito, né, a instituição tem que ser respeitada (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

Ainda nesse sentido, a partir de outra perspectiva sobre o recasamento, podemos ressaltar a colocação de Gisele, que considera até mesmo a dificuldade das pessoas se relacionarem como um fator que pode influenciar a ocorrência do recasamento:

(...) hoje em dia é muito mais difícil as pessoas quererem se relacionar. Aliás, não é quererem, elas querem, mas elas têm muita dificuldade. E quanto mais o tempo passa, é mais difícil. Eu acho que os relacionamentos estão menos duradouros (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

4. O RECASAMENTO E SUAS SINGULARIDADES

4.1 “A voz da experiência”: o recasamento e a maturidade

É interessante observar que dentre as oito mulheres entrevistadas, seis delas se casaram pela primeira vez antes dos 23 anos de idade. E justamente um dos aspectos apontados por várias delas quando questionadas sobre o sentido do recasamento foi um processo de amadurecimento observado por elas entre a primeira e a segunda relação.

Eu acho que é amadurecimento... eu acho assim, ainda mais a nossa faixa etária, que a gente casa muito nova, se envolve, se relaciona com a pessoa, fica apaixonada, aquele negócio todo e acaba não dando certo. Acho que o principal motivo é financeiro e falta de amadurecimento mesmo da pessoa... você acaba pensando como jovem. E aí não dá certo, separa.. E com o tempo você vai aprendendo, vai aprendendo com a vida, com o sofrimento, e aí depois você vai e começa outro relacionamento, já mais madura, né, com a cabeça mais feita, lembrando dos erros passados, pensando em não cometê-los de novo... (Mara, 37 anos, secretária executiva).

Então, eu acho que... num segundo relacionamento elas entram com o compromisso de irem mais a fundo, serem mais tolerantes, cederem mais... se observarem mais... pra justamente não cometer os mesmos erros que aconteceram... é... são pessoas mais maduras, né, naturalmente...(Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

O recasamento pode ser significado para algumas mulheres, como parece ser o caso de Mara e Gisele, como uma nova oportunidade de inserção em uma relação conjugal, em um momento em que a mulher já estaria mais preparada (madura, segundo elas) para vivenciar essa experiência, pelo fato de já ter passado pelo primeiro casamento.

Rita, por exemplo, relaciona a imaturidade ao fim do primeiro casamento e cogita que tenha se precipitado quanto à decisão por ele. Faz afirmações neste sentido por meio de uma contraposição com o que o sente pelo atual marido. Hoje, ela reavalia o sentimento que tinha na ocasião do casamento com seu primeiro marido como algo que não justificaria sua decisão. Aparece, assim, associada à imaturidade, uma impossibilidade de saber como é o amor que deve motivar a decisão pelo casamento.

Acho que tudo isso foi um pouco de imaturidade da minha parte e acho que da dele também, e acabou não dando certo, porque a gente não se gostava o suficiente pra casar... não sei... não deu certo... (...) eu não me arrependo, mas assim, depois que você conhece outra pessoa, tipo, vê que não é a

mesma coisa... “- Poxa, eu não gostava dele pra ter casado...”... o que aconteceu assim, não é o mesmo amor... é bem diferente... (Rita, 45 anos, dona-de-casa).

Segundo a entrevistada, a partir da experiência do primeiro casamento, é possível identificar alguns erros e, na segunda relação conjugal, ter uma atenção maior para que os mesmos erros não sejam cometidos.

Marina também comenta sobre a possibilidade de corrigir, no segundo casamento, erros cometidos no primeiro, descrevendo inclusive em termos mais práticos, formas de evitar a repetição desses erros:

Você passa a conhecer muito mais a pessoa, ele não precisa mais dizer alguma coisa pra você saber que tem alguma coisa aí que não tá... entendeu? Então assim, eu posso te dizer que eu mudei sim porque eu amadureci bastante, né? E muitas coisas que eu vivenciei no primeiro, que não foram boas, você não quer que se repitam, mas pra não se repetir, você tem que deixar a coisa muito clara e você tem que dizer pro outro que não quer que aquilo aconteça. E aí você evita essas situações (Marina, profissional autônoma, 47 anos).

Féres-Carneiro (2008) comenta sobre essa preocupação bem recorrente no segundo casamento: “Muitas vezes os parceiros investem grande soma de energia afetiva na nova relação, na tentativa de reparar os erros que ocasionaram rupturas anteriores” (FÉRES-CARNEIRO, 2008, p. 15).

Em outro momento da entrevista, Mara, comentando sobre seu segundo casamento que terminou com a separação, avalia:

Não considero perda de tempo, porque nada na vida agora, assim, de um tempo pra cá, depois desse meu segundo relacionamento, eu penso sempre assim pra cima, eu não considero perda de tempo, eu considero uma vivência, um aprendizado, que eu quero esquecer e acabou, e eu tô bem na vida que eu tô agora (Mara, 37 anos, secretária executiva).

Outro aspecto que Mara aponta como um indicador de maior maturidade, é a capacidade de assumir uma atitude mais empática, colocando-se com mais frequência no lugar do outro. Assim, quando questionada sobre sua percepção de diferenças no segundo casamento, ela responde:

Ah, percebo. Percebo sim. Que eu deixei de ter uma opinião formada de muitas coisas como a sociedade impõe a gente, e pensar um pouco mais no próximo, pensar um pouco mais na diferença entre as pessoas, de se por no lugar do outro...eu mudei muito com relação a isso. E me percebo mais madura com relação a isso, mais evoluída. Não totalmente, porque a gente ainda não chegou na perfeição, mas procuro sempre olhar os dois lados pra

chegar a uma conclusão. Não tenho assim uma opinião formada pra... assim.. ah, pessoa não me ligou, não quero mais saber dela. Não. Pode ter acontecido algum problema – um exemplo que eu tô dando. Pode ter acontecido algum problema, vamos dar mais uma chance, vou procurá-la de novo. Eu mudei bastante, com relação a isso, eu agora me ponho no lugar da outra pessoa (Mara, 37 anos, secretária executiva).

Leda também comenta sobre a maturidade, referindo-se especificamente à “bagagem” adquirida com o primeiro casamento, o que contribui para seu posicionamento na nova relação:

Talvez porque eu fosse mais madura, já tenha tido essa outra relação anterior, aí você fica meio que escaldada, né, aí você já entra numa outra relação já com alguma bagagem, né? Aí você já entra numa outra relação já sabendo o que você não quer, né, o que você quer é viver bem, feliz, satisfeita, agora o que você não quer... eu já sabia o que eu não queria para que essa relação pudesse se manter um tempo (Leda, 45 anos, professora).

Féres-Carneiro (2008) também aborda exatamente essa experiência adquirida no primeiro casamento, que pode ser caracterizada como uma “bagagem emocional” que favorece a inserção no recasamento:

No recasamento, essa bagagem é enriquecida por experiências vividas nos casamentos anteriores. As experiências de coabitar, o enfrentamento das diferenças individuais no casamento, a experiência do diálogo conjugal e o aprendizado sobre si no contexto das relações conjugais ampliam os recursos emocionais no recasamento (FÉRES-CARNEIRO, 2008, p. 15).

Embora o fato de ter vivenciado o primeiro casamento, com esses seus erros e problemas, possa favorecer mudanças de postura que contribuam para um segundo casamento mais bem-sucedido, é importante ressaltar que esse significado também é atribuído *a posteriori*. A partir do discurso das entrevistadas não pode ser deduzido que o envolvimento no primeiro casamento seja intencionalmente uma experimentação para o segundo, até mesmo pelo desafio da vivência do processo de separação, conforme fica ressaltado no discurso da entrevistada Gisele: “Então... eu não imagino que as pessoas queiram... ter um relacionamento e saírem se separando a torto e à direita, porque é uma coisa dolorosa” (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

No entanto, no primeiro casamento, podem ser identificadas falhas, erros e problemas que podem vir a ser reparados quando do envolvimento em uma nova relação conjugal. Assim, esse segundo casamento pode ser considerado, conforme colocado pela maior parte das entrevistadas, ainda que *a posteriori*, como uma nova oportunidade de busca da satisfação conjugal, na qual há a chance de serem revistos erros cometidos no primeiro casamento, de

forma que os mesmos não sejam repetidos, diferente do estigma de fracasso, e de repetição de algo que já havia sido mal-sucedido e, portanto, estaria fadado o insucesso.

Embora as entrevistadas tenham se casado pela primeira vez com idade, em média, de 23 anos, e tenham se referido à imaturidade como um dos fatores que possivelmente favoreceu a separação, duas delas abordaram outros aspectos da maturidade, relacionando-a não diretamente à idade cronológica, mas à própria experiência vivenciada no primeiro casamento, a qual não estaria diretamente vinculada à idade delas.

Olha. Eu acho que a idade não determina, não é fator determinante pra maturidade. Eu acho que a maturidade vem, à medida que você... Primeiro de tudo, você tem que ter uma proposta de... se enxergar é... é... e... de ser feliz, eu acho. Ou... eu não sei o que vem primeiro. Não sei se ser feliz vem primeiro, ou você quer se enxergar, pra depois ser feliz... eu sei o seguinte. No meu caso, a minha maturidade veio, no momento em que eu decidi me descobrir. E... querer... eu quis ultrapassar coisas que me traziam muito sofrimento (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

A maturidade é o aprendizado, você evolui. Então, se você aproveita todas as oportunidades, você se interessa, você busca, né, o crescimento interior, acho que você consegue entender as lições que a vida te dá. Quando você não faz isso, que eu acho que esse desligamento é mais comum no homem, ainda mais o homem que tem o compromisso do casamento, eu acho que ele não é tão... não é tão... sagaz assim. Eu acho que ele deixa de aprender algumas lições. é bem assim, pelas coisas que eu passei (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

Além da maturidade vinculada às experiências vivenciadas no primeiro casamento, as entrevistadas significam a maturidade como relacionada à capacidade de auto-percepção e de busca pela felicidade (Gisele). Já Camila, buscando ilustrar seu entendimento sobre a maturidade, recorre a um contraponto percebido por ela entre homens e mulheres no que se refere ao aproveitamento dessas oportunidades de se tornarem mais maduros.

Camila ainda relaciona a maturidade adquirida à dimensão da sexualidade que, segundo ela, favoreceu a relação no segundo casamento, ainda que haja outras questões que acabam interferindo na vida sexual:

(...) a diferença de um casamento pro outro é só maturidade, de fato. Falando da coisa boa... vamos dizer que no meu primeiro casamento, minha experiência era nula e no segundo casamento, eu já era uma outra pessoa, a maturidade faz com que você desenvolva outros aspectos do relacionamento. Então, sexo no primeiro casamento era uma coisa assim, e no segundo casamento é uma coisa muuuito legal. Só que com as influências externas, os sentimentos controversos aí e tal, a gente... enfim...a gente fica meio... dá meio que uma desacelerada na vida sexual... mas... é assim que funciona (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

A questão da maturidade, tanto com relação à idade, quanto no que se refere às experiências, é citada pelas entrevistadas como um dos aspectos que pode favorecer o envolvimento no segundo casamento. Além disso, a imaturidade é também um assunto que aparece ao falarmos sobre o processo da separação e os fatores que contribuíram para o rompimento, assim como aponta Alba:

Eu acho que, o primeiro fator foi imaturidade. Eu me casei muito nova, eu casei com 17 pra 18, me separei com 29, fiquei 12 casada... e foi uma crise que a gente não conseguiu superar (Alba, 38 anos, psicóloga).

Andréia também faz referência a essa questão, associando-a à falta de experiência que tinha até a ocasião de seu primeiro casamento. A entrevistada se refere a essa falta de experiência, tanto pelo aspecto relacional, quanto pela inserção na vida profissional e as consequências que esta última pode proporcionar.

(...) eu assim, o que eu acho depois, um balanço que eu faço do meu primeiro casamento? Eu casei com 22 anos. Comecei namorando ele com 15 anos, e aí.. ele muito apaixonado e tal... eu também, gostava muito dele, mas só que eu estava num momento que eu queria sair... brincar... sair... eu tava com aquele compromisso já sério namorando em casa, e aí com 18 anos eu fui trabalhar sério, já no meu primeiro emprego, que foi nesse curso. (...) E aí, quando eu comecei a trabalhar, ver outras pessoas, ganhar meu dinheiro – mesmo que fosse pouco... mudou um pouco o ritmo, então abriu mais assim... “pô, a vida tem a oferecer muito mais. (...) Na época eu tava namorando, mas ainda assim eu gostava dele, tanto é que nós nos casamos, mas foi assim, ele forçou a barra, da gente ficar noivo com 18 anos.... (Andréia, 36 anos, secretária executiva).

Pais (1993) trata do momento de decisão pelo casamento nesse período de transição da juventude para a vida adulta e os aspectos que podem ser considerados, especialmente pelas mulheres, por ocasião dessa escolha:

O alongamento do período de transição dos jovens para a vida adulta pode, de facto, justificar-se não apenas devido ao prolongamento dos percursos escolares e à crescente precariedade laboral mas, também, ao surgimento de novas estratégias conjugais. (...) O adiamento do casamento corresponderá à recusa, mais ou menos consciente, por parte destas jovens, de um envolvimento excessivamente precoce na tradicional divisão de papéis sexuais. Embora inseridas em estratégias de mobilidade profissional ascendente, estas jovens privilegiam a ascensão através da profissão, em vez da ascensão ocasionada pela realização de um <<bom casamento>> (como acontece com as classes superiores) (PAIS, 1993, p. 312).

Conforme coloca Pais, há uma tendência atual para que a inserção em um vínculo conjugal seja adiada, o que inclusive aparece no discurso de algumas entrevistadas, como

Andréia, por exemplo, que comenta sua sensação de que a vida “teria muito mais a oferecer”, para além do casamento no qual ela estava. No entanto, a opção pelo casamento nesse momento inicial da vida adulta prevaleceu entre as entrevistadas, ao contrário do que afirma este autor.

É interessante o contraponto com o que coloca Torres (2000), após uma pesquisa na qual foram entrevistados homens e mulheres em diferentes estágios do casamento, que destaca: “ (...) o tom dominante é o de uma mulher dotada de vontade individual, de protagonismo, de mudanças e muito menos o de uma mulher vítima das circunstâncias” (TORRES, 2000, p. 145). Esse parece ser o tom das mulheres entrevistadas quando envolvidas no segundo casamento, já que algumas delas relataram a sensação de incerteza ou insegurança quando da decisão pelo primeiro casamento, colocando que ainda deveriam usufruir de outras experiências na vida e que não estavam convictas quanto ao que sentiam pelo primeiro marido e se de fato a opção pelo casamento seria coerente com esse sentimento.

Ainda no que se refere à questão da faixa etária, duas entrevistadas apontaram a diferença de idade entre elas e seus respectivos cônjuges como outro possível fator relacionado à decisão de se separar.

Heilborn (2006), comentando sobre os critérios para escolha dos cônjuges, considerando homens e mulheres, e suas respectivas faixas etárias, faz algumas observações:

No caso feminino, o aspecto privilegiado parece ser o trabalho, que está diretamente relacionado ao ideal de homem provedor, tendendo as escolhas a recaírem sobre parceiros mais velhos. As escolhas masculinas, sobretudo aquelas dos homens pertencentes aos segmentos de mais baixa renda, parecem estar relacionadas a um modelo mais tradicional, em que a diferença etária aparece como um elemento a mais de dominação masculina (HEILBORN, 2006, p. 287).

Embora a análise da autora esteja principalmente focada em segmentos de baixa renda, essa tendência no que se refere à diferença das faixas etárias dos cônjuges esteve presente no primeiro casamento das entrevistadas, ainda que com amplitudes diferentes.

Marina comenta exatamente sobre essa percepção de seu primeiro marido como um homem independente, ressaltando o quanto essa característica influenciou sua decisão de se casar com ele.

(...) ele tinha uma vida muito independente, de um homem maduro, sozinho, livre. E aquilo me atraiu, porque eu era uma menina nova, filha única, muito presa, tinha um namorado que era namorado dentro de casa, então eu não

tinha uma liberdade. E eu acho que num primeiro momento o que mais me atraiu nessa relação foi essa questão da liberdade (Marina, 47 anos, profissional autônoma).

Já Leda fala sobre a diferença de idade, ressaltando a experiência que seu primeiro marido demonstrava ter, até mesmo por um grau de instrução mais elevado que o dela.

(...) meu ex-marido, foi mesmo a gente tinha uma diferença de idade, não sei se isso... uns 15 anos mais ou menos ele era mais velho... mas quando eu me casei, eu me casei muito novinha, com 19 anos... eu acho que eu era muito sem informações na vida, eu tinha uma vida mais limitada, morava num lugar muito humilde...então, ele já tinha tido várias experiências, com várias amizades, com níveis sociais diferentes... o que eu já vivi depois do meu primeiro casamento, antes ele já tinha tido na época. Então, ele era uma pessoa mais experiente que eu, (...) eu não soube conviver com essa gama de informações todas de repente, sabe, de um homem que já tinha um grau de instrução mais elevado que o meu, e eu muito menina... sabe, então eu acho que isso foi uma coisa... uma incompatibilidade (Leda, 45 anos, professora).

4.2 Duas faces da moeda: o recasamento e as diferenças de gênero

Algumas diferenças são apontadas pelas entrevistadas ao considerarem a experiência do recasamento especificamente para homens e para mulheres. Leda, comentando sobre as diferenças de expectativas de homens e mulheres após a separação, coloca:

Assim, a gente... eu vejo que a mulher... os homens também buscam o segundo casamento, mas assim, a mulher, eu não sei assim, a questão da vida, né, da noite... os homens costumam mais voltar a essa coisa, curtir um pouco esse lado...a mulher ela quer mais um porto seguro, né, as pessoas que eu conheço, num primeiro momento que elas se separam, elas querem curtir, sair, acontece isso também, mas a maioria... tão sempre procurando aquele porto seguro, sabe, uma pessoa que é fixa...(Leda, 45 anos, professora).

Outro aspecto que parece marcar a diferença entre a experiência do recasamento para o homem e para a mulher é a questão a permanência com os filhos da primeira relação conjugal. Ainda que os números estejam progressivamente menos contrastantes, ainda é grande a proporção de mulheres que permanecem com a guarda dos filhos após a separação em comparação ao número de homens que assumem essa responsabilidade.

Conforme aponta Brito (2007), conjugalidade e parentalidade permanecem, em muitos casos, vinculadas, mesmo após a separação, assim como podemos observar no relato da entrevistada Andréia:

(...) o Rodrigo [primeiro marido] se mostrou um péssimo pai, porque a gente se separou, e ele se separou da Bianca [filha]. E cada dia mais que passa, eu via que a decisão mais certa que eu tomei na minha vida foi se separar do Rodrigo. (...) Porque ele, cara, ele me venerava, mas, a filha dele... pra mim, ele como pai, ele deixou muito a desejar... e até hoje, pode perguntar, ele como pai, o que que ele sabe da vida da Bianca? Pega uma na vez na vida e outra na morte... Isso sem falar na parte financeira, tô falando na parte emocional, de estar acompanhando, de tá junto, de pegar, de tá junto com a criança, dela ter o espaço dela lá na casa dele, nada disso... zero... zero... (Andréia, 36 anos, secretária executiva).

Dessa forma, assumir essa responsabilidade após a separação pode interferir diretamente no envolvimento em uma nova relação conjugal, o que foi ratificado no discurso de Marina:

Porque assim, pro homem é tudo muito mais fácil. Eu costumo dizer que homem não é mãe. Então, ele se sente mais livre desse compromisso de ter o filho consigo e pode partir pra uma outra relação, porque ele sabe que normalmente o filho fica com a mãe. Então pra ele, é como se ele fosse viver uma nova vida sem estar com o filho. Então, assim, é... quando a mulher tem um filho, ela já... se divide. Você já se divide entre você e o seu filho, não tem como (...) Então pra uma mulher, se ela já tem um filho e ela quer partir para uma outra relação, ela já pensa mais do que uma vez (...) Alguns [falando dos homens] sabem do compromisso que tem financeiramente e emocionalmente com esse filho. Outros não. E isso você vê aí no dia a dia, ações na justiça, de ação de paternidade, de pensão... e vai por aí a fora, né? Então, por isso que eu acho que pro homem é muito mais fácil do que pra uma mulher, entendeu? (Marina, 47 anos, autônoma)

E em outro sentido, Gisele, sobre essa diferença, afirmou: “(...) às vezes é diferente pra mulher quando a mulher tem filho, e o homem não. E vice-versa. Porque assim, quando o homem tem filho também e a mulher não, tem essa diferença, né...” (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental)

Em outro momento da entrevista, Gisele conta sobre o esquema que ela e seu segundo marido passaram a adotar no início do relacionamento para conciliarem os finais de semana deles com seus respectivos filhos e os momentos para o casal (ela e o segundo marido) que passaram a coincidir com os finais de semana em que seus filhos ficavam com os ex-cônjuges, no caso dele, com a mãe (ex-mulher) e, no caso dela, com o pai (seu ex-marido).

Depois que eu comecei a namorar sério com ele, a ex-mulher dele começou a ficar chateada, pau da vida, e começou a cobrar a visita dos filhos... aí estabeleceu final de semana sim, final de semana não com ela e.. aí... eu conciliei também o final de semana do meu ex-marido. Então aí ficou um final de semana dos dois ex e final de semana da gente (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Vale ressaltar que, dentre as entrevistadas, apenas Camila e Gisele vivem com os filhos do primeiro casamento do atual marido delas. E essa estratégia citada por Gisele parece ratificar sua fala anterior de que a marca da diferença após a separação está mais vinculada à guarda dos filhos do que aos papéis associados aos gêneros. Assim, no caso de seu segundo marido que, como ela, permaneceu com a guarda das crianças, foi necessário que ele buscasse um arranjo para conciliar estar com seus filhos, atender à demanda da ex-mulher de estar com eles e, em paralelo, estar com sua nova esposa.

Gisele ainda fala sobre o momento em que passou a morar com um dos filhos do primeiro casamento do seu atual marido, o que aconteceu recentemente, marcando a diferença com o período anterior, quando apenas convivia esporadicamente com ele:

Difícil. Assim, não é difícil, tá sendo em alguns momentos difícil, por quê? Eu adoro o Bruno, mas uma coisa é o Bruno aparecer na sua casa uma vez por semana, “-Oi, tudo bem, e tal?” A gente brincar - ele é muito brincalhão, eu fico tirando onda com a cara dele, ele tira onda com a minha cara... e tal. Outra coisa é ele morar. Então, morando comigo, ele teve que se deparar com momentos meus de mau humor, né, é... ele é boa praça o tempo todo. Porque, é um rapaz de 20 anos... ele tem um ótimo humor. Mas eu não. Em vários momentos, hoje, ele faz uma brincadeira e eu “-Ó, não tô a fim de brincar agora...” Porque agora nós moramos juntos. Antes, a probabilidade dele se deparar com o meu mau humor era muito menor, então.. Tá difícil nesse aspecto. Puxa, agora que ele vem morar aqui, eu vou ser a megera da mulher do pai dele. Antes eu era a mulher do pai dele gente boa. Agora eu vou ser a chata, né. Então, eu fiquei preocupada (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Gisele ainda detalha sua forma de se relacionar com o filho de seu atual marido, especialmente nos momentos em que se sente insatisfeita com alguma atitude dele, quando ela comenta certo impasse entre o desejo de se posicionar e o receio de desgastar a relação.

Só que eu evito falar com ele diretamente, assim, o que que eu faço? Eu falo com o Ronaldo [seu atual marido]: “Ronaldo, eu não gostei de tal situação e eu queria que você conversasse com o Bruno. Por quê? Porque eu acho que se toda vez que eu for falar com ele algo que me desagrada, vai haver um desgaste muito grande... e eu acho que a nossa relação, ela... nesse momento ela tá frágil por causa disso, tá muito nova essa proximidade. Então, eu não quero ser a chata. (...) Mas eu evito ficar toda hora, porque aí a relação deles é outra... a chance do Bruno ficar achando que o pai dele é um chato é bem menor do que comigo. Eu prefiro deixar pra momentos mais críticos, assim... pra momentos mais sérios.. .mas tem coisas do dia-a-dia que me incomodam... (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Camila também falou sobre os impasses que experimenta mais especificamente no processo de educação dos filhos do primeiro casamento de seu atual marido que vivem com eles, embora avalie a relação com as crianças como satisfatória, de maneira geral:

Olha, a educação na família dele sempre foi muito liberada. Então, a gente tá do lado de fora é uma coisa e tá do lado de dentro é outra. A gente teve e tem muitos conflitos com relação à educação, muitos, muitos, muitos. Porque ele trabalha fora e a empregada é que toma conta. E não é uma empregada que tinha uma educação que pudesse passar para as crianças. A mãe deles era ausente, é ausente, né. Então, é uma coisa que não contribuiu muito, então... não são... não tem muito critério assim, né, eu... não é que eu julgue não, mas eu encaro muitas coisas que... assim... não é do meu jeito de ser assim, então, é claro, rolam uns conflitos... mas é um convívio legal. A gente tem uma relação bem legal, eu com as crianças (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

Embora a entrevistada Gisele tenha se referido à questão específica da guarda dos filhos como um marco diferencial, tanto para o homem, quanto para a mulher, Beltzer e Bozon (2006) ratificam, conforme colocado anteriormente e especialmente no caso das mulheres com mais de 35 anos, ser essa uma responsabilidade que recai predominantemente sobre elas e não sobre os homens. Nesse sentido, de acordo com dados do IBGE divulgados na Revista Época (19/04/2010), a proporção de mulheres que permanecem com a guarda dos filhos após a separação é de 88,7%, enquanto apenas 11,3% dos homens assumem essa responsabilidade após o rompimento da relação conjugal.

A demógrafa Maria Coleta Oliveira (2007) também afirma serem os homens os que mais frequentemente buscam uma segunda união após a separação, apontando que eles têm, em média, duas vezes mais chances de partir para a segunda relação conjugal do que as mulheres.

Ainda em relação a diferenças experienciadas por homens e mulheres no momento posterior ao casamento, Beltzer e Bozon (2006), em sua pesquisa sobre a sexualidade após a separação, afirmam que o intervalo de tempo entre a separação e a primeira relação sexual é muito diferente. Segundo os autores, em geral, as mulheres têm a primeira experiência seis meses após a separação, enquanto os homens, após três meses.

As expectativas também são ponto de diferença. Camila aponta que a diferença entre as expectativas dela e de seu primeiro marido para o casamento representou um dos principais fatores que favoreceu à separação: “Então, assim, é... não deu certo, porque eu era apaixonada e ele queria um teto” (Camila, 47 anos, coordenadora comercial). Essa questão parece ter sido abordada por Féres-Carneiro (2008), em uma pesquisa sobre as concepções de casamento:

(...) enquanto as mulheres concebem casamento como ‘relação amorosa’, para os homens, casamento é sobretudo ‘constituição de família’. (...) Assim, para as mulheres, quando a relação não é satisfatória, sobretudo

na sua vertente amorosa, a separação parece inevitável o que não ocorre com os homens (FÉRES-CARNEIRO, 2008, p. 14).

Embora no discurso da entrevistada não fique evidente que a expectativa de seu primeiro marido era constituir uma família, o descompasso de objetivos na relação fica ressaltado e, segundo ela, essa diferença é caracterizada como um dos principais fatores que contribuíram para a separação.

Gisele alega que as diferenças percebidas entre ela e o primeiro marido favoreceram a decisão por se separar, na medida em que dificultavam bastante o entendimento entre eles.

(...) ao longo do tempo eu vi uma diferença muito grande. Diferença assim... é... muito difícil de conviver, porque idéias, gostos, perspectivas... é, muita diferença. E isso foi... um fator, ao longo de tempo... eu não queria ficar com essa pessoa, que não tinha nada a ver comigo (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

5. “AGORA ACABOU...”: O PERÍODO PÓS-SEPARAÇÃO

*Trocando em miúdos, pode guardar
As sobras de tudo que chamam lar
As sombras de tudo que fomos nós
As marcas de amor nos nossos lençóis
As nossas melhores lembranças
Aquele esperança de tudo se ajeitar
Pode esquecer
Aquele aliança, você pode empenhar
Ou derreter
Mas devo dizer que não vou lhe dar
O enorme prazer de me ver chorar
Nem vou lhe cobrar pelo seu estrago
Meu peito tão dilacerado
(Trocando em miúdos – Chico Buarque e Francis Hime)*

5.1 As redes de apoio

Féres-Carneiro (2003), durante sua pesquisa sobre a maneira como homens e mulheres vivenciam o processo de dissolução do casamento, comenta, a partir das concepções distintas que ambos costumam ter a respeito da relação conjugal, as diferentes reações que a separação pode suscitar.

Esta diferença de sentimentos nas vivências masculinas e femininas do processo de separação conjugal pode estar relacionada também ao modo distinto de homens e mulheres conceberem casamento, já ressaltado anteriormente. Assim, quando o projeto de “constituir família” é interrompido com a separação, os homens se sentem sobretudo “frustrados” e “fracassados”, e quando a “relação de amor” termina, as mulheres se sentem sobretudo “magoadas” e “sozinhas” [grifos da autora] (FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 371).

Algumas das entrevistadas comentaram sobre esse sentimento de sofrimento e solidão, assim como Alba, que ressalta que durante o casamento podia compartilhar com o marido a responsabilidade não apenas financeira, mas também de administração do cotidiano da casa e de suas filhas, o que após a separação não era mais possível.

Foi o pior da minha vida. Foi horrível... um momento negro assim... eu fiquei em depressão... fiquei muito mal e... não deixei de trabalhar, não deixei de cuidar das minhas filhas, mas internamente, aquele rompimento pra mim foi ... foi muito difícil, pra mim foi... muito ruim. Eu fiquei mais ou menos

um ano separada. Mas esse período foi muito difícil de ter que... reorganizar minha casa, de ter que readministrar uma nova rotina, com duas crianças pequenas, uma de 6 e outra de 9, ter que reorganizar minhas finanças... tudo, né? Não ter mais uma pessoa que poderia... “-ah.. eu hoje vou chegar mais tarde do trabalho, você fica com as crianças, não... eu teria que dar conta de tudo (Alba, 38 anos, psicóloga).

De acordo com o relato delas, o sofrimento parece vinculado não apenas à relação que foi rompida, mas também à sensação de passarem a ser as únicas responsáveis pela administração do cotidiano da casa e dos filhos, além da dimensão financeira, a qual também passa a ficar exclusivamente a cargo delas.

A partir de uma metáfora em que comparou o apartamento em que estava com sua filha a um ninho, Camila relata em detalhes o ambiente em que elas viviam, o que parece remeter ao momento que experimentava, de reorganização (móveis do apartamento anterior que não combinavam entre si) e, ao mesmo tempo, de certo sofrimento, quando coloca que era muito “desleixada”, pois não tinha mais prazer.

Só que com o passar do tempo eu também fui ficando relaxada na minha casa, porque eu não recebia ninguém, eu me fechei, né, minha casa parecia um ninho. Realmente, né, o passarinho chega, né, pega a folha daquele pedaço, bota ali, pega um fio de linha, bota ali, pega um pedaço de tecido, bota ali, pega uma folha seca, bota ali. Quando você tá analisando o ninho, assim, à distância, tá bonito, né, todo certinho, aí quando você olha o ninho, ele é feito de vários tipos de material, tudo que você encontrou por aí. Minha casa tava parecida, minha casa tinha pó, minha casa tinha roupa pra passar, tinha dias sem varrer, tinha televisão, tinha comidinha legal, porta fechada sempre, tinha eu e minha filha, tinha cortina de uma cor na sala, tinha uma outra cortina... enfim, era uma mistura de várias coisas, vários momentos.. .Porque como eu tinha vendido tudo o que combinava no outro apartamento, eu não podia combinar nada. Então era tudo mais ou menos. Não tinha nada caindo aos pedaços, assim, mas era... era muito desleixada, digamos assim, porque eu realmente não tinha mais prazer... (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

Ela também parece vincular seu sofrimento mais diretamente ao cotidiano com sua filha, o qual ela passou a administrar sozinha. De maneira bastante emotiva, ao descrever com detalhes a rotina com sua filha naquele período, Camila comenta o quão árduo foi sustentar esse processo.

Foi uma guerra. Foi uma guerra porque minha filha era pequena, minha filha teve muito problema de alergia, então ela teve várias pneumonias, então eu vivia com médico (...) Aí, eu todo mês levava lá religiosamente pra acompanhar, a evolução dela, e aí final de semana era isso, minha vida era isso, fazer comidinha final de semana pra ela, eu tinha medo de sair com ela na rua... insegurança, desânimo, não sei... tempos doloridos... aí... é... lembrar dói... (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

Camila ainda prossegue, falando sobre apoios que ela não recebeu como, por exemplo, do proprietário do apartamento onde morava e da própria família que, por alguns problemas, não se configurou como um suporte da maneira como ela esperava, fazendo com que ela precisasse sustentar a situação praticamente sozinha.

Mas era assim, a minha vida depois que eu me separei foi muito complicada, porque eu não fui recebida pela advogada, o proprietário da onde eu morava deu uma banana gigantesca pra mim, eu com uma menina recém-nascida, pô, eu não podia pagar uma multa de três aluguéis, era uma coisa absurda de cara pra mim... não tinha como, né? Então... eu fiquei chateada, né, porque muitas portas fecharam... Enfim... tem outra parte mais triste com relação aí a família da minha mãe e tal, mas aí...eu não vou falar, porque é mais triste ainda... realmente eu não quero nem pensar... Mas foram coisas complicadas também de família... Então eu tentava realmente sobreviver sozinha, por minha conta e risco, contando comigo... muito tempo na janela, olhando pro céu, minha filha dormindo, brincando, desenhando – que ela sempre gostou muito de desenhar- olhando e pensando como é que seria o dia de amanhã, né? Como será que eu ia sair daquele buraco, né? E eu realmente saí do buraco (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

Gisele comenta também sobre a dificuldade de não ter contado com uma rede de apoio pelo fato de não estar em sua cidade de origem:

Olha, foi bastante sofrido, porque... eu mudei de cidade é... e eu decidi ficar... é... eu poderia ter voltado pra Brasília, porque lá a minha mãe tá lá, minha família tá lá, né... então foi muito difícil, eu tinha pouquíssimos amigos aqui, uma criança pequena, o Eduardo tinha 1 ano e 10 meses... a minha situação financeira não era boa... é, então... foi muito difícil... por causa dessa solidão... (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Por outro lado, ela ressalta o vínculo que estabeleceu com a família do primeiro marido, e o quanto foi difícil se afastar deles por conta da separação: “Mas tinha o filho, tinha a família... foi mais difícil eu me separar da família dele do que dele...” (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental)

Sobre o impacto da separação no nível sócio-econômico de algumas mulheres, Moncorvo (2008) afirma:

Geralmente elas perdem o apoio do ex-cônjuge, sofrendo uma queda no nível sócio-econômico. Na área profissional-econômico-financeira, observa-se uma constante preocupação diante da situação de instabilidade econômica e dificuldades para manter o sustento da família (MONCORVO, 2008, p. 34).

Essa preocupação com o aspecto financeiro parece ter sido uma questão enfrentada por algumas das entrevistadas, como Camila, por exemplo que, embora não tenha contado com o

apoio de sua mãe no que se refere ao envolvimento em novas relações, teve a ajuda dela no cuidado com sua filha :

(...) eu me separei, eu sustentei minha casa, passei um perrengue, mas não pedi nada a ninguém, continuei na minha, continuei trabalhando muito, e... pagando escola da minha filha, levando pra escola... Minha mãe deu uma bola danada nessa história, ela me ajudou muito, e eu fui.. aos trancos e barrancos conseguindo, tô de pé, temos problemas, todos nós temos... não morri... mas a gente supera (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

Alba ressalta essa mesma inquietação em seu discurso, comentando inclusive sobre a ausência da ajuda financeira do ex-marido e também sobre a responsabilidade que passa a recair apenas sobre ela de sustentar financeiramente sua casa e suas filhas, além de administrar todo o cotidiano da família.

E esse momento de ter que dar conta daquela casa, com duas crianças pequenas, e mais das finanças, porque eu fiquei inicialmente sem nenhum recurso financeiro vindo do pai das crianças, né, foi muito difícil pra eu me readaptar... tanto é que eu perdi 12Kg em dois meses Porque a vida não pára, né? Porque as crianças continuaram indo pra escola, continuaram ficando gripadas, as contas continuaram a chegar, eu tinha que desmontar uma casa, remontar uma casa... (Alba, 38 anos, psicóloga).

Sobre o retorno à casa da família de origem após a separação, há um aspecto curioso, que inclusive deixa espaço para explorações futuras. É interessante ressaltar que, das oito entrevistadas, apenas três não voltaram para casa de sua família de origem (seja dos pais ou apenas da mãe) após a separação. E Alba, embora não tenha retornado à casa de sua família (o que em geral parece ocorrer especialmente por motivos financeiros), comenta sobre o fato de ter permanecido no mesmo lugar onde viveu com seu primeiro marido, por ser mais conveniente sob a perspectiva financeira, e sobre o recurso que adotou para “suportar” permanecer no mesmo espaço físico.

É, eu fiquei na mesma casa, mas assim... eu não queria mais o mesmo quarto, eu não queria mais as roupas que lembravam ele, os enfeites... então, foi uma reconstrução da minha casa. Apesar de eu ter ficado no mesmo apartamento, o que financeiramente era mais conveniente, eu reestruturei a minha casa, pra poder suportar ficar nela (Alba, 38 anos, psicóloga).

Leda também comenta sobre o aspecto financeiro, afirmando inclusive ter sido esse o fator mais complicado para administrar nesse período após a separação, devido à diferença de nível sócio-econômico entre ela e seu primeiro marido e a dependência financeira que, de alguma maneira, tinha com relação a ele.

É... eu acho incrível, eu tenho amigas que falam assim, que eu fui muito forte, eu não vi assim... na época, eu não me senti assim muito forte, mas

como eu era uma pessoa assim, que financeiramente meu nível era baixo, eu dependia dele para algumas coisas, então... eu acho que o que me pegou mais foi essa parte financeira (Leda, 45 anos, professora).

Moncorvo (2008) ressalta o quanto a maneira como cada pessoa vivencia o processo de separação é impactada, entre outros aspectos, pela estabilidade emocional, psicológica e sócio-econômica e pelo apoio disponível nos momentos que antecedem e naqueles que se seguem à separação:

A separação exige ajustes em diversos setores, emocionais e práticos, de todos os integrantes da família. A resposta de cada indivíduo irá depender da circunstância da separação, da estabilidade emocional, psicológica e sócio-econômica, além da qualidade de vida, do estresse e do apoio disponível nos momentos que antecedem e seguem à separação (MONCORVO, 2008, p. 32).

Além dos aspectos sócio-econômicos citados por algumas entrevistadas, a questão do apoio que receberam também foi comentada por algumas delas, como por exemplo, por Mara, quando diz que algumas pessoas, inclusive de seu trabalho, a ajudaram após sua primeira separação: “(...) eu fiquei, fui conhecendo outras pessoas... no trabalho, pessoas ajudando, emocionalmente... em casa também...” (Mara, 37 anos, secretária executiva).

Já no momento após sua segunda separação, Mara fala especificamente sobre o apoio recebido de sua mãe. Como no segundo casamento ela estava morando com sua mãe, após a separação, o fato de poder continuar onde estava, representou certa facilidade.

Nesse segundo caso, eu morei dentro da casa da minha mãe com essa pessoa. Com ele, com meu filho, morei dentro da casa da minha mãe. O que no fundo foi um erro, mas eu acho que, devido aos problemas pessoais que eu tive, foi até bom pra mim, não ter saído de lá (Mara, 37 anos, secretária executiva).

Alba também comenta especificamente sobre sua mãe, da ajuda que ela representou na administração do cotidiano da vida das crianças e da rotina da casa, e a até mesmo dos pais de seu ex-marido, que também contribuíram para a reorganização de sua vida com as crianças após a separação.

Operacionalmente ela me ajudava com as crianças, com a comida, ela... foi fundamental pra me dar um apoio nesse sentido, de me ajudar a manter a casa, né? Estruturalmente mesmo, fazer a comida, lavar a roupa, varrer a casa, botar as crianças pra escola, “- Eu vou chegar mais tarde”, aí ela... fazia funcionar, né, porque se não, não teria funcionado muito bem não... E a minha sogra, a mãe do meu ex-marido, também foi uma pessoa... os pais dele de maneira geral, eles tiveram muito presentes, muito presentes mesmo, com tudo, pra ajudar nessa reorganização. Tanto que nós não rompemos, né... (Alba, 38 anos, psicóloga).

Se, por um lado, os filhos podem se configurar um fator de preocupação após a separação, no caso de Leda, conforme ela coloca, inclusive pelo desejo que ela tinha de ser mãe, os filhos representaram figuras de apoio nesse período.

(...) porque eu era tão apaixonada pelos meus filhos, eu acho que eu casei pensando mesmo em ser mãe, mais do que qualquer outra coisa, então aquilo... eu me... eu era aquela mãe de curtir, de brincar com eles...então isso que foi que... me ajudou... não deu tempo assim de sentir a falta assim... (Leda, 45 anos, professora).

Bandinter (1986) destaca claramente o quanto os filhos podem se configurar como um apoio durante esse processo atravessado pela mulher, de lidar com a nova vida após a separação, ressaltando a grande frequência com que a guarda dos filhos fica com ela e não com o homem: “Além disso, a mulher que se divorcia, tem quase certeza de obter a guarda dos filhos, remédio sem preço contra a solidão” (BADINTER, 1986, p. 276).

É possível que essa sensação de que a convivência com os filhos ajuda a vivenciar o período após a separação seja proporcionada pela proximidade que é mantida entre mãe e filhos quando esta mantém a guarda dos mesmos. Conforme aponta Féres-Carneiro (2008), o distanciamento dos filhos, experimentado mais frequentemente pelos pais, pode deixá-los inseguros quanto à manutenção do vínculo parental, configurando-se como mais um fator de insatisfação ou de sofrimento após a separação o que, por outro lado, acontece menos com as mulheres que, na maioria dos casos, permanecem com a guarda.

Afastados do cotidiano dos filhos, os homens sofrem mais com a ausência destes e tendem a projetar seu sofrimento neles que, certamente, também sentem a ausência dos pais, mas não necessariamente “ficam mal” por causa disto. As mulheres, na medida em que acompanham de perto o cotidiano dos filhos, têm mais controle sobre o que vai ocorrendo com eles, o que as tranquiliza mais e as faz percebê-los “sem tantos problemas” [grifos da autora] (FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 371).

A diversidade e aparente ambiguidade de sentimentos também podem ser características desse momento pós-separação e, nesse sentido, a autora coloca: “A vivência de uma maior liberdade se mistura com os sentimentos de solidão, tornando os primeiros tempos após a separação, particularmente, difíceis para homens e mulheres” (FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 372).

Essa diversidade de emoções parece ter sido vivenciada por Leda e Gisele. Elas apontaram que, embora o período após a separação tenha gerado algumas dificuldades e certo sofrimento, essa experiência representou, por outro lado, um alívio, por saberem que não

estavam mais envolvidas em uma relação que gerava o sentimento de estarem “presas” ou insatisfeitas.

Porque você ficar com uma pessoa... pra mim foi até um alívio, porque você ficar com uma pessoa que te traz um sofrimento, assim, é aquele... o que os olhos não vêem o coração não sente? Então, eu senti um alívio (Leda, 45 anos, professora).

Enfim, uma luta muito grande, mas tudo compensava, né, porque eu pelo menos não tava num relacionamento que tava me prendendo, me dando a sensação assim, de... “-Ah, o que que eu tô fazendo aqui...” (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Badinter (1986) parece ressaltar o que foi colocado por Leda e Gisele, especificamente no que se refere à sensação de alívio experimentada após a separação, em que pese o desafio de sustentar sua vida profissional, financeira e o próprio cotidiano da casa, sem o apoio do ex-cônjuge.

Quando as mulheres gozam de uma relativa independência econômica, têm então todo o interesse em se divorciar. A separação é ao mesmo tempo um alívio físico, psicológico e uma fonte de esperança. Elas continuarão a assumir os encargos da vida profissional e familiar, mas estarão livres do peso de um cônjuge que se tornou um simples estranho (BADINTER, 1986, p. 276).

5. 2. Depois do primeiro, mas antes do segundo: a fase de transição

5.2.1 A expectativa por se casar de novo

Por que nos impressiona mais a experiência de nos apaixonarmos do que aquela de nos desapaixonarmos? Afinal de contas, as duas são dolorosas, as duas são inteiramente desconcertantes, as duas criam oportunidades.

(PHILLIPS, 1997)

Se os sentimentos no período pós-separação podem ser ambíguos, a expectativa por se casar novamente também não é um consenso entre as entrevistadas.

Conforme apontado anteriormente, Théry (1999) refere-se à individualidade como um dos fatores característicos do casamento contemporâneo. Esse aspecto também havia sido citado por Porchat (1992), que o relaciona mais especificamente à dor da separação:

E não seria tal característica da individualidade um dos elementos a favorecer a diminuição da dor da separação? Ou seja, o fato de que o desenvolvimento pessoal e a individualidade são valores agora extremamente validados indica a própria pessoa, a própria potencialidade, como merecedores de um “cuidado essencial”. Nesse sentido, vê-se, nas pessoas que se separam nessa segunda metade do século, a consciência da necessidade de reconstruir uma identidade, de restabelecer novos propósitos na vida. Não cabe mais chorar tanto um casamento perdido porque ainda se tem a si mesmo como objetivo a ser realizado e vivido (PORCHAT, 1992, p. 123).

E o envolvimento em uma nova relação conjugal pode ser uma via para romper com a possível paralisação diante do término de uma relação conjugal, o que parece ter sido uma opção para algumas das entrevistadas, como Alba, por exemplo, que estava certa de seu desejo de se casar novamente, ratificando o quanto casamento e o projeto de família estão ainda muito marcados na sociedade brasileira¹¹. Quando questionada sobre, após a separação, se imaginar casando novamente, ela responde:

Me imaginava. Eu sempre achei que... de alguma maneira eu ia casar novamente. Eu não achava que eu ia ficar sozinha não, isso nunca nem passava pela minha cabeça. Era uma questão só de que ia aparecer (Alba, 38 anos, psicóloga).

Alguns autores comentam sobre essa expectativa de construção de vínculo conjugal, como Costa (1998), por exemplo, que aponta a perda de interesse dos sujeitos pela vida pública, com o consequente desinvestimento com relação à mesma, e o retraimento na direção de suas vidas privadas. Assim, as expectativas com a vida amorosa são frequentemente exaltadas, na medida em que essa dimensão passa a assumir lugar de destaque.

Guattari e Rolnik (2005) também falam sobre essa busca pelo vínculo conjugal, em que pesem as mudanças que podem ser observadas:

Se bem que no Brasil o amor familialista ainda é “moeda corrente” e este tipo de território conjugal ainda predomina, mesmo que sua duração tenha diminuído sensivelmente e que os parceiros sejam periodicamente substituídos (GUATTARI E ROLNIK, 2005, p.89).

¹¹ Anotações de aula da disciplina Estudos sobre Juventude I, ministrada pelas professoras Anna Paula Uziel e Simone Ouvinha Peres, no Programa de Pós-graduação EICOS, no Departamento de Psicologia Social da UFRJ, 2009;

Andréia também afirma sua expectativa de se casar novamente, ainda que esperasse pela iniciativa do novo namorado: “É obvio que eu também queria, né? Mas eu esperava a iniciativa dele, porque eu, orgulhosa do jeito que sou, eu jamais ia falar assim, ‘- Oh, estou apaixonada, eu te amo, eu te quero, vamos morar juntos...’” (Andréia, 36 anos, secretária executiva).

Leda, embora comente sobre uma decepção com o casamento e a importância de que a pessoa com quem iria estabelecer uma nova relação fosse alguém interessante inclusive para seus filhos, também afirma que continuava com a expectativa de uma nova relação conjugal:

Eu me decepcionei. Então, naquele primeiro momento, eu não tava acreditando muito não... mas eu continuava sonhando né, mas naquele momento eu só pensava em uma coisa, tinha que ser uma pessoa muito boa, né, em relação aos meus filhos... eu só pensava nisso... medo, né, que a gente escuta tanta coisa, eu só pensava nisso... (Leda, 45 anos, professora).

Rita também comenta sobre sua expectativa em se envolver em uma nova relação conjugal, ressaltando, assim como Leda, a importância dessa escolha, considerando sua nova condição de mãe, diferente de quando decidiu se casar pela primeira vez.

Eu acho que são fases que você passa... e depois que você tem filho tudo muda, né... depois que eu tive Joana [a primeira filha, do primeiro casamento], aí que eu amadureci mais ainda, né...e aí eu tinha que pensar em escolher uma pessoa... sozinha a gente pode errar, né, mas com filho não... você não pode ficar com um filho aqui, depois morar com um, morar com outro...(Rita, 45 anos, dona-de-casa).

Marina também comenta sobre a possibilidade de se envolver em outra relação e a mudança que representa o fato de já ser mãe, tanto na decisão de buscar outro companheiro, quanto na aceitação dessa circunstância por esse novo parceiro.

Então pra uma mulher, se ela já tem um filho e ela quer partir para uma outra relação, ela já pensa mais do que uma vez. Quando você conhecia alguém e falava: “-Ah, eu tenho três filhos.” Aí a coisa já ficava mais difícil... não digo nem que assuste, acho que não é por aí, mas... já se torna difícil (Marina, 47 anos, autônoma).

Por outro lado, alguns autores como Bozon (2003), por exemplo, apontam a mudança que vem ocorrendo nesse sentido: “Entre as mulheres que vivem sós ou com crianças, eventualmente depois de uma separação, o fato de ter uma vida sexual não inscrita no quadro de um casal tornou-se frequente e aceito” (BOZON, 2003, p. 137). É interessante ressaltar essa aparente tensão entre a cobrança pelo exercício da maternidade, entendendo que usufruir de uma vida social ativa não é mais coerente com a nova condição da mulher, e o incentivo da

família para que a mulher separada se relacione com outras pessoas, buscando inclusive um possível futuro marido.

A expectativa por se casar novamente pode estar vinculada a esse aspecto, uma vez que a postura da família interfere inclusive operacionalmente na disponibilidade da mulher separada para novos relacionamentos amorosos, considerando que após a separação, além de mulher, ela também é mãe e pode ser convocada como tal.

Andréia conta um pouco sobre esse impasse que vivenciou:

Mas foi logo o que aconteceu mesmo, sete meses depois eu estava extremamente apaixonada pelo Edson, e minha mãe, eu tive que contar pra minha mãe, aí foi aquela coisa, e meu pai, nessa época meu pai já tinha falecido, né, nesse meio tempo aí meu pai faleceu... Aí foi aquela coisa de enfrentar a família, né, porque todo mundo adorava o Rodrigo, meu primeiro marido. E ele ainda ficava, né, tipo, assediando meus irmãos, minhas irmãs... saber onde é que eu estava e tal...e fazendo chantagem emocional porque eu saía e deixava a Bianca com a minha mãe...porque Bianca era pequenininha (Andréia, 36 anos, secretária executiva).

Embora Andréia fosse questionada pelo seu ex-marido, ela contava com o apoio de sua mãe quando, ao sair, deixava sua filha com a avó.

Já Marina ressalta o fato de ter sido convocada socialmente inclusive por seus pais para o cuidado de seu filho, comentando, em contraponto, seu desejo de “viver a vida”.

Foi muito difícil, foi difícil porque você tem filhos. Então a própria sociedade e os filhos já te cobram. Então eu fui cobrada pelo meu ex-marido, de estar presente, eu fui cobrada dos meus pais e eu queria poder viver. Então, não foi nada fácil, foi muito difícil, porque eu percebi que eu não iria ter a opção de ter a minha vida. Porque como eu já era mãe, e tinha os filhos que dependiam de mim, todo mundo esperava que eu vivesse para esses filhos e eu queria viver. Queria conhecer outras pessoas, queria poder sair e curtir a noite, viver a vida, eu ainda era nova... (Marina, 47 anos, profissional autônoma).

Gisele, que não contava com o apoio operacional de sua família, conforme colocado anteriormente, comentou sobre o acordo feito com o ex-marido quanto aos dias para estar com o filho, o que possibilitava seus momentos de estar sozinha para seus próprios programas, embora ela tenha apontado a sensação de ter pouco tempo para si mesma, ressaltando inclusive o tempo escasso para um namoro.

(...) eu só tinha um dia da semana pra mim, porque a gente combinava... não tinha essa coisa de 15 dias, era assim: ou era uma sexta pra sábado ou sábado pra domingo. Então era o único dia pra mim, pra eu sair com as minhas amigas, pra eu fazer as minhas coisas... então era muito difícil porque eu

sentia falta de vida social, sentia falta de namoro, de namorar com alguém... então... me sentia muito sozinha. Mas, né... enfim... o tempo vai passando e a gente vai se adaptando e abrindo espaços também, né. Daqui a pouco ele pegou mais um dia... então... aí foi ficando mais fácil...(Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Ela ainda ressalta que sua expectativa principal era envolver-se afetivamente com alguém, mas não necessariamente estabelecer um novo vínculo conjugal, uma vez que considera o casamento como um amadurecimento de cada relação, diferente de Alba, por exemplo, que esperava especificamente uma nova relação conjugal. Assim, quando questionada se tinha a expectativa de morar com alguém novamente, Gisele responde:

Não. O morar com alguém, não. Quer dizer, eu esperava ter um namorado, um relacionamento, é... na verdade, eu esperava me apaixonar de novo, ter aquela coisa legal do namoro... casar eu não pensava muito não ah... sei lá... eu acho, eu acho que eu nunca tive essa coisa assim muito... é... pra mim, casamento é um amadurecimento, não é um projeto de vida, acho que a gente amadurece pra casar, em cada relacionamento. Então... era isso, assim, eu sentia falta disso assim, desse namoro... coisa de tá com alguém namorando... ir ao cinema... sei lá... fazer coisas junto. Prazerosamente, e não por obrigação (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Camila apresenta um aspecto um pouco diferente, relacionado à influência de sua crença religiosa na ocasião e à sua família (mãe e irmã), o que também interferia em sua expectativa de se envolver em uma nova relação conjugal, levando-a a pensar que não iria se casar novamente.

Quando eu me separei, por causa do catolicismo, eu achava que eu não ia casar de novo, que eu estava cometendo um pecado gigantesco me separando... que aquilo não era certo, que eu estava fazendo tudo errado, mas o meu bem estar e da minha filha venceu, porque eu não ia ficar com uma pessoa se eu não tava me sentindo amada e não sentia um carinho especial por ela também. Então, pra viver com a gente – porque aí, nesse momento, eu e ela éramos uma coisa só – tinha que dar o carinho e a atenção pra nós duas, e pra ela, principalmente. Então, se eu não sentisse isso, não ia ficar junto de jeito e maneira, então não ficou, né. Então isso foi um peso e um conflito durante anos na minha cabeça, que... não vou casar com ninguém. (...) E minha mãe ajudou muito nisso, né. A minha irmã mais nova, pra você ter uma idéia, ela não é retrógrada, não, ela é funcionária de Petrobras, hoje ela mergulha... mas esse pensamento não morreu na cabeça dela. Quando eu tinha falado pra minha filha ficar com a minha mãe pra eu poder sair, eu escutei na conversa, ela falando pra mim: “-Você já teve a sua chance, agora eu quero ter a minha.” Ou seja, “você já teve a sua chance de casar. Eu quero ter a minha chance de casar também.” É como se você casasse uma vez e morresse. Achei impressionante isso... aí... a minha família é meio estranha... enfim... ai, passa pra outra pergunta (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

Mara afirma que não tinha a expectativa de se casar novamente, após a segunda separação, pelo fato de estar traçando outros objetivos naquela ocasião:

Depois do segundo relacionamento, eu conheci uma pessoa, comecei a namorar... mas um ano depois eu falei, eu não quero mais namorar, eu quero... o meu objetivo era terminar a faculdade. E eu mesma larguei o namorado, larguei tudo e falei: “-vou dedicar a vida ao meu filho, que ele era novo, tinha oito/nove anos e à minha faculdade.” E aí botei pé firme, me abdiquei de tudo na vida assim... às vezes eu saía com algumas amigas, ia num bar, ia numa boate... mas assim, coisa rápida e ia embora pra casa, não ficava muito tempo. E não pensei mais em arrumar ninguém. O meu objetivo era terminar a faculdade e... quando eu terminasse e desse uma orientação pro meu filho, aí sim, se eu fosse merecedora, arrumasse uma pessoa que valesse à pena, uma pessoa que eu gostasse, que a gente aprendesse a lidar com as diferenças, né, - também depois de dois casamentos, pelo amor de Deus... risos... (Mara, 37 anos, secretária executiva).

5.2.2 Relações mantidas entre os dois casamentos

*De todas as maneiras que há de amar
Já nos machucamos
Com todas as palavras feitas pra humilhar
Nos afagamos
Agora já passa da hora, tá lindo lá fora
Larga a minha mão, solta as unhas do meu coração
Que ele está apressado
E desanda a bater desvairado
Quando entra o verão
(De todas as maneiras - Chico Buarque)*

Independente da expectativa por um novo casamento, a maioria das mulheres entrevistadas mantiveram relacionamentos (eventuais ou mais estáveis) com outros homens entre as duas relações conjugais. Para algumas, esse processo era mais facilitado ao contarem com o apoio operacional de familiares no cuidado com os filhos ou no caso dos ex-maridos que periodicamente buscavam seus filhos para estarem com eles. Para outras, esses encontros eram dificultados, tanto por essa questão do cuidado com os filhos, quanto por fatores financeiros.

Alba coloca que teve algumas relações eventuais após a separação, mas que namorou apenas com seu segundo marido. Ressalta a sensação de estranheza ao se relacionar de uma

maneira diferente do contexto da vida conjugal, apontando inclusive os prós e os contras que considera no caso de cada tipo de vínculo e o balanço que fez desses fatores.

Não, eventuais eu tive alguns, mas de namorar não, foi só ele mesmo. (...) estranho. Muito estranho (risos)... completamente esquisito. Eu só ficava pensando assim: “-Não, gente, essa não é a minha praia, não vai rolar, essa coisa de pegar, sair com as amigas, sair pra *night*, beijar na boca, e fica com um e fica com outro... Eu era super nova... Não vai rolar, isso não vai dar certo pra mim.” Tanto que era muito frustrante, né, a gente saía com as amigas, mas no final era sempre muito frustrante, muito vazio... aí quando eu arranjei um namorado, foi bom, foi bem legal. (...) É, tem os prós e os contras. O pró é que tem todo um *frisson*, aquela coisa do inusitado, do diferente, como é que vai ser, da expectativa e... do galanteio, da conquista... isso é... aumentava minha auto-estima. Mas ao final, quando, digamos assim, no dia seguinte, que acabava com o cafezinho, com o café da manhã... era uma coisa assim muito vazia, muito frustrante mesmo.. Não compensava. Por melhor que tivesse sido, não compensava, porque não era aquilo que eu queria. (...) É, não é isso que eu quero. Ih, será que vai ligar, será que não vai ligar, ou será que é um possível namorado, será que não é... e aí foi,...o negativo era mais forte do que o positivo (Alba, 38 anos, psicóloga).

Sobre essas dimensões do relacionamento eventual apontadas por Alba, mais voltado para o aspecto sexual e, por outro lado, o vínculo estabelecido em uma relação mais estável, Heilborn (2004), ao comentar os resultados de sua pesquisa sobre conjugalidade nas camadas médias urbanas, coloca:

E apesar do casamento ser equacionado como um equilíbrio entre sexo e “companhia” (“compartilhamento de angústias e putarias”) [grifos da autora], o primeiro termo não desfruta entre os entrevistados de uma posição privilegiada na fórmula conjugal. Nesse discurso, sobressai a representação do casamento como portador de uma qualidade superior e diferenciada de encontro psicológico com o outro, ao propiciar condições de aprofundamento das trocas subjetivas e de cultivo do eu (HEILBORN, 2004, p. 165).

As concepções das pessoas entrevistadas pela autora parecem convergir com o discurso de Alba, que sugere algumas diferenças entre o casamento e uma relação eventual a qual, conforme ela aponta, seria “frustrante” e “vazia” e, portanto, com avaliação inferior ao casamento para a entrevistada.

Outras participantes também fizeram referência a esse envolvimento que almejavam em uma relação mais estável, diferente das relações eventuais. Leda, por exemplo, fala sobre isso, associando esse desejo de encontrar uma pessoa por quem ela se sentisse amada a uma carência que passou a experimentar após sua separação:

Nesse tempo? É... Eu acho que eu tenho essa carência... de repente, eu acho que muitas confusões eu fiz na minha cabeça... Hoje em dia eu vejo isso. (...)

Então, eu queria assim, estar com alguém que gostava de mim, sabe, sentir que alguém me amava... Então eu fiquei com essa pessoa, mas não deu certo, porque... uma pessoa maravilhosa, que ele era... mas era uma pessoa assim... muito pra baixo (Leda, 38 anos, professora).

Gisele, embora tenha se envolvido com algumas pessoas após a separação, desde relacionamentos mais eventuais, até um namoro de dois meses, também se refere a esse sentimento e à carência que percebe ter experimentado nesse período.

Tive vários. Tive vários. É... desde...sei lá... relacionamento, saída de um final de semana, até um namoro de... um namoro de 2 meses que... eu fiquei apaixonadíssima, aí a pessoa não quis ficar comigo... sofri horrores... enfim. Desde coisas muito passageiras, até um relacionamento não muito duradouro, mas que eu me envolvi bastante, né, assim, houve um envolvimento forte da minha parte. (...) Eu acho, que na verdade, eu me relacionava pra suprir carências, assim. Aquela coisa né... às vezes a carência fica tão doída, tão profunda, que... aí... é... eu procurava outra pessoa... sei lá... uma pessoa que tivesse mais ou menos a ver, uma boa conversa... eu acabava me relacionando. Mas sempre fadado ao fracasso, porque assim, não eram pessoas com as quais eu podia me envolver, quisesse me envolver de fato. Era mais pra... pra suprir carência mesmo (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Especificamente sobre a dimensão da sexualidade nesse período entre os dois casamentos, Gisele diz:

É... eu acho que eu vivi muito uma coisa assim de... necessidade sexual, mesmo, de satisfação ... é... mas eu acho que, no final das contas, o que motiva mesmo as pessoas é procurarem outras, é a vontade do encontro mesmo, não é só o sexo, o sexo às vezes é ... sei lá... é... ... é uma desculpa, ou é a primeira coisa que você encontra, mas tem dificuldade de encontrar outras coisas... enfim... mas como eu falei, não eram pessoas para eu aprofundar o relacionamento. Então acabava ficando uma coisa muito sexual (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Camila comenta que não havia disponibilidade financeira para sair com amigos, quando eventualmente poderia conhecer outras pessoas:

Não... não... nem rolava dinheiro pra isso também. Pra ir a barzinho assim, era raro. Com as amigas do trabalho assim... Até o pessoal falava assim, tipo aquela coisa sem educação: eu não te chamei porque eu sabia que você não ia (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

Ela também falou sobre sua única experiência de namoro que teve, bastante traumática, antes de conhecer seu atual marido.

Ah, foi, tive, uma tragédia. Quando eu achei que eu podia namorar de novo, era um rapaz que era vendedor na empresa que eu trabalhava. Eu era da área de negócios também, né, a gente namorou dois meses... e foi um ano e dez meses de terrorismo, porque ... né, maluco. Tinha uma fixação por mim medonha... Ele me perseguiu até dizer chega, e... baixou até polícia na

história, ameaçou de morte, a mim e à minha família, porque eu não queria ficar com ele... nossa... (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

Marina coloca que, após a separação, apesar da cobrança que teve por parte de sua família e de seu ex-marido por conta dos filhos, conforme comentado anteriormente, seu desejo era de “curtir” aquele momento e se “divertir”, se envolvendo apenas em relações eventuais. Ela acrescenta que se porventura se separar de seu atual marido, não pretende se envolver em uma nova relação conjugal, por conta da descrença com esse processo de se envolver afetivamente com alguém, causada, segundo ela, pela vivência do vínculo conjugal.

Então, eu na época, eu lembro que eu queria estar curtindo aquele momento, estar ali, me divertir... Como hoje vocês falam em ficar, e só, nada além disso. (...) Como hoje eu posso te falar, depois de 19 anos, se eu vir a me separar, não pretendo ter uma relação estável mais, né, porque você vivencia isso assim, aí você fica tão desgastado e aí você não acredita que isso possa dar certo com qualquer outra pessoa (Marina, 47 anos, profissional autônoma).

5.2.3 A um passo do segundo...

Tive, sim
 Outro grande amor antes do teu
 Tive, sim
 O que ela sonhava eram os meus sonhos e assim
 Íamos vivendo em paz
 Nosso lar, em nosso lar sempre houve alegria
 Eu vivia tão contente
 Como contente ao teu lado estou
 Tive, sim
 Mas comparar com o teu amor seria o fim
 Eu vou calar
 Pois não pretendo amor te magoar
 (Tive, sim – Cartola)

Tendo ou não a expectativa de se casar, experimentando ou não outros relacionamentos, essas mulheres escolheram se envolver novamente em um vínculo conjugal. Mas o que esperar desse novo casamento?

Alguns autores, como Muskat (1992), por exemplo, ressaltam um possível descompasso entre as expectativas direcionadas ao casamento e as reais possibilidades de que as mesmas sejam satisfeitas.

Goldenberg (2000) também aborda essa questão, comentando a possibilidade de que essa diferença favoreça justamente o processo de separação e de uma nova busca por outro casamento, na tentativa de atender a essas expectativas frustradas em uma primeira relação conjugal.

As expectativas do casal são tão grandes que são quase impossíveis de realizar. Assim, os casamentos são mais facilmente desfeitos e novos casamentos se realizam. Acontece o que pode ser chamado de casamentos monogâmicos sucessivos, nos quais os pares são fiéis e vivem intensamente tudo de forma partilhada, mas cuja duração não ultrapassa alguns poucos anos (GOLDENBERG, 2000, p. 121).

Pelo discurso das entrevistadas, parece haver grande diferença entre as expectativas para o primeiro casamento e aquelas relativas ao segundo casamento. Após as vivências experimentadas na primeira relação conjugal, outras expectativas são delineadas para o segundo casamento.

Leda, por exemplo, fala objetivamente que buscou “a falta pior” do primeiro casamento. No segundo casamento, a expectativa foi de resgatar exatamente o companheirismo, considerado por ela a principal falta da primeira relação conjugal.

É, eu acho que quando eu casei pela primeira vez, eu nem pensava assim, nas falhas, nas faltas que eu senti no primeiro casamento, porque você só aprende quando você leva, né, algumas coisas... então você não pensa assim, “-Ah, eu quero um companheiro...” eu só pensava naquele... de tá junto com aquela pessoa... eu acho que no primeiro momento do meu casamento eu só pensei assim, ah, eu quero ser feliz com ele, eu não pensava o que eu esperava dele, eu só queria ser feliz... ou acreditava que a gente ia tá sempre junto...agora no segundo casamento, eu já busquei o que foi a falta pior, a falta do companheirismo que eu tive no primeiro casamento, eu acho que o que eu mais queria era o companheirismo, aquela pessoa que iria estar comigo nos momentos, em todos os momentos. Na dor mesmo, igual quando você casa fala, aquela pessoa que todo momento que eu tivesse mal, de saúde, o que eu tivesse na luta ali com meus filhos, precisando de um conselho, eu ia ter ali aquela pessoa pra me ajudar, até em casa, em tudo. Então eu pensava na palavra do companheirismo, que foi a principal, que foi a solidão que eu senti, entendeu (Leda, 45 anos, professora).

No que se refere ao companheirismo, é interessante ressaltar que em uma das pesquisas desenvolvidas por Jablonski (2001), para aqueles que já tiveram alguma experiência conjugal, o companheirismo é o segundo fator mais apontado como o responsável pela

duração de um casamento (perdendo apenas para o respeito mútuo) e o primeiro fator respondido por esse mesmo grupo quando a pergunta era: “O que leva alguém a se casar?”

Alba também comenta sobre suas expectativas para o segundo casamento a partir daquelas que tinha antes de se casar pela primeira vez.

O primeiro casamento é o amor da vida, né, era pra mim o amor da minha vida, e ia durar pra sempre. E no segundo, eu tava querendo mais uma companhia, um amigo, uma coisa mais... talvez mais amor e menos paixão. O primeiro foi uma coisa mais de paixão mesmo... de achar que era aquilo pra vida toda.. mas sem muito o pé no chão. O segundo não, o segundo é um casamento, foi um casamento bem mais pé no chão (Alba, 38 anos, psicóloga).

Torres (2000) aborda essa relação entre os sentimentos de amor e paixão e o casamento e parece remeter a essa diferença colocada por Alba, quando fala da paixão como um sentimento mais intenso e do amor como mais suavizado.

Com a sua associação ao casamento, o amor romântico, o amor paixão, foi assumindo, porém, versões mais suavizadas, chegando mesmo a começar a se entrever a separação entre paixão – vertigem, desordem – e amor e até a se criticar o casamento só por paixão (TORRES, 2000, p. 149).

Ao comentar sobre o que esperava do primeiro casamento, Mara remete a expectativas como “brincar de casinha”, colocadas por ela, de certa forma, em tom pejorativo: “Ah sim, a primeira, foi assim... eu não pensava em nada... é o que eu falei, a gente é nova, não pensa em nada, é tudo bonitinho, vou brincar de casinha...” (Mara, 37 anos, secretária executiva).

No mesmo sentido do que colocaram as entrevistadas, Badinter (1986) também faz algumas considerações sobre essas diferenças de expectativas na relação afetiva: “Preferimos a serenidade, a transparência, a confiança aos dilaceramentos, à estranheza, à desconfiança. A ausência de reciprocidade nos desliga e não podemos mais esperar por muito tempo num amor não partilhado” (BADINTER, 1986, p. 285).

Gisele também fala sobre suas expectativas para o primeiro e para o segundo casamento de maneira bem distinta. A própria decisão de se casar foi marcada, na primeira vez, pelo medo de sustentar uma gravidez sozinha, inclusive emocionalmente. Ela comenta que sua escolha estava basicamente baseada no fato de não aceitar ter um filho sem o apoio do pai da criança, na figura de seu companheiro.

Então, eu acho que eu tomei a decisão muito motivada por isso, pelo medo, medo e de não aceitação da condição em que eu tava, entendeu? Apesar de ser um bom... era um bom relacionamento, no sentido assim, é... havia

amizade, havia respeito, havia amor dele por mim. Então assim, em comparação a muitas mulheres, eu tava numa situação favorável, porque a gente sabe de muitos casos de mulheres que engravidam e são desrespeitadas horrores. Então... só que... eu ... é... enfim, eu tomei a decisão porque eu não concebia ter um filho sozinha (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Por outro lado, quanto ao segundo casamento, ela afirma ter sido, de fato, uma decisão mais madura, ressaltando inclusive que foi sua a sugestão de que eles morassem juntos.

Na segunda vez, assim, foi completamente diferente. Porque aí foi uma decisão. Com todo os medos, né, foi uma decisão madura. (...) Porque... fui eu que propus, inclusive, morar junto. Então... uma diferença muito grande de maturidade... dessa última vez foi uma... uma atitude muito madura. Claro que bate insegurança depois, “-Ai, o que foi que eu fiz, será que era isso mesmo...” Bate tudo aquilo, mas... mas enfim... eu lembro bem do momento, né (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Gisele, referindo-se a aspectos também citados por outras entrevistadas, ainda comenta sobre o alto nível de exigência que tinha no primeiro casamento, na medida em que depositava no relacionamento sua felicidade, avaliando que essa era uma atitude relacionada à sua carência.

Eu acho que no primeiro, eu era muito mais exigente com o outro. Assim, na verdade, naquela época, eu depositava é... a minha felicidade, em um relacionamento. Então, como aquele relacionamento não correspondia, assim... é... como eu não encontrava, é... eu exigia muito, é... eu não aceitava aquela pessoa. É... porque eu acho que... o buraco da carência, da expectativa era muito maior. Na verdade, eu acho que eu nem enxergava ele direito, né, então... e... isso me fazia muito infeliz. Eu tava numa situação de infelicidade (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Se para algumas entrevistadas as expectativas para o segundo casamento são diferentes do primeiro, considerando as experiências vivenciadas na relação conjugal anterior, para Camila, o que ela esperava do primeiro casamento é semelhante ao que espera do casamento atual: uma “família feliz”, que ela descreve com alguns detalhes.

Em pouquíssimas palavras: eu falo muito, mas esperava o quê? Família feliz: papai, mamãe, filhinhos, viagem, comidinha final de semana, passeios, trabalho, comprar uma casa, comprar outro carro... crescer... pra mim, família é isso: comunhão, comunhão de idéias, comunhão de bens, comunhão de pensamentos...é...chamar atenção de filho... meu sonho sempre foi ter dois filhos... só tenho uma. É isso... pra mim, eu tinha essa expectativa. Tenho essa expectativa. Casamento pra mim é assim. É você constituir uma família, em parceria com alguém, ter filhos ou cuidar de filhos, ou adotar filhos, não importa, mas ter essa estrutura, né, muito bem, legal... em que você olha pro outro e já sabe o que o outro tá pensando... pra mim, é isso, é essa troca (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

Nesse sentido, da importância da família, podemos destacar o que é colocado por Lasch (1999): “Despojada de suas funções produtivas, a família especializou-se na criação dos filhos e no apoio emocional, provendo um santuário necessário em um mundo organizado ao redor dos princípios impessoais do mercado” (LASCH, 1999, p. 178).

Perrot (1993) também ratifica esta perspectiva quando aponta:

A vida privada continua sendo refúgio, sobretudo a família, apesar de se mostrar cada vez mais incapaz de proporcionar o conforto esperado. Ela vem sofrendo infinitas mudanças ao longo dos anos (...) a família instituiu-se como um ninho: refúgio caloroso, proteção contra a agressão externa (PERROT, 1993, p. 22).

Uziel (2007) se refere a um movimento nas formas de sociabilidade, no qual a família passa a ser o foco de felicidade, e as relações familiares fundamentais até mesmo na estruturação da identidade, o que também reforça, conforme observamos no discurso de Camila, essa relevância da relação conjugal e da constituição da família: “(...) a novidade que a família no final do século XIX e início do século XX engendra é a priorização do sentimento, a exigência afetiva e sexual, a realização pessoal através da relação conjugal (...)” (UZIEL, 2007, p. 26).

De maneira diferente das outras entrevistadas, Marina diz que não costuma construir expectativas para seus relacionamentos, o que exemplifica ao comentar sobre sua relação atual:

Nós já estávamos juntos... meu filho tem 16, eu tenho 19, nós já estávamos juntos há 3 anos, né, e aí, depois dele, nós estamos juntos há 16 anos. Não sei se vamos continuar juntos muitos anos, mas até hoje nós estamos juntos, entendeu. Não se criou expectativa. A gente vive o momento, aquele dia-a-dia, e espera que o amanhã seja muito melhor do que foi o hoje e melhor ainda do que foi o ontem, né? É mais ou menos por aí (Marina, 47 anos, profissional autônoma).

Sobre o casamento, de maneira mais ampla, Marina comenta:

(...) nunca foi a minha meta, o casamento, a instituição de casar, de véu e grinalda, na igreja, fazer festa, essas coisas que muitos sonham com isso, isso nunca foi o meu sonho. (...) Então. Eu acho que essa coisa de assinar um papel, e a gente escuta. “-Ah, fulano viveu tanto tempo junto, depois que casou não ficou tanto tempo...” não sei. Eu acho até que, que mexe de alguma forma, deve mexer. Como não era uma coisa que eu tinha em mente, que eu quisesse, eu não posso te dizer como que seria, mas, de qualquer forma, eu posso te dizer que não vai fazer parte da minha vida até o dia que eu vier a falecer. Casar eu não vou (Marina, 47 anos, autônoma).

Badinter (1986) apresenta suas considerações sobre a “instituição casamento”:

O prestígio do casamento nunca foi tão baixo, assim como os jovens casais não têm mais pressa de se casar para ter uma vida sexual regular, já que a sociedade admite, cada vez mais, que vivam juntos sem serem casados. Para muitos, o casamento não é mais um imperativo moral, social ou econômico, e alguns o consideram mesmo com desconfiança, como “uma convenção capaz de desnaturar os laços afetivos que conduzem à fundação de uma família” (BADINTER, 1986, p. 203).

André Gorz (2008), em seu livro “Carta a D.: História de um amor”, sobre sua trajetória de vida ao lado de sua esposa (Dorine), também coloca, de maneira bem curiosa, sua concepção sobre o casamento formal:

Para mim, o casamento era uma instituição burguesa; eu considerava que ele codificava juridicamente e socializava uma relação que, sendo de amor, ligava duas pessoas no que elas tinham de menos social. A relação jurídica tinha a tendência, e até mesmo a missão, de se tornar autônoma no que se refere à experiência e aos sentimentos dos parceiros (GORZ, 2008, p. 17).

6. UM NOVO CASAMENTO, UMA NOVA MULHER? – AS MUDANÇAS A PARTIR DO RECASAMENTO

Foram várias as mudanças apontadas pelas entrevistadas ao falarem sobre a experiência do recasamento, as quais foram percebidas por elas em algumas dimensões diferentes.

Rolnik (1995) trata de maneira interessante sobre a produção das diferenças e o processo de interação entre os sujeitos a partir delas:

(...) torna-se impossível pensar a subjetividade sem o outro, já que o outro nos arranca permanentemente de nós mesmos, (...) é o que extrapola nossa identidade – essa unidade provisória em que nos reconhecemos -, dimensão em que estamos dissolvidos nos fluxos e na qual se operam permanentemente novas composições que, a partir de um certo limiar, provocam turbulências e transformações irreversíveis no atual contorno de nossa subjetividade (ROLNIK, 1995, p. 148).

Gisele, em sua entrevista, parece falar sobre a relação com seu marido e o processo de mudança que se dá a partir dessa interação a qual, conforme ela coloca, passa inclusive por uma pré-disposição dela mesma para esse movimento:

E aí, eu tive possibilidade de me relacionar com o outro, que eu acho que é a melhor forma de você se ver, né, pro bem e pro mal. Então, eu aprendo muito nesse meu relacionamento. Porque também é uma pessoa crítica, né. Então, a gente se ensina muito. E... eu acho que a minha maturidade vem daí. Primeiro da minha proposta de mudança e depois do que eu permiti viver... vivenciar... e dessa troca, né... mas tudo isso passa por uma permissão nossa, né, quando a gente tá fechado, o outro pode... fazer o que quiser... não adianta. Não vai resolver... (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Com relação à cobrança e ao apoio, Andréia aponta uma comparação entre atitudes do primeiro e do segundo marido.

O Rodrigo me cobrava muito, né? O Edson não me cobra, ele não me faz me sentir mal, ele sabe da minha demanda, ele sabe que a gente tá plantando agora pra colher no futuro... Então ele é muito parceiro. E ele assim, eu admiro muito o Edson, pela pessoa que ele é, ele é inteligente, ele me ajuda, ele me dá força, “-Você vai fazer, eu vou te ajudar, você vai conseguir, você melhorou muito...” (Andréia, 36 anos, secretária executiva).

Leda aponta para uma interessante tensão, ao contar que após a experiência do primeiro casamento, ao mesmo tempo em que ela acha que a mulher chega ao segundo casamento mais exigente, na medida em que sabe exatamente o que quer, ela também passa a

ser um pouco mais tolerante em outros aspectos, uma vez que não comete mais os mesmos erros da relação anterior e pode antever a solução de problemas já experimentados em outro momento.

Eu acho que a pessoa que tá com a pessoa do segundo casamento, deve sofrer um pouco, porque a gente assim, a gente cobra mais também, né, a gente sabe mais o que que... você já se reconhece mais, você sabe realmente o que que te faz mais feliz. E você não quer mais cometer os mesmos erros do passado, você às vezes se pega falando as mesmas frases, né, é... tipo assim, se eu tô reclamando, é porque eu quero ficar bem, então eu prefiro assim, evitar uma separação, porque eu já sei que aquilo ali é ruim, mas às vezes você já pré-medita, você já até sabe o que que aquilo ali vai levar, entendeu, você já acaba, porque você já viveu uma história, então você já acaba, já tem um pouco uma noção... é até ruim, porque você já tem um pouco mais... mas em algumas coisas você já fica até mais leve, porque você também... tem os dois lados. Tem o lado que você sabe que você pode resolver, porque aí você fala: “- Caramba, será que se eu tivesse tido mais maturidade, eu não teria conseguido resolver algumas coisas que eu não consegui resolver, né? Menos ansiedade... tem coisas assim que eu fico pensando que naquela época eu não agüentava... qualquer coisinha eu já desabava... hoje em dia eu já resisto mais, eu já seguro, já vejo o outro... naquele momento eu via mais o meu sentimento. Hoje em dia, eu já fico pensando, pô, mais porque que ele reagiu assim, pela minha experiência... pelo meu estudo também, eu sempre gostei muito de ler muita coisa de psicologia... “-será que ele tá reagindo assim, acho que não é comigo, é com ele próprio.” Porque ele perdeu o emprego, na época ele perdeu o trabalho, tá se sentindo inseguro... eu comecei a ver por um outro olhar (Leda, 45 anos, professora).

Já Alba parece destacar o segundo aspecto que foi colocado por Leda, comentando que se percebe muito mais tolerante no segundo casamento, tendo se tornado mais empática.

Ah, eu sou muito mais tolerante... eu hoje tô muito mais tolerante... Pra brigar... é difícil. Difícil... não tem muito porque... Ah, poxa... se aconteceu isso... é uma questão de ver o ponto de vista do outro só... sair um pouco do foco, do meu foco, pra ver, procurar ver o ponto de vista do outro.. .é mais suave, como um todo é mais suave, e isso me faz ser mais tolerante... bem mais tolerante. “- O que que vai adiantar eu separar aqui, se vou arranjar outro, vou ter outros problemas diferentes...” então você bota na balança os prós e os contras, pô, tem tanta coisa boa, porque que eu vou catar outra coisa? Não, deixa eu ver o que que tá ruim aqui, pra ver o que que dá pra melhorar, e o que não dá pra melhorar, ah... não tá pesando tanto, deixa lá de lado e vamos seguindo... então, eu acho que a tolerância foi a grande modificação por conta da maturidade (Alba, 38 anos, psicóloga).

Estabelecendo uma comparação entre seus sentimentos quando do início do namoro com seu atual marido e o momento atual, Leda aponta que a motivação para seu envolvimento era, inicialmente, uma certa carência, e que apenas no decorrer da relação começou a amá-lo. Segundo ela, foi um “amor construído”.

Em um ano a gente começou tipo um namoro, mas no total de dois anos a gente já tava vivendo junto. Eu achei que foi um tempo pequeno e hoje em dia eu vejo que foi uma carência muito forte, que eu acho que no fundo eu acho que foi uma carência muito grande, e ele foi muito companheiro, ele era muito carinhoso, muito atencioso com meus filhos. Foi igual, igual à novela. Foi um amor construído, eu não comecei amando, que eu tava muito ligada na primeira história. Eu fui pra uma segunda história ligada na primeira (Leda, 45 anos, professora).

Embora Torres (2000) refira-se ao discurso de pessoas mais jovens, a autora trata dessa construção do sentimento, o que parece estar bem relacionado ao que foi descrito por Leda.

A relação conjugal continua a revelar todo o seu poder atrativo, reparador, regenerador e até transcendente como promessa, mas é preciso que o amor persista e que a relação tenha qualidade. Chega-se assim ao modelo do amor-construção. Frequente no discurso dos mais jovens, essa perspectiva caracteriza-se por se assumir, desde logo que, se o amor e a paixão foram o pretexto inicial para o casamento, rapidamente ele foi se transformando num sentimento mais estável, mais “construído” [grifos da autora] (TORRES, 2000, p. 154).

Alba também estabelece uma comparação interessante entre o que sentia em dois momentos diferentes de sua vida, mas, em seu caso, ela fala sobre o sentimento que tinha por seu primeiro marido, entendido por ela mais como “paixão” e, por outro lado, afirma que nesse aspecto o segundo casamento é “bem mais pé no chão”.

O primeiro casamento é o amor da vida, né, era pra mim o amor da minha vida, e ia durar pra sempre. E no segundo eu tava querendo mais uma companhia, um amigo, uma coisa mais... talvez mais amor e menos paixão. O primeiro foi uma coisa mais de paixão mesmo... de achar que era aquilo pra vida toda... mas sem muito o pé no chão. O segundo não, o segundo é um casamento, foi um casamento bem mais pé no chão. Tem crise, tem dificuldade, mas... a gente pára olha um pra cara do outro... “Eu tô no segundo casamento, você tá no segundo casamento, a gente não quer passar de novo aquilo... então como é que a gente pode contornar?” Antes de qualquer coisa, a gente é amigo, coisa que no primeiro casamento não, a gente não era amigo. Muito pelo contrário... nós éramos um homem, uma mulher apaixonados, assim... com muito ciúme envolvido no meio, muito ciúme, muita... e foi o que levou a terminar o casamento... No segundo não, eu sou muito mais livre. (risos) Pra fazer o que eu quero, pra buscar a minha vida... ter mais independência, pra ter um amigo, ele é meu amigo, pra ter amigos... de maneira geral... (Alba, 38 anos, psicóloga).

Alba trata da tensão entre o tempo/espço para a conjugalidade e, por outro lado, a oportunidade de dedicação a si mesma o que, em seu caso, parece estar presente na expressão “buscar a minha vida” e é exemplificado pela independência para ter amigos.

Alguns autores como Heilborn (1995), por exemplo, comentam sobre esse movimento. Remetendo à relação de amizade, a autora aponta o desafio da administração dessas duas dimensões: a individualidade e a conjugalidade.

Um casal contém muito da relação social que a amizade representa nesse universo (...), mas dela se diferencia justamente pela idéia de precedência sobre as demais relações. Contudo, a conjugalidade moderna adota como ideal a preservação da autonomia individual e da singularidade que a relação de amizade nesse contexto moral exhibe. Aí se esboçam logicamente seus limites de implementação. Ao reivindicar a primazia sobre as demais relações que cada um dos seus membros possa manter, o casal ensina e promove seu funcionamento axiado em uma delegação mútua de autoridade (HEILBORN, 1995, p. 95).

A mesma autora, em seu livro “Dois é Par” (2004), reforça essa questão, colocando que um dos desafios do casal está justamente em manter esses espaços para a individualidade sob controle, embora seja indispensável a criação dessas oportunidades para esse tempo/espço compartilhado. A autora resume: “O grande embaraço do casal igualitário é, portanto, estabelecer o equilíbrio entre a unidade, que encapsula os sujeitos, e a preservação do senso de individualidade” (HEILBORN, 2004, p. 121).

Em entrevista à Revista Época (2010), o psiquiatra Alfredo Simonetti afirma a importância de que as pessoas aprendam a viver sozinhas como um dos principais fatores para evitar a separação dos casais: “Se a pessoa aprende que sobrevive sozinha, o outro passa a ser um companheiro de jornada, e não uma necessidade absoluta. Caso contrário, ela vai tentar prender o outro” (Alfredo Simonetti - Revista Época, p.121, de 19/04/2010).

Féres-carneiro (2008) ilustra de maneira curiosa essa tensão entre a construção de uma conjugalidade, a partir de duas individualidades:

Consideramos que o fascínio e a dificuldade de ser casal, residem no fato de esta díade encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções do mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida do casal, uma identidade conjugal. Como ser dois sendo um? Como ser um sendo dois? Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Por outro lado, constituir um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal (FÉRES-CARNEIRO, 2008, p.3).

No trecho do discurso de Alba citado anteriormente, ela também se refere à questão da amizade, ressaltando que, diferente do primeiro casamento, na relação atual eles são mais

amigos. E em seguida, em outro momento de sua entrevista, Alba aponta esta mudança como a mais marcante ao comparar as duas relações.

Eu acho que o mais importante pra mim, a diferença mais marcante do primeiro e do segundo casamento, é a questão da amizade mesmo, de ser companheiro. O foco maior da relação de ser no companheirismo. Isso foi a grande diferença do primeiro casamento. Foi um casamento muito mais apaixonado e, por conta disso, completamente atrapalhado (Alba, 38 anos, psicóloga).

Alba também parece relacionar a amizade ao companheirismo, aspecto inclusive citado anteriormente por Leda, ao falar sobre as expectativas para o segundo casamento.

Conforme já comentado, algo que se destaca na análise das entrevistas é o quanto a experiência do recasamento se configura de maneira singular para cada uma das mulheres. Nesse sentido, o processo de emergência de novas subjetividades se dá também de maneira muito peculiar. Assim, se para algumas entrevistadas, como por exemplo, para Camila e Alba, as principais mudanças no recasamento se referem ao companheirismo, que parece estar mais presente, para outras, como é o caso de Mara, seu novo movimento está na busca de mais equilíbrio entre sua dedicação ao marido e a si mesma.

(...) e também não me dedico mais à outra pessoa do que a mim. Então, primeiro eu cuido do meu emocional, cuido da minha parte, e depois eu penso na outra pessoa. – com relação a se dar, a se dedicar, a se relacionar... e, também procuro fazer pela outra pessoa o que ela faria por mim (Mara, 37 anos, secretária executiva).

De Singly (2000) refere-se a essa aparente tensão entre o foco em si mesmo e a dedicação ao outro. Assim como Mara se refere à busca por certo equilíbrio entre “cuidar mais de sua parte e pensar na outra pessoa”, o autor comenta, a partir do relato de uma das entrevistadas em sua pesquisa, sobre essa alternância, em busca de uma medida ideal entre o egoísmo e cuidado excessivo do outro.

Ela deseja uma vida a dois que permita também uma vida para si. Ela quer; depois de proclamar “primeiro eu”, viver com alguém se isso não exigir muitos sacrifícios pessoais. (...) Do lado da vida privada, o ideal é a alternância entre um “eu sozinho” e um “eu com”: nem o fechamento egoísta sobre si nem a dedicação excessiva ao outro. De certa maneira, um “entre-dois” que autorize a satisfação de si em certos momentos, como momentos para atividades separadas e outros para compartilhar práticas comuns (DE SINGLY, 2000, p. 17).

6.1 Administração do cotidiano da casa

Algumas das mudanças relatadas pelas entrevistas estão relacionadas à administração do cotidiano da casa e da rotina familiar. Gisele, por exemplo, mencionando o que possivelmente pode ser reforçado pela diferença de idade entre ela e o atual marido, comenta sobre o fato de às vezes se distanciar da assunção de responsabilidades relacionadas à administração da casa.

“(...) o Ronaldo também tem um perfil muito de cuidar. Ele é bem assim, paternalista. Então, às vezes eu me pego sendo muito cuidada por ele e não cuido... Então, às vezes eu acho que essa diferença de idade, também, contribui, por ele ser um homem mais maduro, etc... eu tenho uma história com o meu pai um pouco complicada... é... então, às vezes eu me percebo muito... deixando ele cuidar muito das coisas.. aí eu: “-Não, não, calma, Gisele, eu não tô aqui... eu faço parte da relação, não posso assumir... ficar nesse papel de... de criança, né, eu sou mulher, eu tenho coisas pra assumir e tal...” (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Embora não tenha nenhuma atividade de trabalho formal, Rita também comenta sobre uma distribuição equilibrada das responsabilidades relacionadas à administração da casa no casamento atual: “Ah, a gente divide, assim... supermercado a gente vai junto, quando ele tá muito apertado no trabalho, eu pago as contas pra ele... ou então ele mesmo, porque ali no shopping é só ele descer e pagar tudo que fica mais fácil, né?” (Rita, 45 anos, dona-de-casa).

Alba, ao comentar sobre a administração do cotidiano da casa no primeiro e no segundo casamento, ressalta grande diferença, apontando que a distribuição das tarefas entre ela e o marido é bem mais equilibrada no casamento atual, o que parece acontecer de maneira espontânea.

Diferença total... no primeiro casamento, eu não tinha ajuda nenhuma e no segundo casamento nós dividimos todas as tarefas... aí é muito mais tranquilo pra mim. Tudo. Todas as tarefas são divididas da casa. O que vc possa imaginar, eu faço, ele faz. Não tem... “- Ah, porque eu trabalho, você vai cuidar da casa.. não. Eu trabalho, você trabalha também. A casa é nossa, então a gente vai ter que dividir.” Mas assim, naturalmente, sabe, isso não foi uma imposição. As coisas foram divididas naturalmente (Alba, 38 anos, psicóloga).

Heilborn (2004) ressalta claramente a importância do compartilhamento dessa responsabilidade relacionada à administração da casa, considerando as novas configurações

da relação conjugal, que compreendem mulheres cada vez mais inseridas no mercado de trabalho e, por conseguinte, com menos tempo disponível para a dedicação com os cuidados dos filhos e do cotidiano da casa. A autora ressalta o quanto esse maior equilíbrio de atribuições pode favorecer a manutenção do casamento: “A ‘sobrecarga doméstica’ é vivida como propiciadora de um desvirtuamento das relações do casal. A ênfase na paridade do trabalho doméstico é crucial para o entendimento do arranjo conjugal moderno” (HEILBORN, 2004, p. 113).

Andréia menciona um aspecto interessante, não abordado pelas outras entrevistadas, por ser a única dentre elas que atualmente reside com sua mãe (além do atual marido e das filhas). Ao mesmo tempo em que o fato de sua mãe assumir a maior parte da administração do cotidiano da casa e de suas filhas facilita a manutenção de sua rotina intensa de trabalho, essa condição acaba fazendo com que a casa assuma características mais de sua mãe do que dela própria. Essa tensão é percebida por ela, embora seu marido não verbalize sua insatisfação com isso por compreender e inclusive apoiar a relação de Andréia com seu trabalho.

Bom, é... a administração da casa em si, a parte pesada fica realmente com a minha mãe e com a minha empregada. (...) eu sei que a casa deveria ser administrada por mim, mas eu tenho essa dificuldade de horário de trabalho, eu fico muito fora, muito tempo. Então, a casa fica com a cara da minha mãe, vamos dizer assim... porque... tem hora pra almoçar, tem hora pra acordar, então, é uma coisa que me incomoda, mas incomoda muito o Edson, ele abafa, mas eu sei que é uma coisa que incomoda muito ele, porque eu sei que na verdade ele queria que eu... ao mesmo tempo ele entende, ele entende a minha independência, de eu trabalhar fora, ele me dá força, enfim, ele adora e tal... mas eu sinto que ele queria que eu dominasse as coisas da casa, e não a minha mãe (Andréia, 36 anos, secretária executiva).

À exceção de Alba, que ratifica o quanto a distribuição mais equânime das atividades relacionadas à administração da casa acontecem de maneira espontânea; tanto o discurso de Andréia quanto a fala de Gisele (sobre a auto cobrança de maior atuação nesse aspecto) sugerem certa demanda mais concentrada na mulher no que se refere ao comando da administração do cotidiano da casa e dos filhos.

Bozon (2003) questiona justamente a efetiva prática do que se entende por “revolução sexual”, preconizada já há alguns anos, referindo-se especificamente à divisão do trabalho doméstico.

O lado prático da revolução sexual deve ser questionado. As modificações das condições de existência das mulheres nas últimas décadas, em particular o considerável desenvolvimento da contracepção eficaz e controlado por elas, a elevação maciça de seu nível de instrução e a progressiva generalização do trabalho assalariado entre as mulheres de 25 a 49 anos, aumentaram fortemente sua autonomia social em relação aos homens, mas nada garante que o estilo das relações entre os sexos, tal como se exprime por exemplo no intercâmbio sexual, tenha sofrido uma revolução (BOZON, 2003, p. 134).

Mara também comenta sobre o quanto se cobrava no primeiro casamento com relação aos cuidados com a casa, por exemplo, contando sobre sua mudança nesse aspecto, o que envolve a convocação do atual marido e de seus filhos para compartilharem as tarefas, além do menor nível exigência dela mesma no que se refere à manutenção da casa.

Mas assim, agora eu tô muito tranqüila porque eu tenho a minha casa, eu boto do meu jeito é... brigo com eles quando eles não querem fazer nada, às vezes eu não quero fazer nada em casa... Não faço nada... quando eu não quero não faço nada... Então, hoje em dia eu tenho mais consciência disso. Porque primeiro eu não vou me matar pra limpar uma casa, porque eu vou morrer vai ficar tudo aí. Então a gente consegue se entender muito bem... cada um faz a sua parte... Às vezes eu tô azeitada, e dou esporro em todo mundo, boto todo mundo pra rua e arrumo a casa... Mas hoje em dia é tranquilo, antes eu ficava mais preocupada, não posso deixar de fazer isso, tem que passar roupa, tem que fazer isso, a casa tem que tá limpa... hoje em dia não, não me preocupo mais com isso não.. e agente se entende bem (...) É. Acaba dividindo... Fulano vai fazer isso, você vai fazer aquilo... e eu faço isso. Ou então, vocês fazem tudo e eu não faço nada... Cada um faz uma parte... mas a gente se entende bem...graças a Deus (Mara, 37 anos, secretária executiva).

Sob outra perspectiva, embora não considere como um grande problema, Camila comenta que o fato de ter se acostumado a fazer as tarefas domésticas sozinha a prejudicou no sentido de se adaptar à nova circunstância de precisar orientar o trabalho da empregada doméstica com a qual conta atualmente.

É, é...viver sozinha, também tem um problema. Pra mim, hoje, nessa casa grande que eu moro, nós cinco com a empregada. Eu não sou muito de dar ordem pra fazer e tal, porque eu não fazia isso e eu morava sozinha, eu fazia as coisas... só tem esses probleminhas, mas isso é besteira (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

6.2 Administração da vida financeira

Ao comentarem sobre diferenças entre o primeiro e o segundo casamento, algumas entrevistadas abordaram o aspecto financeiro.

Gisele coloca que no primeiro casamento a questão financeira não se configurava como uma preocupação, o que passou a acontecer apenas quando ela começou a cogitar a idéia de se separar. Já no segundo casamento, há três anos, após o aumento de seu salário, ela passou a participar mais no orçamento familiar, havendo um equilíbrio maior entre sua contribuição e a de seu marido.

Olha, é... da primeira vez, apesar assim, de não ser uma pessoa esbanjadora, eu tinha muita segurança financeira. Então, eu, é... então não era uma preocupação. A gente tinha uma situação excelente. E... era uma preocupação quando eu pensava em sair, né. “-Não, eu vou pensar em sair, deixa eu ver se vai dar, e tal...” Mas assim, no relacionamento, não era uma preocupação. Nesse segundo, é assim, é... de três anos pra cá, eu melhorei muito... o meu salário melhorou muito... então, eu passei a ser muito mais atuante... atuante? Não sei se a palavra é atuante. Mas assim, ficou muito mais equilibrada essa contribuição financeira da família. Ele supria muito mais. Agora a gente tá equilibrado. Agora, quem toma conta das coisas, conta das contas, a gente se ajuda. Tem período que eu me descontrolo, mas não muito (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

No atual casamento, Mara também comenta que ela e o marido dividem as contas, apontando inclusive que se cobra menos com relação a esse aspecto. Quando não tem possibilidade de arcar com todas as despesas, o que parece acontecer com frequência, ela administra as dívidas de forma que não deixe de fazer o que gosta, afirmando inclusive que não será a questão financeira a geradora de alguma crise entre ela e o atual marido.

Com o meu atual marido, a gente divide as contas, e paga o que dá... e o que vai dando a gente vai pagando. (...) Eu digo que eu tenho muitas contas pendentes, tenho um monte de coisas sem pagar... parcela um aqui, parcela o outro... mas eu não deixo de fazer as coisas que eu gosto. Por exemplo, vou lá comprar uma roupa diferente pro meu filho. Vou lá e compro. Posso tá com aquele dinheiro pra pagar aquela conta. Que... isso tem acontecido assim... de... três anos pra cá, vamos dizer assim. Então, eu deixei de ter aquela opinião formada, aquela preocupação demais, de ter que fazer aquilo ali, seguir com aquela obrigação, e deixar de fazer coisas pra mim. Não faço mais isso. A gente paga uma conta, no outro mês paga outra... Nisso a gente se entende bem. E aí eu falo: “-Hoje eu quero tomar alguma coisa diferente.” E aí a gente vai na rua e compra. Não tem mais aquela preocupação de ter esse dinheirinho contadinho... “-Meu filho você quer uma coca-cola? Vou te pagar uma coca.” Então, com isso a gente também se entende, com relação a isso. Então, não é o problema financeiro que vai dar uma crise na gente. Eu falo pra ele: “-Você não pagou a conta de gás!?” então não paga. Se cortar, problema... mês que vem ele paga, aí paga a religação...então.. isso não vai causar problema nenhum pra gente. Hoje em dia não causa. A gente até

briga, discute, fala, uma coisa assim... mas não é isso que vai fazer a gente separar. Não é. (risos...) (Mara, 37 anos, secretária executiva).

Ao comentar sobre sua situação financeira atual, Leda aponta o quanto esse aspecto parece interferir na relação conjugal, na medida em que os próprios momentos de lazer dos dois passam a ser limitados.

Tem horas que eu sinto que interfere... eu acho que a mulher tem uma coisa que, agora que eu tô mais em crise, também profissional, assim, querendo desistir de alguns sonhos por causa de ter que manter muitas coisas financeiras, às vezes me dá uma irritação, porque você quer um pouco o homem que provém tudo, o lado financeiro, você quer sentir também essa segurança no homem, e essa parte eu não tô tendo no momento, entendeu, e ele também como homem tá ficando inseguro, a pessoa fica. Ele também tá meio deprimido com isso, porque também teve uma queda muito grande, então ele também tá deprimido com isso. Isso eu acho que interfere. A gente saia muito, saia assim, pra barzinhos, a gente tinha, no final de semana quando as crianças não estavam com a gente – porque agora nunca estão mais com a gente, é sempre com namorado, agora a casa sempre tá vazia – então a gente saia sempre. Tanto com eles quando eram pequenos, e a gente sempre podia sair... e agora a gente não tá saindo mais, é menos, por causa do lado financeiro, né, então isso cria uma tensão, porque a gente trabalha, trabalha, trabalha e não tem muito pra gastar com coisas nossas, é mais pras despesas da casa (Leda, 45 anos, professora).

Logo no início de seu relato, Leda aponta que se sente prejudicada profissionalmente pela privação de realizar alguns sonhos, o que fica impossibilitado justamente pela questão financeira. Tendo em vista uma queda no valor do salário de seu atual marido, a maior parte das despesas familiares passou a ficar sob sua responsabilidade, o que interferiu na possibilidade de seu aprimoramento profissional.

Embora não se refira especificamente à dimensão financeira, Torres (2000) aborda o quanto que diante das imposições da vida, são em geral as mulheres que se retraem no investimento profissional. A observação da autora parece estar relacionada ao que coloca Leda, na medida em que o investimento em sua vida profissional fica prejudicado por conta do seu salário estar mais comprometido com o sustento das despesas domésticas.

Conclui-se portanto que, quando existem constrangimentos ou imposições da vida familiar, são as mulheres que se retraem no investimento profissional. Mas essa retração existe mais como imposição das circunstâncias do que por vontade própria. Em outras fases do ciclo de vida conjugal poderão ser retomados investimentos mais personalizados, embora só quando certas condições estiverem reunidas as mulheres se permitam pô-los em prática. Em outras palavras, no caso feminino os projetos mais individualizados estão sempre condicionados à harmonização com a vida familiar, enquanto os masculinos tendem a ser formulados de forma independente desta (TORRES, 2000, p. 144).

6.3 Vida sexual e reprodutiva

*O meu amor tem um jeito manso que é só seu
De me fazer rodeios, de me beijar os seios
Me beijar o ventre e me deixar em brasa
Desfruta do meu corpo como se o meu corpo
Fosse a sua casa
Eu sou sua menina, viu? E ele é o meu rapaz
Meu corpo é testemunha do bem que ele me faz
(Chico Buarque – O Meu Amor)*

A sexualidade também foi um assunto abordado por várias das entrevistadas ao contarem sobre as diferenças percebidas por elas entre o primeiro e o segundo casamento e a emergência de novas subjetividades.

Segundo Giddens (1993), o velho chavão de que mulheres só querem amor e homens, só sexo é coisa do passado. Segundo o autor, atualmente, os dois querem as duas coisas. As próprias diferenças de expectativa da relação conjugal, antes características, especificamente, do homem e da mulher, estão hoje com suas “fronteiras” mais tênues.

De acordo com o autor, os novos casamentos têm sido sustentados pela qualidade da relação afetiva e sexual de cada casal, sendo as regras que regem esse acordo determinadas pelos próprios cônjuges, muitas vezes sem a interferência de dogmas ou sacramentos religiosos e sem a chancela formal da lei civil (Giddens, 1993).

Fonseca (1995) aponta que a valorização da dimensão sexual no casamento pode estar relacionada à vinculação do amor à relação conjugal.

Talvez seja a incorporação do amor dentro da relação conjugal que tenha engendrado o novo culto – não do amor, mas sim do prazer e, paradoxalmente, do prazer extraconjugal. A função reprodutiva do casal perdeu seu lugar prioritário, pelo menos no plano simbólico. O casal não é mais ligado forçosamente à situação familiar. Sobrou então o que? A dimensão “afetivo-sexual”. (...) O que nos interessa é a segunda parte dos termos, o “sexual”. Não o sexual dos sexólogos medievais, mas sim dos sexólogos contemporâneos. Confirmando a análise de Foucault, invertamos a hipótese repressiva, fazendo do “sexual” *a raison d’être* mais nobre do casal [grifos da autora] (FONSECA, 1995, p. 79).

Rebreyend (2006) fala sobre o movimento da desvinculação da sexualidade à procriação e a sucessiva associação, especialmente a partir do século XX, à autonomização e ao prazer.

A antropóloga Miriam Goldenberg, em entrevista à Revista Época (19/04/2010), aponta que, em geral, o sexo assume papel preponderante no casamento, podendo inclusive determinar o fim da relação. Esta parece ser a opinião de Marina, que expressa a grande importância que assume a dimensão sexual, configurando-se, segundo ela, como aspecto central, tanto para a busca de um possível cônjuge/companheiro, quanto para a manutenção do casamento.

Eu acho que ninguém vai se separar de alguém se sexualmente está satisfeito. Então eu acho que a primeira busca para você começar a ver outras pessoas é sexo. E talvez pro homem seja mais fácil porque o homem tem essa facilidade de viver uma vida sexual socialmente aceitável, mais do que uma mulher. Apesar de que a mulher hoje se libertou muito mais do que na minha época, mas pra mulher era muito mais difícil, né? A mulher não tinha essa liberdade. Se a mulher tinha relações ela era apontada, discriminada, né? Pro homem isso é mais aceitável socialmente, né? (Marina, 47 anos, profissional autônoma).

Além da importância que passa a ser atribuída à dimensão da sexualidade no casamento, Marina também comenta sobre a vivência da sexualidade diferenciada quando desvinculada do cenário conjugal. Nesse sentido, Bozon (2003) afirma:

O que caracteriza a união contemporânea não é só essa referência ao sentimento amoroso, mas também a importância crescente que assumiram, ao lado de um domínio conjugal em relativa decadência, os domínios e interesses individuais dos que se unem, e também o papel essencial que assume a sexualidade, primeiro, na constituição e, depois, na manutenção da relação conjugal. A relação de dependência que ligava a sexualidade ao casamento foi completamente invertida: da instituição matrimonial que dava direito à atividade sexual passou-se ao intercâmbio sexual como motor interno da conjugalidade. A sexualidade que era ontem um dos atributos do papel social do indivíduo casado tornou-se uma experiência interpessoal indispensável à existência da união (BOZON, 2003, p. 133).

Alba aborda um aspecto interessante da dimensão sexual, comentando que no seu atual casamento, “mais amigo”, a relação sexual é menos intensa. Se as diferenças entre os sentimentos de amor e paixão foram apontados anteriormente por algumas entrevistadas que comentaram, em geral, ser a paixão mais relacionada ao primeiro casamento, enquanto o amor mais vinculado ao segundo, esse aspecto também aparece quando o assunto é a sexualidade. No caso de Alba, no primeiro casamento, mais apaixonado, havia a cobrança pelo desejo sexual, enquanto no casamento atual há menos cobrança, mais compreensão e, ao mesmo tempo, uma relação sexual menos intensa.

É, é diferente, né, num casamento mais amigo, né, (risos)... não tem jeito, o sexo é menos intenso também... é mais amigo mesmo. Claro que tem porque é um casamento, mas não é como no primeiro casamento, que tinha toda

uma cobrança de... da paixão mesmo, “- Ah... você não me deseja mais porque você trabalhou muito hoje... Ah, você vai me trocar pelo trabalho...” Hoje tem uma confiança muito maior. “- Ah, hoje você tá cansada, né. Ah, hoje eu tô cansado...” (risos). No final de semana a gente até brincou, né, a gente namorou um pouquinho... aí no final eu falei assim pra ele “-Poxa, a gente podia namorar mais, né?” Aí ele: “- É pois é, mas você tá sempre cansada, e eu tô sempre cansado...” Aí ele até brincou assim: “- Mas dor de cabeça você não tem, né!?” (risos)... “- Então, aproveita que eu não tenho dor de cabeça...” (risos)... É só uma diversão, assim, que é muito mais suave, muito mais solta... mas que não é... paixão... não sei se dá pra entender, assim...é diferente... primeiro amor, é o primeiro amor... (risos) (Alba, 38 anos, psicóloga).

Ao comentar sobre sua pesquisa a respeito de conjugalidade, na qual entrevistou alguns casais com tempos diferentes de relacionamento, Heilborn (2004), a partir da fala de um dos entrevistados, aponta uma metáfora frequentemente utilizada para se falar da relação sexual no casamento, o que parece se aproximar do que Alba conta em sua entrevista.

Um código térmico dá inteligibilidade à oposição e discriminação do mundo amoroso e das sensações. Quente para paixão e “cool” para o tranquilo amor, sendo utilizado o termo em inglês e com um sentido claramente valorativo. Expressões como “amornar o desejo” acompanham a reflexão sobre a conjugalidade, propondo-lhe domesticar a vida sexual e amorosa como uma das alternativas de gestão da sexualidade e da vida cotidiana (HEILBORN, 2004, p. 121).

O que se pretende destacar é a diferenciação que fica bem marcada no discurso da entrevistada, quando ela conta sobre a vivência da dimensão da sexualidade no primeiro e no segundo casamento, mas ela não hierarquiza os dois.

Jablonski (2001) aponta a tensão entre a concomitante estimulação para um gozo maior da sexualidade, tão presente na mídia e nas artes, em paralelo com todos os aspectos que envolvem o cotidiano da relação conjugal. Bozon (2004) também comenta sobre a mudança na atividade sexual, caracterizada por uma diminuição no ritmo das relações quando, segundo o autor, após alguns anos de casamento, o casal se estabiliza. Ele ainda se refere especificamente aos casamentos no quais os cônjuges já tiveram a experiência de relações anteriores:

A mobilidade matrimonial contemporânea exerce um efeito duplo sobre as trajetórias pessoais e os contextos do exercício da sexualidade: a proporção de indivíduos que tiveram pelo menos duas vivências conjugais aumenta, assim como daqueles que passam por fases mais ou menos duráveis da vida não conjugal durante a idade adulta, após a separação. O curso da vida sexual dos segundos relacionamentos em nada difere dos primeiros: apenas se pode dizer que, para as uniões formadas após os 40 anos, a fase de estabilização sucede mais rapidamente a fase inicial (BOZON, 2004, p. 74).

Ao falar especificamente sobre a fase inicial do relacionamento com o segundo marido, Camila também comenta sobre momentos diferentes no que se refere à atividade sexual, ressaltando que a intensidade da vida sexual não era mais a mesma ao se comparar o início do namoro e algum tempo após o início do casamento.

No segundo casamento, a gente tinha uma vida sexual muito mais intensa quando namorava, quando a gente casou, ficou meio complicado, porque os problemas interferem na vida da gente também e a gente deixa de ter um pouco de paz, né, deixa de ter um pouco de cuidado, como foi o que eu falei, né, eu sou mais romântica, eu sou mais misteriosa, e o homem não é assim, né, eu acho que a grande maioria não é assim... então acaba acontecendo o que, acaba acontecendo que há um desleixo, a gente não sei cuida mais... (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

Essas impressões de Camila se assemelham ao que Bozon (2004) caracteriza como “fase nascente”, fase inicial do casamento, O autor descreve a mudança que frequentemente acontece com o casal no âmbito da atividade sexual, o que está associado à passagem do tempo podendo ser, portanto, associado tanto ao início do relacionamento de namoro quanto da relação conjugal. É interessante destacar que o autor se refere especificamente aos recasamentos, ressaltando que esse entusiasmo sexual está mais relacionado ao momento do vínculo conjugal do que à idade dos cônjuges.

Nesta fase nascente, que corresponde aos dois ou três primeiros anos de relacionamento, a atividade conjugal é inteiramente consagrada à construção do casal. Os parceiros atribuem uma grande importância à exclusividade sexual (fidelidade) e partilham o mesmo intenso desejo de manter relações sexuais, tanto mais que estão bastante disponíveis um para o outro, quando não tem filhos. Aqui, o entusiasmo sexual dos participantes é menos devido à sua idade do que à condição de cônjuges recentes, na medida em que se pode observar a mesma intensidade em segundas uniões que se iniciam com mais idade e já tendo havido outra experiência conjugal (BOZON, 2004, p. 72).

Em sua fala, Camila também comenta sobre certo “desleixo” com a manutenção do vínculo conjugal que, com o passar do tempo e os problemas vivenciados no casamento, passa a acontecer. Assim, o amor romantizado, bem característico do início de um relacionamento passa a dar lugar para outras formas de sentimento, conforme comenta Torres (2000):

Surgem também os problemas da trivialização do sentimento amoroso ao longo do casamento, verificando-se a distância entre o amor visto e popularizado nos livros e nos filmes, só para alguns, e o real do cotidiano conjugal. Retrabalha-se, assim, o código, suavizando-se seus aspectos mais “apaixonados” da primeira metade do século XVII. (TORRES, 2000, p. 149).

Ao relembrar sua experiência sexual com o seu primeiro marido, Leda fala sobre a relação que teve com um namorado após sua separação, comentando o quanto suas experiências iniciais no primeiro casamento contribuíram para uma sensação de estranhamento ao se envolver com um namorado, com características bem diferentes de seu primeiro marido.

O que foi vantagem pra mim, foi que eu tive um despertar pro sexo, um conhecimento no meu primeiro casamento, muito bom. Ele foi uma pessoa super sensível, uma pessoa assim que respeitava esse lado da mulher, eu acho que foi por isso que eu me apaixonei, porque ele foi muito afetuoso. Era muito romântico... teve isso tudo... por isso que eu acho que a queda foi forte... (risos)... ele teve tudo isso. Então isso, foi uma coisa que... o lado sexual foi muito forte, e muito intenso, assim, uma pessoa que respeitava esse lado da mulher... Por isso que talvez esse outro relacionamento no meio dos dois, um dos fatores foi isso, era uma pessoa muito pra baixo, muito negativa, muito cheia de traumas com essa parte sexual... então talvez isso, como eu tava sensível, eu não consegui lidar muito bem com essa pessoa e tudo... mas essa outra pessoa, esse segundo casamento, também não tem problema nenhum, porque eu acho que eu tinha essa bagagem, eu tinha essa experiência, boa, né. Então, eu acho que a gente fica até mais exigente, né, porque tem mulheres que acham que o sexo é pra você fazer, pra você dar prazer ao homem, né (Leda, 45 anos, professora).

Leda ainda prossegue, comentando que essas vivências no primeiro casamento também contribuíram como experiência para seu segundo casamento, no qual eles parecem lançar mão de outras estratégias para o entendimento, que não o diálogo, como acontecia com ela no primeiro casamento.

Então eu acho que conheci, tanto meu primeiro marido, quando nesse segundo casamento, a gente não tem problema nenhum, eu acho que eu só tive experiência, a minha experiência foi boa então eu acho que eu só acrescentei pro meu segundo relacionamento, foi muito bom. Ele sente calado, né, mas a gente se... consegue... na linguagem corporal, né, a gente não tem problema nenhum, a gente se expressa... e como a gente se deu muito bem nisso, nunca precisou a gente falar sobre isso, a gente não conversa muito “-Ah, eu gosto assim...” eu acho que as coisas foram acontecendo naturalmente... No primeiro casamento não tinha esses tabus não, por ele ter tido uma experiência mais intensa nesse lado, né, mas como a gente não tem muito problema, não é muito dito. É feito. (risos) (Leda, 45 anos, professora).

Ao comentar sobre um estudo realizado com casais que estavam no primeiro e no segundo casamento, Féres-Carneiro (2008) aponta que, embora a sexualidade seja considerada como importante por casais em ambas as situações, é no caso dos casais no segundo casamento que essa dimensão aparece de forma mais personalizada e criativa, para os quais inclusive são as maiores demandas e expectativas em relação à atividade sexual.

Assim como pode ser percebido no discurso de Leda, o que foi apontado pela autora, a respeito da sexualidade mais personalizada e criativa, também aparece na fala de Mara, quando ela comenta sobre os diferentes momentos que ela percebe no que se refere à experiência sexual.

Eu percebo, da mesma forma que idade. No começo tem mais quantidade, mais curiosidade, mais vontade... e com o passar do tempo, a gente vendo a qualidade da relação sexual, dos parceiros, a gente vai diminuindo o ritmo, e vai escolhendo mais qualidade do que quantidade. Com o meu primeiro marido não. A gente... queria fazer, rolava o clima e pronto. Com o segundo não. Já aconteceram várias outras conversas, fora do tradicional... e a gente até experimentou uma relação a três, uma coisa diferente... e aí eu vi que não era mais aquilo que eu queria... isso começou a desgastar, começou a cobrar um lado, e o outro não... mesmo a gente conversando muito sobre isso... E aí que foi começando a desgastar. E agora no terceiro relacionamento a gente conversa muito sobre isso, mas eu digo que não é isso que eu quero. Que a gente pode até experimentar mas eu não vou assim - vou por vontade, porque na hora você fica com vontade, mas não vou por culpa. Hoje em dia eu faço tudo sem remorso, sem culpa, se tiver que acontecer, vai acontecer, se não tiver, não acontece... nada de ficar brigando. A gente respeita a individualidade de cada um, mais do que antes, do que nos outros relacionamentos. (...) Então a gente na brincadeira, acaba conversando coisas sérias, e acaba confirmando as nossas expectativas, as nossas vontades, que são sempre parecidas (Mara, 37 anos, secretária executiva).

Assim como identificamos no discurso de Leda, para Mara, a partir das experiências vivenciadas, a sexualidade também passa a assumir outras configurações, deixando de ser mais valorizada a quantidade de relações sexuais, mas sim a qualidade de cada uma delas. Nesse sentido, o diálogo e outras maneiras de experimentar a atividade sexual são meios para buscar essa vivência em sua melhor forma.

Camila aborda outro aspecto sobre a dimensão da sexualidade, comentando sobre sua maneira de perceber a relação entre amor e sexo e coloca que, para ela, o sentimento deve estar necessariamente associado à experiência sexual.

Pode ser até alguma coisa antiga lá do baú, mas pra mim, sexo tem que ter amor, tem que ter envolvimento, tem que ter romance... sexo por sexo eu não faço. Eu sou... ao mesmo tempo que eu sou emotiva, penso com o coração, eu também sou racional, né. Então assim, é... a mídia fala, você transa três/quatro vezes por semana é.. quatro vezes por mês, faz sexo ou faz amor... pra mim, não existe fazer sexo. Sexo é outro nome que você dá pra

fazer amor. Eu aprendi que isso é pra reprodução, mas já vi que isso é furada, não é pra reprodução porque todos os casais fazem e não é com o sentido de reprodução apenas. Então, é uma coisa prazerosa, que é entre duas pessoas que, pra mim, tem que se amar. Não pode ser... pode até achar que ama e fazer, mas pra mim, tem que ter esse sentimento junto (Camila, 47 anos, coordenadora comercial).

O discurso da entrevistada Marina parece estar relacionado ao que coloca José Antonio Marina (2008), que comenta ser o sexo uma das “necessidades” supridas pela família, dentre outras também citadas pelo autor.

Temos muitas necessidades, e a família encarrega-se delas. Precisamos de sexo, mas também de companhia, intimidade, compreensão, entusiasmo criador, serenidade, sentido. Para o calor de tanta efervescência, aparece uma caudalosa insistência em converter a família, para além de uma estrutura econômica em uma instituição afetiva (MARINA, 2008, p.102).

Gisele, ao comentar sobre a dimensão da sexualidade, identifica de forma bem objetiva três momentos diferentes que, segundo ela, foram reflexos de sua condição em cada período e da maneira como estava vivenciando sua sexualidade. A entrevistada começa comentando sobre sua vida sexual no primeiro relacionamento.

Primeiro relacionamento. Eu acho que o que predominava era a carência, o medo, e... e aí, eu escolhi uma pessoa pela qual eu não tinha tanta atração sexual. Eu acho que eu escolhi o Gilson muito mais pelo companheirismo, pela amizade, pelo amor que ele tinha por mim... então, não era uma pessoa tão atrativa sexualmente pra mim. Então... enfim. E eu nem pude ampliar isso. Porque, tudo bem, a pessoa num primeiro momento não é atrativa, mas de repente eu... dependendo, de acordo com a minha vontade, né, eu poderia explorar... sei lá... enfim... aprofundar... mas eu não quis. Eu vi que não tem a ver, eu não quero... (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

Ela diz que as motivações que a levaram ao envolvimento com o primeiro marido foram a carência e o medo de ter um filho sem o apoio de um companheiro. A atração sexual não representou na ocasião um critério para escolha. Além disso, como Gilson era uma pessoa que representava mais um amigo ou um companheiro, do que um parceiro sexual, não houve o desejo de buscar a construção dessa atração.

Por outro lado, com o atual marido, embora tenha havido algumas “barreiras” iniciais, por conta de um vínculo e um diálogo melhor entre eles, há a oportunidade e o desejo de buscar o estímulo e a construção de uma atividade sexual mais prazerosa, que atenda a ambos nesse aspecto.

O Ronaldo, eu vejo assim... é... também não é aquela coisa, “-Nossa! Esse homem é... sei lá... um Adonis... morro de tesão só de olhar pra ele...” Eu acho que com ele eu pude aprofundar, questões minhas, dificuldades minhas, é... eu... a diferença é que naquela época eu não tinha condição de aprofundar. Eu esbarrei na dificuldade, na impossibilidade e... rompi a relação. Nessa, eu esbarrei na dificuldade, só que eu quis continuar a relação. Talvez por isso, porque com um... eu não sentia essa... quer dizer, com um eu sentia que a diferença era muito gritante. Com esse, tem diferença, mas somos mais próximos, nosso diálogo flui melhor, nossas idéias se encontram mais. Então... eu pude aprofundar. Assim, pude esbarrar nas minhas dificuldades sexuais, que vem de família, aquela coisa toda que a gente carrega... eu pude romper algumas barreiras. E aí, claro, é... muito melhor, muito mais prazeroso... é um encontro, na verdade (Gisele, 38 anos, engenheira ambiental).

|

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após nosso percurso de pesquisa, percebemos o quanto a experiência do recasamento é vivenciada por cada mulher de maneira extremamente singular. E, desde o início do estudo, nos voltarmos para a análise desses processos em particular, na trajetória da vida de cada uma das entrevistadas, sem traçar um perfil geral sobre o processo de recasamento, já se configurava como uma de nossas preocupações. Além disso, algumas questões pareceram perpassar as experiências de nossas entrevistadas.

A busca da felicidade aparece como um aspecto muito relacionado ao primeiro casamento, embora para algumas entrevistadas, essa também seja uma expectativa para a segunda relação. No entanto, mesmo quando isso é falado por elas, é apresentada pelas participantes alguma diferença no posicionamento delas nesse novo casamento. Nesses casos, a segunda relação parece se configurar como apenas um dentre outros fatores responsáveis pela felicidade em sua vida.

É possível que o processo de ampliação dos fatores responsáveis pela felicidade esteja relacionado à idade. Assim, ao se casarem pela primeira vez (mais jovens), o casamento representava para essas mulheres a principal e única possibilidade de alcance da felicidade. Por outro lado, ao se casarem pela segunda vez, após a vivência de outras experiências, esses fatores são mais diversificados, passando a compreender outras dimensões da vida.

Embora não tenha sido apresentado explicitamente pelas participantes, Rolnik (2006) comenta o prazer que pode ser obtido a partir da exibição à sociedade do padrão de felicidade alcançado no casamento. A autora fala sobre essa cobrança que parece configurar o atual contexto sócio-histórico no qual se desenvolvem as relações conjugais. Assim, além da busca pela felicidade apontada nas entrevistas, é interessante destacar que essas relações que estudamos acontecem em um contexto de busca pela sustentação e, sobretudo, exibição desse padrão de felicidade.

Outro aspecto interessante é que no período imediatamente seguinte à separação, as preocupações dessas mulheres não estavam relacionadas à busca por um novo namorado, ou futuro marido, mas especialmente aos filhos, à dimensão financeira e às estratégias de sustentação do cotidiano familiar sem a figura do companheiro.

Além disso, mesmo quando a possibilidade do envolvimento em uma nova relação conjugal era cogitada, o relacionamento e o estabelecimento do vínculo entre os filhos dela e

esse novo homem se configuraram como critério de extrema relevância na escolha desse novo companheiro.

Bozon e Beltzer (2006) comentam, a partir de sua pesquisa sobre o exercício da sexualidade após a ruptura conjugal, que os homens levam aproximadamente três meses para terem sua primeira relação sexual após uma separação, enquanto as mulheres demoram em torno de seis meses para a primeira relação após esse processo. Segundo os autores, essa diferença pode estar relacionada ao fato de que frequentemente a guarda dos filhos fica a cargo da mulher, e não sob a responsabilidade do pai.

Nesse sentido, temos uma problemática interessante. Se para algumas das participantes da pesquisa, esse parece um diferencial relacionado ao gênero, para as duas últimas entrevistadas (as únicas que moram com os filhos do primeiro casamento do atual marido), a dimensão do gênero se configura como uma variável circunstancial. No caso delas, a diferença parece estar localizada em quem permanece com a guarda dos filhos, independente de ser o homem ou a mulher. Segundo elas, o fato do marido atual ter permanecido com a guarda dos filhos do primeiro casamento também parece acrescentar outras questões a serem administradas na atual relação, de maneira semelhante ao que ocorreu com elas.

Assim, ao mesmo tempo em que a parentalidade parece ter uma vinculação naturalizada ao gênero (“é a mãe que deve permanecer com os filhos”), a possibilidade de outros arranjos familiares nos quais o pai assume a guarda dos filhos ou participa dela mais ativamente (como é o caso da guarda compartilhada, ainda pouco expressiva estatisticamente, mas com frequência em crescimento) aponta para um importante processo de mudança social.

É interessante destacar, também no caso específico dessas duas entrevistadas, que administrar as diferenças nos processos de educação dos seus próprios filhos e dos filhos de seu marido foi apontada por elas como uma questão importante a ser conduzida com cuidado.

Vale também ressaltar uma aparente tensão que identificamos no decorrer da pesquisa. As participantes se referiram a várias mudanças no segundo casamento que, segundo elas, contribuíram para uma experiência conjugal satisfatória. Por outro lado, encontramos na literatura, conforme já citado anteriormente, diversos autores que mencionaram impasses e possíveis complicações experimentados no recasamento.

O que parece sintetizar as considerações das mulheres que entrevistamos sobre o recasamento é que ao mesmo tempo em que se casar novamente não é uma expectativa delas

desde a primeira relação conjugal, por outro lado, o recasamento não é encarado por elas como resultado de um fracasso e, portanto, extremamente complicado. Assim, somente ao perceberem que o primeiro casamento não estava sendo bem-sucedido, decidem pela separação. E para algumas delas, ainda não é nesse momento que uma nova relação conjugal é cogitada, o que acontece apenas depois de conhecer um novo possível companheiro. Para elas o recasamento não é o melhor, a grande oportunidade. Mas se separar e casar de novo não significa um fracasso ou um grande desafio, com muitas chances de dar errado. Jablonski sintetiza esse aspecto por meio de uma frase que, segundo ele, é muito repetida entre separados/divorciados: “(...) não é que não tenha dado certo: deu certo sim, enquanto durou!” (JABLONSKI, 2001, p. 15). De certa forma, essa afirmação está relacionada ao título de nosso trabalho (“E viveram felizes... até o próximo casamento”).

Assim, conforme falado por uma das participantes, não parece que se envolver em uma relação e se separar seja um desejo *a priori*. Por outro lado, uma vez que a separação acontece, embora haja todo esse processo que frequentemente envolve certo sofrimento e mobilização, essa nova experiência conjugal pode ter suas vantagens.

Barros e Kastrup (2009) apontam: “Em síntese, a expansão do campo problemático de uma pesquisa ocorre por suas conclusões, mas também por suas inconclusões” (BARROS E KASTRUP, 2009, p.72). De fato, diante de toda a pluralidade com a qual nos deparamos em nosso campo de pesquisa, o estudo a respeito do recasamento aponta, sobretudo, para uma multiplicidade de outras questões.

Uma próxima investigação interessante poderia ser sobre o processo de recasamento a partir do discurso dos homens envolvidos em uma segunda relação, considerando a trajetória do estudo que traçamos direcionada mais especificamente à mulher.

A análise com maior profundidade de dimensões específicas da conjugalidade tais como a sexualidade, a fidelidade, a administração financeira e cotidiana da casa, por exemplo, se configuram como possibilidades interessantes para futuros estudos.

Outro aspecto de grande relevância para esse campo seria o desenvolvimento de pesquisas que promovessem o diálogo entre as experiências de recasamento de pessoas inseridas em diferentes contextos sócio-econômicos e culturais, considerando que as concepções sobre conjugalidade, separação/divórcio e recasamento estão situadas de acordo com essas variáveis que certamente engendram outros sentidos dessas vivências.

Assim, percebemos em nossa trajetória de pesquisa que o estudo sobre o recasamento, mais do que respostas, aponta principalmente para inúmeras questões, especialmente instigantes, sugerindo que o recasamento, embora seja um “casamento de novo” é sobretudo um novo casamento.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: Editora Sulinas, 2009.
- AYRES, Thiago Rodrigues. *Análise do Perfil da Classe Média Carioca*. Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE). Rio de Janeiro, 2006.
- BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro; relações entre homens e mulheres*. Tradução: GOMES, Carlota. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Pista 3: Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: Editora Sulinas, 2009.
- BARROS, Regina Benevides; PASSOS, Eduardo. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: Editora Sulinas, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.
- BAWIN-LEGROS, Bernadette. *From marriage to remarriage: Ruptures and continuities in parenting. European parents in the 1990s: contradictions and comparisons*. pp. 229-242. New Brunswick, NJ, US: Transaction Publishers, 1992.
- BERGER, Roni. Remarried families of 2000: Definitions, description and interventions. *Handbook of family development and intervention. Wiley series in couples and family dynamics and treatment*. pp. 371-390. Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons Inc. xxii, 2000.
- BELTZER, Nathalie; BOZON, Michel. La vie sexuelle après une rupture conjugale. Les femmes et la contrainte de l'âge. Éditions Institut National D'Etudes Démographiques/Population. pp. 535-551, Vol. 61, 2006.

- BOZON, Michel. Sexualidade e Conjugalidade: A redefinição das relações de gênero na França contemporânea. *Cadernos Pagu*, nº 20. Campinas, pp. 131-156, 2003.
- _____. *Sociologia da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BRAY, James H. Couple therapy with remarried partners. *Clinical handbook of couple therapy* (4th ed.), p. 499-519, New York, NY, US: Guilford Press. xv, 2008.
- BRITO, Leila Maria Torraca de. Família Pós-Divórcio: A Visão dos Filhos. *Psicologia Ciência e Profissão*. pp. 32 – 45. Nº 27 (1), 2007.
- BUCHER, Julia S. N. Ferro. O casal e a família sob novas formas de interação. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Ed. NAU, 1999.
- CANO, Débora Staub; GABARRA, Letícia Macedo; MOREÉ, Carmen Ocampo & CREPALDI, Maria Aparecida. *As Transições Familiares do Divórcio ao Recasamento no Contexto Brasileiro*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2). Porto Alegre, pp. 214-222, 2009.
- CARBONE, June. Redesigning Family in an Era of Divorce. *PsycCRITIQUES*. Vol. 46 (1). Victoria University of Wellington. New Zealand. pp. 17 – 19, 2001.
- COIMBRA, Cecília; NASCIMENTO, Maria Livia do. O Efeito Foucault: Desnaturalizando Verdades, Superando Dicotomias. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol. 17, nº 3, pp. 245-248: Brasília, 2001.
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- CROSBIE-BURNETT, Margaret; AHRONS, Constance R. From divorce to remarriage: implications for therapy with families in transition. *Journal of Psychotherapy & the Family*. Vol 1 (3), p. 121-137: Rock Island, USA, 1985.
- DAHL, Ann S.; COWGILL, Kathryn M.; ASMUNDSSON, Rigmor. Life in remarriage families. *Social Work*. Vol 32 (1), p. 40-44, 1987.
- DE SINGLY, François de. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: *Família e individualização*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

- _____. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DIGIOVANNI, Rosângela. Rasuras nos álbuns de família: em estudo sobre separações conjugais em processos jurídicos. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- DUPUIS, Sara B. Examining Remarriage: a look at issues affecting remarried couples and the implications towards therapeutic techniques. *Journal of Divorce and Remarriage*, vol. 48, nº 1-2, p. 91-104: USA, 2007.
- _____. An Ecological Examination of Older Remarried Couples. *Journal of Divorce and Remarriage*, vol. 50, nº 6, p. 369-387, Aug-Set, 2009.
- ELLIS, Amanda, J. Second Time Around: A preventive intervention for remarried couples. *Australian Journal of Sex, Marriage & Family*. Vol 5(3), 139-146: Australia, 1984.
- FÉRES- CARNEIRO, Terezinha. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos psicológicos*. Vol. 8, nº 3, pp. 367-374. Natal, 2003.
- _____. *Conjugalidades Contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade*. Pesquisa em andamento. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <http://www.fundamentalpsychopathology.org/?s=43>. Acesso em 07.abril.2009.
- FONSECA, Claudia. Amor e família: vacas sagradas da nossa época. In: RIBEIRO, Ivete e Ribeiro, Ana Clara. (orgs.). *A família em processos contemporâneos. Inovações culturais na sociedade brasileira*. pp. 69-89. São Paulo: Ed. Loyola, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GANONG, Lawrence H.; COLEMAN, Marilyn. *Remarried family relationships*. Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, Inc. xiii, 1994.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

- GOLDENBERG, Mirian. De amélias a operárias: Um ensaio sobre os conflitos femininos no mercado de trabalho e nas relações conjugais. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontro*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GORZ, André. Carta a D. História de um amor. São Paulo: Annablume: Cosac Naify, 2008.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2005;
- HEILBORN, Maria Luiza. O que faz um casal um casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas. In: RIBEIRO, Ivete e Ribeiro, Ana Clara. (orgs.). *A família em processos contemporâneos. Inovações culturais na sociedade brasileira*. pp. 91- 106. São Paulo: Ed. Loyola, 1995.
- _____. *Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004.
- _____. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. Capítulo 1. In: HEILBORN, M. L. et al. *O aprendizado da sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. pp. 30-58. Rio de Janeiro: Editora Garamond e Fiocruz, 2006.
- HURD, Clarke L. Remarriage in later life: older women's negotiation of Power, resources and domestic labor. *Journal Women Aging*: 17 (4): 21-41, Vancouver, Canada, 2005.
- JACQUET, Chirstine e COSTA, Livia A. F. A. As práticas educativas nas famílias recompostas: notas preliminares. *Revista Sociedade e Cultura*. Universidade Federal de Goiás. Vol. VII, nº2, jul/dez, 2004, p. 179-189. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/982/1185>. Acesso em 11.agosto.2009.
- JABLONSKI, Bernardo. Atitudes frente à crise do casamento. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (org.). *Casamento e família: do social à clínica*. p. 81-95. Rio de Janeiro: Ed. NAU, 2001.
- KASLOW, Florence W. Understanding and treating the remarriage family. *The Hatherleigh guide to marriage and family therapy. The Hatherleigh guides series*, vol. 6, p.73-98: USA, 1996.

- KESHET, Jamie K. *The remarried couple: stresses and successes. Relative strangers: Studies of stepfamily process.* pp. 29-53. Savage, MS, England: Rowman & Littlefield. Xi, 1988.
- LAMDEN, Andrew; KING, Mariam J. e GOLDMAN Ruth K. Divorce: crisis intervention and prevention with children of divorce and remarriage. pp. 83-104. Mahwah, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2002.
- LASCH, Christopher. *A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo.* LASCH-QUINN, Elisabeth (org.). Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1999.
- LOURAU, René. Objeto e método da análise institucional. In: ALTOÉ, Sonia (org.). *René Lourau: analista institucional em tempo integral.* Rio de Janeiro: HUCITEC, 2004.
- MACHADO, Lia Zanotta. Famílias e individualismos: tendências contemporâneas no Brasil. Interface, Comunicação, Saúde, Educação. pp. 11 – 36, vol. 4, nº 8, 2001.
- MARCONDES, Glaucia dos Santos. As famílias de segundas uniões: um elo perdido na Demografia da Família. In: *XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, 2004, Caxambu.* Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_760.pdf>. Acesso em 27. agosto. 2008.
- MARINA, José Antonio. O quebra-cabeça da sexualidade. Rio de Janeiro: Guarda-Chuva Editora, 2008.
- MCCARTHY, Barry W; GINSBERG, Rebecca L. Second marriages: challenges and risks. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, vol. 15, nº 2, p. 119-123: USA, 2007.
- MEDEIROS, Maria das Graças Lucena de. *Novos arranjos familiares: inquietações sociológicas e dificuldades jurídicas.* GT População e Gênero, XIII Encontro Nacional da ABEP, João Pessoa, 2002.
- MONCORVO, Maria Cecília Ribeiro. *Criando os filhos sozinha: a perspectiva feminina da família monoparental.* Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

- MUSKAT, Malvina E. Descasamento: a falência de um ideal. In: PORCHAT, Ieda (org.). *Amor, casamento, separação*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1992.
- NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou retorno ao mito do “amor romântico”? *Estudos Feministas*. pp. 609-627. Florianópolis, 15(3), 2008.
- OLIVEIRA, Márcia Aparecida Miranda de; WAGNER, Adriana. A família recasada: papéis, função e a educação dos filhos. *Alcance – Psicologia*. pp. 27 – 35. Ano VII, nº 5. Itajaí, 2000.
- OSBUCH, Terri, L.; THORNTON, Arland e CANCIO, Jennifer. The impact of marital quality, divorce and remarriage on the relationships between parents and their children. *Marriage and family review*. pp. 221-246. Vol 29 (4): USA, 2000.
- PAIS, José Machado. Namoro, casamento e estratégias conjugais. In: PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. pp. 279-316. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.
- PETRINI, João Carlos. Mudanças sociais e familiares na atualidade: reflexões à luz da história social e da sociologia. *Memorandum*, 8, abr/2005. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP. Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/petrini01.htm>. Acesso em 06.março.2009.
- PORTCHAT, Ieda. Pensando a dor da separação conjugal. In: PORCHAT, Ieda (org.). *Amor, casamento, separação: a falência de um mito*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- REBREYEND, Anne Claire. Anne-Claire Rebreyend, *Pour une histoire de l'itime. Sexualités et sentiments amoureux em France de 1920 à 1975*. Université Paris 7 – Denis Diderot, 2006.
- RIBEIRO, Juliana de A. F. *Observações iniciais sobre feminilidade*. Monografia de graduação, Rio de Janeiro, UERJ, 2007;
- RIZZINI, Irene; VALENTE, Maria Luiza Campos da Silva. Recasamento: impactos sobre as crianças. In: SOUZA, Ivone M. C. Coelho de (org.). *Casamento: uma escuta além do Judiciário*. pp. 461-476. Florianópolis: Ed. Voxlegem, 2006.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental*. Porto Alegre: Ed. Sulina, Ed. da UFRGS, 2006.

- ROUDINESCO, Elizabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.
- SAGER, Clifford J. *The divorce and the divorce therapy handbook*. pp. 351-368. Lanham, MD, USA: Jason Aronson. xii, 1989.
- SOARES, Laura Cristina Eiras Coelho. “*No Fogo Cruzado*”: *Desafios e vivências de pais e mães recasados*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.
- STRYCKMAN, J. *Widowhood, remarriage and sexuality a study in the Quebec City Region*. pp. 147-154. Sante Men Que; 5(2): 1980.
- THÉRY, Irène. L’énigme de l’égalité. Mariage et différence des sexes dans À la recherche du bonheur. pp. 128 – 147. *Esprit*, nº 252, 1999.
- TORRES, Anália. *A individualização no feminino, o casamento e o amor*. In: Família e individualização. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- TORRES, Anália. *A individualização no feminino, o casamento e o amor*. In: PEIXOTO, C.E.; DE SINGLY, François; CICCHELLI, V (orgs.). *Família e Individualização*. pp. 135-156. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- TRAVIS, Susan. *Construções Familiares: Um Estudo Sobre a Clínica do Recasamento*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2003.
- UZIEL, Anna Paula. “*Tal pai, tal filho*” em tempos de pluriparentalidade. *Expressão fora do lugar?*. XXIV Encontro Nacional da ANPOCS, 2000, Petrópolis. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs00/gt05/00gt0531.doc>. Acesso em 02.abril.2009.
- _____. *Homossexualidade e Adoção*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- VELHO, Gilberto. A busca de coerência: coexistência e contradições entre códigos em camadas médias urbanas. In. FIGUEIRA, Sérvulo (org.). *Cultura da psicanálise*. pp. 169-177. São Paulo. Brasiliense, 1985.
- VISHNER, Emily B.; VISHNER, John S. Treating families with problems associated with remarriage and step relationships. *Families in trouble series*, Vol. 5, pp. 222-244. Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, 1988.

- VISHER, Emily B.; VISHER, John S; PASLEY Kay. *Remarriage families and stepparenting. Normal family process: Growing diversity and complexity*. pp. 153-175. New York, NY, US: Guilford Press, xvii, 2003.
- WAGNER, Adriana; HALPERN, Silvia C.; BORNHOLDT, Ellen A. Configuração e estrutura familiar: Um estudo comparativo entre famílias originais e reconstituídas.. *PSICO*.. Vol 30 (2), pp. 63-73, Jul-Dec, 1999.
- WALSH, William M. Twenty major issues in remarriage families. *Journal of Counseling & Development*. Vol 70 (6), pp. 709-715, Jul-Aug: Alabama, USA, 1992.
- WHITESIDE, Mary F. *Remarried systems. Children in family contexts: perspectives on treatment*. New York, NY, US: Guilford Press. xix, 1989.

Outros artigos

- CÂMARA, Selma. *A mulher madura e o divórcio*. Associação dos Defensores Públicos do Ceará. Disponível em <http://www.adpec.org.br/noticias/2-15>. Acesso em 30.julho.09.
- GOLDENBERG, Miriam - Revista Época, p. 121 – de 19/04/2010).
- MEDEIROS, Martha. *A caricatura do primeiro casamento*. Revista O Globo. Jornal O Globo, 5 de julho de 2009.
- OLIVEIRA. Maria Coleta. *Lei igualitária*. CLAM. Entrevista publicada em 11/07/2007. Disponível em <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=2862&sid=43>. Acesso em 04.janeiro.10.
- PERROT, Michelle. *O nó e o ninho*. Revista Veja: Reflexões para o futuro. Editora Abril, 1993.
- SIMONETTI, Alfredo. Revista Época, p.121, de 19/04/2010. Editora Abril, 2010.

ANEXO I – PERFIL DAS ENTREVISTADAS

ANEXO I - PERFIL DAS ENTREVISTADAS										
Nome	Idade	Formação acadêmica	Ocupação profissional	Com quem vive atualmente	Faixa de renda familiar mensal (em salários mínimos)	Bairro	Idade ao se casar pela 1ª vez	Duração do 1º casamento	Idade ao se casar pela 2ª vez	Duração do 2º casamento
Rita	47 anos	3º grau incompleto (Ciências Contábeis)	Atualmente não trabalha	Marido, a filha do 1º casamento e a filha do casamento atual	acima de 20	Botafogo	22 anos	1 ano e meio	28 anos	19 anos
Andreia	36 anos	Técnico em Secretariado, Normal e está cursando Administração de Empresas	Secretária executiva	Marido, a filha do 1º casamento, a filha do casamento atual e sua mãe	entre 12 e 20	Tijuca	22 anos	5 anos	29 anos	6 anos
Marina	47 anos	3º grau completo (Psicologia)	Autônoma (sócia de uma empresa)	Marido, os 3 filhos do primeiro casamento e o filho do casamento atual	entre 8 e 12	Cachambi	23 anos	5 anos	28 anos	19 anos
Alba	38 anos	3º grau completo (Psicologia)	Psicóloga	Marido e as duas filhas do primeiro casamento	entre 8 e 12	Flamengo	18 anos	12 anos	29 anos	9 anos
Leda	47 anos	pós-graduação	Professora	Marido e os dois filhos do primeiro casamento	entre 4 e 8	Tijuca	19 anos	11 anos	32 anos	15 anos
Mara	37 anos	3º grau completo (Secretariado Executivo)	Secretária executiva	Marido e o filho do primeiro casamento	entre 2 e 4	Piiares	20 anos	2 anos e meio	23 anos	8 anos
Camila	47 anos	3º grau completo (Letras)	Coordenadora comercial	Marido, a filha do primeiro casamento e o filho e a filha do primeiro casamento do atual marido.	entre 12 e 20	Jacarepaguá	29 anos	3 anos	44 anos	3 anos
Gisele	38 anos	3º grau completo (Engenharia Ambiental)	Engenheira ambiental	Marido, o filho do primeiro casamento, o filho do segundo casamento e um dos filhos do primeiro casamento do atual marido	acima de 20	Botafogo	28 anos	2 anos e meio	32 anos	6 anos

* Mara foi a única entrevistada que está casada pela 3ª vez. Casou aos 35 anos com o atual marido. Estão casados há 2 anos. As informações (com quem vive, a renda e o local de residência) são referentes à sua situação atual.

ANEXO II – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Informações pessoais

- Idade
- Local de residência
- Grau de escolaridade (dela e dos cônjuges)
- Atuação profissional

Abordagem geral sobre recasamento

- O número de separações vem aumentando a cada ano, e a quantidade de pessoas que se casam novamente também. Como você percebe isso?
- Acha que o processo é diferente para homens e mulheres? Em que sentido?

Sobre a história das entrevistadas especificamente

- E no seu caso, que fatores/condições você acha que foram mais determinantes para sua separação? Por quê?
- Conte um pouco como ficou a sua vida depois da separação.
- Após a sua separação, você se imaginava casando novamente, isso fazia parte dos seus planos? Quais eram suas expectativas depois que você se separou?
- Como foi esse período entre os dois casamentos?
 - Você chegou a ter outras relações? Como você as avalia?
- Que fatores você acha que te levaram a escolher casar pela primeira e pela segunda vez? Nota diferenças? De que ordem?
- Quais eram suas expectativas para o primeiro e para o segundo casamento?
- Você percebe ou não alguma diferença em você nessa segunda relação? (*Quanto, por exemplo, ao seu posicionamento na relação, seu envolvimento com o cônjuge...*)

- E com relação à vida sexual e reprodutiva?
 - Como você a caracteriza no atual casamento, na sua primeira relação conjugal, no período entre os dois casamentos (caso tenha havido relações) e com o período em que ainda não tinha filhos?
 - Esse é um assunto conversado por vocês?
 - Há regras/acordos estabelecidos explicitamente? Ou é algo que fica implícito?